

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

OSMAR WEYH

MEMÓRIAS FEMININAS:
A FORMAÇÃO DA BIBLIOTECA DO IAB-RS E A COLEÇÃO
DA ARQUITETA GLENDA PEREIRA DA CRUZ

Porto Alegre

2021

OSMAR WEYH

MEMÓRIAS FEMININAS:
A FORMAÇÃO DA BIBLIOTECA DO IAB-RS E A COLEÇÃO
DA ARQUITETA GLENDA PEREIRA DA CRUZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Jeniffer Cuty

Porto Alegre
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora: Profa. Dra. Patricia Helena Lucas Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice Diretora: Profa. Dra. Vera Regina Schmitt

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Chefe Substituto: Profa. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Dias

Coordenador Substituto: Profa. Dra. Helen Rose Flores de Flores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W547m Weyh, Osmar

Memórias femininas : a formação da Biblioteca do IAB-RS e a coleção da arquiteta Glenda Pereira da Cruz / Osmar Weyh. -- 2021. 126 f.

Orientadora: Jeniffer Alves Cuty.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Acervo. 2. Biblioteca Institucional. 3. Memória. 4. IAB-RS Porto Alegre, RS, Brasil. I. Cuty, Jeniffer, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana

Porto Alegre/RS – CEP 90035-007

Telefone: 51 3308 5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

Osmar Weyh

**MEMÓRIAS FEMININAS: A FORMAÇÃO DA BIBLIOTECA DO IAB-RS E A
COLEÇÃO DA ARQUITETA GLENDA PEREIRA DA CRUZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: ___/___/___

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. Jeniffer Cuty (Orientadora)
UFRGS/FABICO/DCI

Profa. Dra. Jussara Borges de Lima (Examinadora)
UFRGS/FABICO/DCI

Profa. Dra. Márcia Bertotto (Examinadora)
UFRGS/FABICO/DCI

Porto Alegre
2021

AGRADECIMENTOS

Quero deixar meu agradecimento a todas as pessoas que, de alguma forma, colaboraram comigo na realização deste trabalho. O destaque de alguns nomes é só uma maneira encontrada a fim de homenagear todas as pessoas pelo incentivo e apoio que tive ao longo desses 4 anos (e um pouquinho mais).

Agradeço à UFRGS pela oportunidade de conhecimento e estudo, assim como os estágios e bolsas de pesquisa, tão importante para minha formação e de tantos outros estudantes.

A minha orientadora, Doutora Jeniffer Alves Cuty, pela admirável orientação a mim concedida. Agradeço-lhe por tudo, principalmente por acreditar em mim, pela confiança depositada no meu trabalho, pelo incentivo, paciência e muitos cafés, fundamentais para chegar até o fim desta jornada.

Aos meus professores, onde encontrei a base de conhecimento necessária para esta formação e de onde tirei o alimento necessário para instigar o desconhecido.

Aos meus amigos e colegas pelo incentivo, e apoio. Em especial aos amigos que fiz nesses anos: Ana, Luciane, Elisabeth, Nath, Camila, Amanda, Raquel, Lari. E principalmente a Viviane e Amanda, pelos mates e cafés, além de todo o auxílio para não surtar ao longo do TCC.

Aos bibliotecários e amigos, Sheila, Ismael, Miriam, entre tantos, que sempre me socorreram e foram inspiração nesta profissão que escolhi.

Tamáris, Glenda e Madalena, pela amizade, conversas, trocas de experiências e por compartilharem suas memórias nesta pesquisa.

A minha mãe, minha irmã e meu padrasto, pela paciência, suporte e garra na conquista de algo melhor no futuro, sendo meu porto seguro nas horas de dificuldade e dando a força necessária para chegar até aqui.

*Os livros não são feitos para
acreditarmos neles, mas para serem
submetidos a investigações. Diante
de um livro, não devemos perguntar
o que diz, mas o que quer dizer...*
Umberto Eco, O Nome da Rosa

RESUMO

Esta pesquisa trata da valoração de acervo bibliográfico, por meio de estudos de memória e das interfaces entre Biblioteconomia, Museologia e o campo do Patrimônio. Tem como universo de pesquisa o Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento Rio Grande do Sul (IAB-RS), localizado no Solar Conde de Porto Alegre no Centro Histórico da capital. O IAB-RS possui um acervo especializado em arquitetura, com destaque para planejamento urbano, patrimônio cultural, políticas habitacionais, história da arquitetura, projetos arquitetônicos, entre outros temas específicos da área. Essa pesquisa parte do questionamento de como se originou e está sendo estruturada a Biblioteca Enilda Ribeiro do IAB-RS e quais as possibilidades de valoração da coleção Glenda Pereira Cruz, doada para este acervo. Possui como objetivo geral, portanto, identificar a formação da biblioteca e valoração desta coleção doada, através de narrativas e memórias de interlocutoras. Dentre os objetivos específicos, destacamos: a identificação dos valores e interesses institucionais; análise do ethos, visão de mundo e trajetória social presente nas narrativas das interlocutoras, sobre a formação da biblioteca e da coleção bibliográfica; análise do processo e dos princípios que determinaram ou influenciaram na formação do acervo doado e na identificação de obras mais significativas e fragmentos de memória presentes na coleção Glenda Pereira Cruz. Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivo descritivo que utiliza procedimentos de pesquisa documental, bibliográfico e uso de entrevistas não-diretivas, com referencial teórico de Maurice Halbwachs (1990), Paul Ricoeur (2007), Pierre Nora (1993) e Walter Benjamin (1987), abordando os conceitos de memória e lugares de memória, narrativas e o livro como suporte de memória. O acervo doado, complementa áreas de assunto existente na Biblioteca, assim como, oferece elementos que influenciam para uma política de doação de acervos, uma melhor catalogação e classificação de livros, promovendo assim, a pesquisa e o melhor uso destas obras, além de um resgate da trajetória da própria Instituição, da profissão e das pessoas às quais os livros pertenciam.

Palavras-chave: acervo institucional; atuação de mulheres; biblioteca especializada; memória coletiva; Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS.

ABSTRACT

This research deals with the valuation of bibliographic collection, through memory studies and the interfaces between Library Science, Museology and the field of Heritage. Its research universe is the Institute of Architects of Brazil, Department of Rio Grande do Sul (IAB-RS), located at Solar Conde de Porto Alegre in the Historic Center of the capital. The IAB-RS has a collection specialized in architecture, with emphasis on urban planning, cultural heritage, housing policies, architectural history, architectural projects, among other specific topics in the area. This research starts from the questioning of how the Enilda Ribeiro Library of the IAB-RS originated and is being structured and what are the possibilities of valuing the Glenda Pereira Cruz collection, donated to this collection. Its general objective, therefore, is to identify the formation of the library and the valuation of this donated collection, through narratives and memoirs of interlocutors. Among the specific objectives of this research, we highlight: the identification of institutional values and interests; analysis of the ethos, worldview and social trajectory present in the interlocutors' narratives on the formation of the library and bibliographic collection; analysis of the process and principles that determined or influenced the formation of the donated collection and the identification of the most significant works and memory fragments present in the Glenda Pereira Cruz collection. This study is characterized as research with a basic approach, of a basic nature, with a descriptive objective that uses documental and bibliographical research procedures and the use of non-directive interviews, with the theoretical framework of Maurice Halbwachs (1990), Paul Ricoeur (2007), Pierre Nora (1993) and Walter Benjamin (1987), approaching the concepts of memory and places of memory, narratives and the book as a support for memory. The donated collection complements existing subject areas in the Library, as well as offering elements that influence a collections donation policy, a better cataloging and classification of books, thus promoting the research and better use of these works, in addition to a rescue of the Institution's trajectory, the profession and the people to which the books belonged.

Keywords: institutional collection; women's actions; specialized library; collective memory; Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema de pesquisa	16
Figura 2: Edifício Instituto dos Arquitetos do Brasil, IAB-RS	26
Figura 3: Ruínas Solar	27
Figura 4: Solar Conde Porto Alegre: Sede IAB-RS	28
Figura 5: Acervo na sala anexa à Galeria dos Presidentes IAB-RS	29
Figura 6: Acervo IAB-RS: novo mobiliário	32
Figura 7: Processo de organização do acervo	35
Figura 8: Doação dos livros: professora Glenda e Tamáris	108
Figura 9: Ex-libris Glenda	110
Figura 10: Mancha do jornal no livro	111
Figura 11: Marcações coloridas	111
Figura 12: Anotações	111
Figura 13: Cartão postal	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHDR - Arquivo Histórico Demétrio Ribeiro

APA - Associação Profissional dos Arquitetos de Porto Alegre

BiCAER - Biblioteca Comunitária Arquiteta Enilda Ribeiro

CAU/RS - Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul

CREA-RS - Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomias do Rio Grande do Sul

CUT - Central Única dos Trabalhadores

FA-UFRGS - Faculdade de Arquitetura na UFRGS

FNA - Federação Nacional dos Arquitetos

GEDUrb - Gabinete de Estudos, Documentação e Urbanismo

IAB-RS - Instituto de Arquitetos do Brasil Departamento Rio Grande do Sul

SAERGS - Sindicato dos Arquitetos no Estado Rio Grande do Sul

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 PROBLEMA E OBJETIVOS	12
1.2 JUSTIFICATIVA	14
1.3 ESTADO DA ARTE	16
2 UNIVERSO DA PESQUISA	21
2.1 INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL, DEPARTAMENTO RIO GRANDE DO SUL (IAB-RS)	21
2.2 CENTRO DE MEMÓRIA DO IAB-RS	29
2.3 BIBLIOTECA ENILDA RIBEIRO	32
2.4 ACERVO	34
3 CONSTRUÇÃO TEÓRICA METODOLÓGICA	36
3.1 ESTRUTURA DE DADOS	39
3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	41
4 REFERENCIAL TEÓRICO E ANÁLISE	43
4.1 MEMÓRIA	43
4.2 LUGARES DE MEMÓRIA	54
4.3 PROCESSO EVOLUTIVO DAS BIBLIOTECAS	56
4.4 BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS	60
4.5 QUADROS SINÓPTICOS	62
4.5.1 Sempre gostei do desenho	62
4.5.2 Contratada para esse serviço de office girl	75
4.5.3 A sola dos pés fazendo cócegas na calçada	89
4.6 FRAGMENTOS DE MEMÓRIA NO ACERVO	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICE A: RELATÓRIO DA BUSCA BIBLIOGRÁFICA NAS FONTES DE INFORMAÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	122
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	123
APÊNDICE C: GRANDES TEMAS DA BIBLIOTECA IAB-RS	125
APÊNDICE D: TEMAS COLEÇÃO GLENDA PEREIRA DA CRUZ	126

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas, os museus e arquivos se constituem como acervos de memória, espaços destinados para a salvaguarda, pesquisa, referência e valorização dos legados históricos, científicos e culturais deixados pela humanidade.

Percebemos de modo geral, a dificuldade das Instituições sobre a importância e os cuidados necessários para com o acervo que possuem ou sob sua tutela, bem como, o desenvolvimento de ações visando justamente criar espaços e processos necessários para a preservação e o cuidado com esses acervos. Tal descaso com o patrimônio, resulta na sua degradação, perda e na dificuldade do acesso informacional para pesquisas futuras.

O Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento Rio Grande do Sul (IAB-RS) se caracteriza como uma associação civil de direito privado e de interesse público, sem fins lucrativos, que promove a defesa da profissão de Arquitetura e Urbanismo, com participação em instâncias representativas da profissão e de conselhos públicos, desenvolvendo regularmente ações e projetos culturais.

Como a principal instituição do campo da Arquitetura e do Urbanismo do Brasil, tendo capitaneado significativos momentos da trajetória brasileira, entre elas as Diretas Já no período de reabertura do país pós-ditadura Civil-Militar de 21 anos, e participante da Rede RS de Pontos de Cultura, se destaca ao oferecer ao público diversos atrativos, como exposições de artes, cursos, palestras e eventos culturais.

1.1 PROBLEMA E OBJETIVOS

O IAB-RS possui um vasto acervo bibliográfico com diversos livros especializados na área da Arquitetura, alguns raros, de difícil aquisição ou não localizados em demais bibliotecas específicas da mesma área do conhecimento, bem como, uma coleção de periódicos, muitos já fora de circulação, ainda não estão digitalizados em outras plataformas e que possuem publicações de projetos de arquitetos de renome com relevância significativa na área, sobretudo projetos de arquitetos gaúchos.

Em relatos de antigos associados, equipe de trabalho e frequentadores, se comenta que havia uma biblioteca no IAB-RS, em sua sede na Annes Dias, muito frequentada e que além de atrair o público, principalmente com a proximidade de um

espaço com mesas e café, realizava em seu espaço saraus literários, feiras do livro, lançamento e encontro com autores. Mas, após a mudança para o Solar, a biblioteca deixou de existir.

Alguns materiais bibliográficos oriundos do IAB-RS, induzem-nos para uma formação preexistente e dão pistas sobre uma possível organização temática, característica de uma biblioteca, porém, não existem informações precisas ou registros, tais como, manuais, Livro de Tombo, políticas ou documentação específica. Existem apenas pequenos fragmentos em determinadas obras, através de carimbos em suas folhas de guarda, que os identificam como pertencentes à coleção da biblioteca do IAB-RS. Deixa diversos questionamentos, pois se havia uma biblioteca, como se formou ou originou-se essa coleção? Quem era a pessoa responsável por sua gestão? Qual era o público que frequentava e quais eram os assuntos mais solicitados?

Outro ponto a ser abordado é que no Solar Conde Porto Alegre, atual sede do IAB-RS, existe um grande volume de acervo bibliográfico, muito ainda não organizado e identificado, com pouca disposição de espaço físico adequado. Em meio a este cenário, vemos que o acervo é constantemente alimentado por doações espontâneas de arquitetos associados ao IAB-RS, sem qualquer seleção de materiais e a carência de uma política de doação.

Em janeiro de 2021, foi realizado o contato com a arquiteta Glenda Pereira da Cruz, para a doação e no interesse da salvaguarda da sua coleção particular de livros. Este acervo, apresenta abrangência nas áreas de história e urbanismo, sendo muitas destas obras, adquiridas em outros países e utilizadas pela própria Glenda para pesquisa e docência.

Deste contato, iniciaram os procedimentos necessários para se anexar e organizar esses livros ao acervo geral do IAB-RS, surgindo assim novos questionamentos, o que fazer com essas doações recebidas ou repetidas no acervo? Quais se legitimam para salvaguarda? Qual a importância da escolha de uma obra em detrimento de outra? Quais assuntos de interesse, idiomas, autores, raridade, estrutura física ou outro elemento presente em tais obras devem ser observados? Qual valor para a biblioteca e para a instituição o livro possui? Quais livros devem ser descartados? Quais devem ser desbastados? Quais devem ser adquiridos ou incorporados ao acervo existente? Quais suas principais coleções? Que temas são

abordados? Com base nisso, chegamos a problemática desta pesquisa, partindo do seguinte questionamento,

Como se originou e está sendo estruturada a Biblioteca Enilda Ribeiro do IAB-RS e quais as possibilidades de valoração da coleção Glenda Pereira Cruz para este acervo?

O objetivo geral desta pesquisa, portanto, é identificar a formação da biblioteca e valoração desta coleção doada, através de narrativas e memórias de interlocutoras.

Dentre os objetivos específicos, a pesquisa pretende:

- a) Identificar os valores e interesses Institucionais;
- b) Analisar ethos, visão de mundo e trajetória social presente nas narrativas das interlocutoras, sobre a formação da biblioteca e da coleção bibliográfica;
- c) Analisar o processo e os princípios que determinaram ou influenciaram na formação do acervo doado;
- d) Identificar obras mais significativas e fragmentos de memória presentes na coleção Glenda Pereira Cruz;

1.2 JUSTIFICATIVA

Os livros doados ou adquiridos em sebos, trazem consigo pequenos fragmentos de memória dos seus usuários, informações sobre o passado, que servem de base para futuros estudos sobre história e memória.

Esta pesquisa traz a possibilidade de não só identificar qual a importância que cada obra teve para ser incorporada ao acervo, mas realizar uma melhor organização, catalogação e arranjo físico do espaço, além de descobrir novas informações e relatos de memória que podem ter se perdido pelas areias do tempo.

O conjunto dos resultados deste estudo auxilia, assim, na elaboração futura de políticas de gestão de acervos, com procedimentos próprios para doação e aquisição de obras, permitindo definir critérios de seleção de materiais e legitimar o aceite ou não de determinadas obras. Existe ainda a possibilidade de estudos sobre as pessoas

que fizeram parte do desenvolvimento deste acervo, permitindo um diálogo com suas obras doadas e a memória de seus interlocutores.

A razão da escolha deste tema foi o interesse do autor em estudos sobre Memória, Musealização e na organização de acervos bibliográficos, partindo de sua própria experiência durante a bolsa de extensão, na qual teve participação na organização e estruturação do acervo bibliográfico da Biblioteca Enilda Ribeiro no IAB-RS.

Devido às restrições ocasionadas pela pandemia da Covid, várias ações tiveram que ser repensadas durante o desenvolvimento desta pesquisa, como contato limitado com o acervo restringido aos dias e horários de abertura do IAB-RS; protocolos de restrições da Covid, como distanciamento controlado, uso de equipamentos de proteção individuais (EPIs) e higiene com os objetos do acervo; a forma de coleta de dados, com entrevistas de forma online e maior registros de imagens; bem como, pesquisa e uso de material teórico disponível de forma online ou existente na biblioteca pessoal do pesquisador, devido à consulta restringida em bibliotecas que estavam fechadas em função da pandemia.

Na estruturação da pesquisa, a partir da justificativa, é apresentado o estado da arte com revisão literária de artigos e pesquisas que abordam ou questionam os conceitos elencados desta pesquisa.

Na segunda seção, o universo de pesquisa, ou seja, as informações sobre o IAB-RS – como principal instituição da classe de arquitetos e urbanistas do país e, no caso de departamento Rio Grande do Sul, com abrangência regional -, sua formação e histórico institucional, sua participação e engajamento político, sua contribuição para o ensino e âmbito profissional, mudanças de sede, a aquisição do Solar e fomento à Cultura. É apresentado a formação do Centro de Memória do IAB-RS e da Biblioteca Enilda Ribeiro, sua constituição de acervo, processo de catalogação e organização de materiais, bem como a estruturação do seu atual espaço físico.

Na terceira seção, apresentamos a construção teórico metodológica e os percursos metodológicos utilizados para a abordagem do tema, a estrutura do referencial teórico, dos dados e o instrumento de coleta de dados.

Na quarta seção, são apresentados o referencial teórico abordando o conceito de memória, lugares de memória, processo evolutivo de bibliotecas e conceito de biblioteca especializada. E a análise de dados coletados a partir das entrevistas, analisando as categorias de *ethos*, visão de mundo e trajetória social das

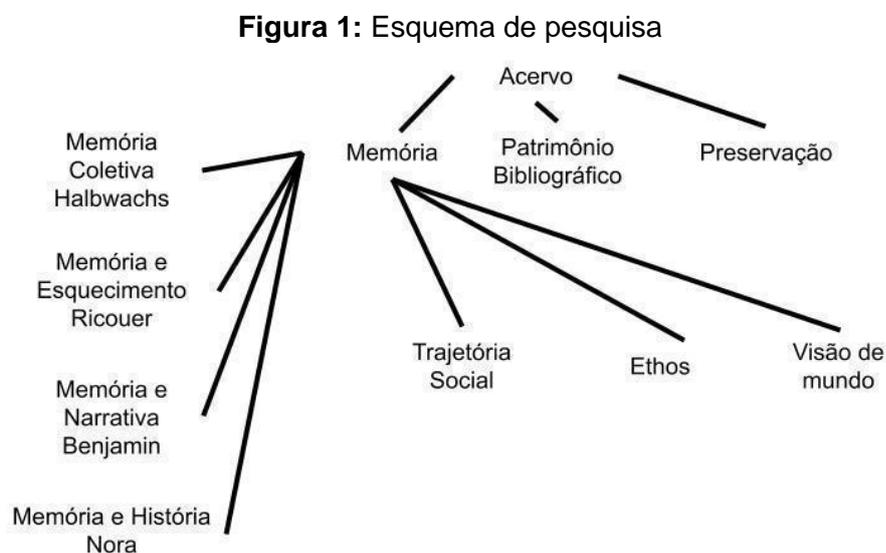
interlocutoras, suas percepções sobre o valor do acervo existente na Biblioteca e a análise destes dados em relação ao tema da pesquisa.

Na quinta seção, as considerações finais, onde retomamos o problema da pesquisa e as conclusões a que se pode chegar a partir dos estudos realizados, bem como, apontamentos e possibilidades de continuidade da pesquisa e desdobramentos no âmbito da Museologia, da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

1.3 ESTADO DA ARTE

Na revisão literária, procuramos observar quais assuntos ou apontamentos que dialogam com o objetivo geral desta pesquisa que, de certa maneira, abordam ou questionam sobre análise de acervos.

O esquema a seguir (Figura 1) foi pensado em uma doação ou acervo bibliográfico e como as pesquisas dialogam com os conceitos de memória, patrimônio bibliográfico, quais referências e autores utilizados e o que se aborda sobre a preservação destes materiais.



Fonte: Weyh (2021)

Os livros, como objetos de memória, constituem-se como registro de memórias, salvaguardados e preservados pelas bibliotecas. As bibliotecas são, portanto, responsáveis pelo acesso à informação e à preservação destes suportes informacionais.

A memória, presente nas pessoas, carrega para os objetos (no caso desta pesquisa, os livros) a personalidade dos seus donos, histórias, significados, simbologias, estilos de vida e visão de mundo e, nesta visão, podemos perceber as características únicas do indivíduo ou da sociedade em que vive.

A memória individual é constituída através da coletividade de outras memórias, uma comunidade, sendo estruturadas pelas memórias do entorno, nas quais o indivíduo está inserido e nas próprias experiências adquiridas. É uma memória viva, em crescimento, formada por toda a informação recebida carregada pelo indivíduo e compartilhada perante aos demais, repassada para todos os membros do grupo.

Essa revisão literária procurou, portanto, observar esse diálogo entre memória e patrimônio, em especial para acervos bibliográficos e coleções existentes em bibliotecas. A expressão de busca utilizada nas bases de dados e repositórios digitais foram: memória, acervo, biblioteca, com suas variações no idioma inglês em bases internacionais, o uso de booleanos (AND ou NOT) e truncagem (*), para maior escopo de variâncias de terminologias. Foram utilizados os repositórios do Portal da Brapci, Lisa, E-Lis, Banco de Teses e Dissertações da CAPES, Lume e Vitruvius.

Destacamos nessas bases (Apêndice A), os dados e as publicações que mais se aproximavam à temática da pesquisa. Os estudos selecionados desta consulta nas bases de dados, abordam a aproximação com a temática, concentrando-se na representatividade de acervos bibliográficos e documentais pertencentes a Instituições ou bibliotecas. Entre os principais recortes, temos:

Na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Araújo (2020) apresentou o artigo intitulado: “Uma proposta de arranjo documental para o acervo pessoal de Pedro Moacir Maia”, na revista Informação em Pauta. Propõe um quadro de arranjo com base nos procedimentos, nas técnicas e nas teorias arquivísticas para potencializar o processo de construção da memória individual do acervo pessoal de Pedro Moacir, utilizando técnicas arquivísticas como parâmetro para investigação do objeto de pesquisa. É um trabalho descritivo que se caracteriza na realização de um levantamento de publicações para embasar seu trabalho. A base sobre o estudo de memória ficou centrada em Le Goff e Nora, abrangendo o contexto da memória individual, o que percebemos que não ocorre, pois, a memória está presente no objeto e somos seres sociais, logo a memória é em si, uma essência coletiva. Também altera um conceito-chave sobre memória individual abordado por Halbwachs, dando a entender que a memória individual se sobressai à memória coletiva, deixando uma

lacuna de narratividade sobre Pedro Moacir, bem como da formação e desenvolvimento desta coleção.

Mônica e Carmo (2016) apresentam um artigo em que propõem um modelo de gestão de acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos, com a finalidade de preservar o patrimônio ferroviário, trazendo reflexões sobre a criação do Centro de Memória Ferroviária. Com uma abordagem qualitativa, identificam nesse Centro, a necessidade de uma política de gestão de acervos e as possibilidades existentes que viabilizem a sua implementação, com enfoque sobre uma memória organizacional.

Na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Nogueira e Gracioso (2019), publicam um *preprint* intitulado “Identificação e Caracterização dos Lugares de Memória Institucionais das Universidades Federais Brasileiras”. Discorrem sobre lugares de memória e a contribuição das instituições de ensino brasileiras na memória institucional atuando na produção, preservação, transmissão e reprodução de cultura. Um dos apontamentos dos autores é a importância e os esforços na salvaguarda desta produção e na preocupação com a falta de espaços e de recursos para o aporte dessa informação.

Na Universidade Federal do Ceará, Viana (2017) apresentou sua tese intitulada “Antônio Girão Barroso: Uma Biografia Fragmentada e Dispersa de um Poeta e Educador”. Sua pesquisa concentrou-se na reconstrução do percurso humano, social e artístico de Antônio Girão Barroso e no seu protagonismo como professor de poesia dos anos 1930-1950. A pesquisa utilizou de uma literatura historiográfica e jornalística de teor local, identificando as citações do biografado. Vale um destaque para o registro documental de cartas de importantes escritores brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, identificados neste estudo.

Já na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Santos (2016) apresentou sua tese: “Entre silêncios e murmúrios: a biblioteca escolar no Colégio Farroupilha (Porto Alegre/RS, 1949-2000)”, onde apresenta a busca pela memória e história da biblioteca, partindo de uma análise do *corpus* documental mantido pela instituição e uso de entrevistas, construindo uma narrativa de memória desta biblioteca.

Süffert (2017), em seu trabalho de conclusão de curso: “Traços de memória e de documentos: uma trajetória dos 25 anos iniciais do Curso de Biblioteconomia na UFRGS”. Neste trabalho é abordado o estudo das duas escolas iniciais de Biblioteconomia no Brasil e suas influências, utilizando para tanto a pesquisa

bibliográfica e a análise documental. Valendo-se o uso do conceito de memória coletiva para produzir a chamada memória institucional e apresenta como levantamento final, a composição expressiva de discentes e docentes do sexo feminino e que, dentre estas professoras, a maioria teve formação na mesma instituição, fazendo uso da narratividade como memória coletiva do próprio curso.

Peres (2018) em seu trabalho de conclusão de curso intitulado “Obras raras nas instituições de ensino superior: conceito, conservação e preservação da memória institucional”, teve como objetivo identificar os conceitos de obras raras no contexto das bibliotecas universitárias, pesquisando quais bibliotecas das Instituições de Ensino Superior (IES) de Porto Alegre possuem obras raras e como se apresentava o cenário de preservação e conservação nestes locais. Utilizou de um checklist e de entrevistas semiestruturadas, em que constatou que apenas 6,2% das bibliotecas em universidades possuem obras raras, sendo que apenas duas contavam com espaços específicos para a guarda deste material. Apesar do índice alarmante, deve-se levar em conta que 50% das IES não responderam à pesquisa, interferindo diretamente na análise e na compreensão dos dados apresentados na pesquisa.

Marques (2019), com seu trabalho de conclusão de curso intitulado “Valoração de acervo histórico: coleção Sarmiento Leite”, apresentou um estudo de valoração da Coleção Sarmiento Leite da Biblioteca FAMED/HCPA. Teve como objetivo geral identificar os critérios de valoração que foram atribuídos para a Coleção de acordo com os critérios já estabelecidos pela Biblioteca Central da UFRGS, bem como apresentou técnicas de conservação já utilizadas para a preservação desse acervo. Apresenta um referencial teórico bem amarrado sobre o que se define como obras raras, um pequeno histórico sobre Sarmiento Leite, a formação da Faculdade de Medicina e da biblioteca presente neste local. Como destaque, aborda um sistema para invólucro e armazenamento destas obras especiais existentes na coleção.

No mesmo ano, Loss (2019) apresentou sua dissertação intitulada “Valoração de acervo bibliográfico: estudo de preservação do patrimônio histórico, cultural e científico de uma biblioteca universitária”. Essa pesquisa teve como objetivo, propor uma metodologia para o estudo de valoração de acervo bibliográfico enquanto patrimônio histórico, cultural e científico de uma instituição universitária, discutindo as teorias sobre valor aplicadas a esses acervos. Para isso, aborda o conceito de valor em coleções, presente na Teoria dos Campos proposto por Pierre Bourdieu e análise do contexto histórico, social e político no qual essas obras foram geradas. O objeto

central da pesquisa foi a Coleção Histórica da biblioteca da FABICO/UFRGS, fazendo uso de narrativas de professores que atuam nesta instituição, as quais se provaram eficazes para a legitimação e a construção de critérios de valor para as obras presentes no acervo histórico.

Desta forma, a seleção dos trabalhos presentes neste capítulo, dialogam de certa maneira com a proposta temática desta pesquisa, propondo e oferecendo um panorama que permite a reflexão sobre valoração de acervos bibliográficos em bibliotecas, de acordo com a temática própria presente em cada pesquisa analisada.

Legitimam assim, uma busca teórica sobre o assunto, aprofundam a abordagem de pesquisa e expressam o interesse e a preocupação de gestores e pesquisadores sobre a importância da valorização e a salvaguarda de patrimônio, presente nestes acervos bibliográficos, em principal, nas bibliotecas.

2 UNIVERSO DA PESQUISA

Neste capítulo, abordamos o universo de pesquisa, para tanto, são apresentados o histórico institucional do IAB-RS, a formação do Centro de Memória do IAB-RS e da Biblioteca Enilda Ribeiro, bem como a constituição do acervo existente neste local.

2.1 INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL, DEPARTAMENTO RIO GRANDE DO SUL (IAB-RS)

O Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio Grande do Sul (IAB-RS), está situado na R. Gen. Canabarro n. 363, Centro Histórico de Porto Alegre. Situado no Solar Conde de Porto Alegre, tem como missão,

[...] congregar profissionais e estudantes de Arquitetura e Urbanismo para a defesa da profissão, promovendo o desenvolvimento dos profissionais de Arquitetura e Urbanismo em todos os seus campos de atuação; promover a defesa e o prestígio da profissão e de seus profissionais; contribuir para a solução do problema habitacional e da organização do espaço urbano; incentivar a pesquisa de novos materiais, novos elementos e novos processos construtivos; estimular o contínuo aperfeiçoamento do ensino da arquitetura e urbanismo; promover e organizar Concursos de projetos; promover o desenvolvimento da formação do Arquiteto e Urbanista, entre outras finalidades. (IAB-RS, 2021).

O IAB-RS é uma associação civil de direito privado e de interesse público, sem fins lucrativos e com duração por tempo indeterminado, que congrega e representa os arquitetos e urbanistas de todo o estado do Rio Grande do Sul (IAB-RS, 2021). Ao longo de suas atividades, acumulou diversos materiais que remontam à história profissional e organizativa dos arquitetos do Estado.

O IAB-RS se destaca por ser o quarto departamento dos IAB mais antigo do país e a primeira entidade exclusiva de Arquitetos no Estado do Rio Grande do Sul. Sua criação remonta a primeira reunião datada em 19 de fevereiro de 1948, realizada na Biblioteca do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul (atualmente conhecida como Biblioteca do Instituto de Artes da UFRGS)¹, que teve como tema o II Congresso

¹ UFRGS. **Histórico**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bibart/sobre/historico/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

Brasileiro de Arquitetos, ocorrido em Porto Alegre, de 20 a 27 de novembro de 1948 (PASSOS; ORTÁCIO, [2019?], p. 5-7).

No período de 24 de fevereiro a 4 de março de 1948, ocorreram encontros onde foram colocados em pauta diversas ações, entre elas: a convocação da classe para a fundação do Departamento Estadual do Instituto de Arquitetos do Brasil; a solicitação ao IAB Nacional dos estatutos, esclarecimentos e orientações necessárias sobre como proceder esta fundação; além de instruções sobre o II Congresso Brasileiro de Arquitetos (PASSOS; ORTÁCIO, [2019?], p. 7).

Nos anos 1950, o IAB-RS propôs a criação de uma faculdade de arquitetura e urbanismo, tendo como base, os problemas identificados no ensino e na formação destes profissionais. Essa proposta foi encaminhada através de uma carta para o então presidente em exercício Eurico Gaspar Dutra, contendo a solicitação da criação da carreira funcional de arquiteto na função pública federal e paraestadual. (PASSOS; ORTÁCIO, [2019?], p. 9). Desta ação, encadeiam-se diversos movimentos nacionais que tinham como metas a uniformidade do título de arquiteto, a criação da carreira na função pública e a transformação em Faculdade Nacional de Arquitetura, dos cursos então existentes. Assim, em 1952, foi criada a Faculdade de Arquitetura na UFRGS, da fusão dos cursos de arquitetura, presentes na época na Escola de Engenharia e no Instituto de Belas Artes. (PASSOS; ORTÁCIO, [2019?], p. 9).

O curso, que era ambientado no Instituto de Belas Artes, possuía uma visão mais social do estudo e da profissionalização do arquiteto, porém, com o avanço do período político da Ditadura Militar, muitas vezes essa visão social era associada aos ideais comunistas, algo não muito bem visto entre professores mais conservadores da vertente do curso ambientado nas Engenharias. Esse olhar político acabou segregando alguns professores, alunos e futuros profissionais em polaridades políticas opostas e muitas vezes conflitantes.

Como afirma Marques (2009, p. 280), com o golpe militar de 1964, houveram vários expurgos, como o de Demétrio e Enilda Ribeiro, Edvaldo Pereira Paiva, Edgar Albuquerque Graeff, Nelson Souza, Luís Fernando Corona, entre outros, que foram sumariamente excluídos da vida acadêmica. Professores como Carlos Maximiliano Fayet e Moacyr Moojen Marques, responderam por inquéritos militares sob várias acusações, sendo inocentados posteriormente. Essa perseguição política influenciou diretamente no ensino e no ambiente da arquitetura, criando hostilidades e insegurança no meio.

Foi durante esse período, os primeiros anos do IAB-RS, marcado pelo engajamento político, principalmente, no âmbito da defesa da profissão e na promoção de ações de desenvolvimento da formação do Arquiteto e Urbanista. O IAB-RS é reconhecido pelo seu forte posicionamento político de esquerda e de igualdade² entre os indivíduos, devido aos diretores que o presidiram, tendo como os mais reconhecidos: Demétrio Ribeiro, Enilda Ribeiro e Edgar A. Graeff, o qual presidiu também o IAB Nacional.

[...] grupo de professores comunistas, composto por Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, destacando a importância de serem estudados de forma coletiva. O caráter de grupo é apresentado fortalecido pelo convívio profissional e político-ideológico, por meio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na qual os 5 foram docentes, do Partido Comunista Brasileiro, da militância no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), das relações de amizade e, especialmente, do expurgo em 1964. Procurou-se, também, entender a função a eles atribuída pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) no debate político-intelectual e a atuação no processo de conhecimento da realidade brasileira e de estímulo ao pensamento. (NUNES, 2016, p. 29).

Este grupo de profissionais compartilhavam além da atuação junto ao IAB-RS, a experiência da docência na Faculdade de Arquitetura da UFRGS e ainda dividiram publicações, amizade, e principalmente, a causa política, na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Mizoguchi (2016, p. 18-19), sobre Demétrio Ribeiro, relata que

Foi presidente do IAB-RS em 68/69. Ouvia seguidos comentários destacando sua cultura e inteligência privilegiadas e sobre suas firmes e inabaláveis posições políticas e ideológicas. Mais tarde, passamos a conviver no dia a dia do IAB-RS. Em meados de 1976 me surpreendeu, convidando-me para fazer parte, como secretário-geral, de uma chapa que estava organizando. Pretendia concorrer à presidência do IAB Nacional. Era época da ditadura militar. Considerava que o IAB tinha muito a colaborar no processo de anistia política e de redemocratização do país. Dessa chapa faziam parte Edgar Albuquerque Graeff, como vice-presidente e Paulo Bertussi, como tesoureiro. Durante essa gestão, de 1977 a 1979, estreitamos relações e pude conviver mais diretamente com ele e suas ideias. Apreendi muito. Na mesa diretora dos COSUs, ficava admirado com sua capacidade de antever os argumentos de quem pedia a palavra nas reuniões plenárias. Virava-se para mim, antes que aquele se

² CARDOSO, Marina. **O que é ser de direita ou esquerda?** : entenda as origens dos termos e o que eles significam no atual contexto político. Estadão, São Paulo, 12 jun. 2020. Política. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,o-que-e-ser-de-direita-ou-de-esquerda,70003331659>. Acesso em: 05 jul. 2021.

manifestasse e antecipava: “fulano vai argumentar assim e assado...” Nos últimos anos, passei a visitá-lo em seu apartamento; nessas ocasiões, passávamos tardes em discussões sobre a arquitetura, seu ensino, seu papel social, sobre a Beleza, sobre política em geral, entre outros temas. Aprendia línguas estrangeiras de forma autodidata. Divertia-se lendo trechos de jornais estrangeiros – entre esses, curiosamente, um búlgaro – que assinava para estar em dia, diretamente da fonte, como dizia, com os assuntos do mundo. Cada livro que lhe presenteava, reagia como se fosse uma criança ao ganhar brinquedos. Foi dessas poucas pessoas que pude considerar como verdadeiro e leal amigo. Finalmente, chegamos ao quarto, mas não menos importante: Edgar Albuquerque Graeff. Fora meu professor de Teoria da Arquitetura, no início do curso, papel que logo teve que abandonar para atender ao chamado de Oscar Niemeyer, que o queria como professor na Universidade de Brasília. Também foi cassado pela ditadura em 1964. Anos mais tarde, sendo ele vice-presidente e eu secretário-geral do IAB Nacional, cargos que exigiam seguidas viagens pelo Brasil para contatos com departamentos do IAB ou para as reuniões ordinárias do COSU, pude conhecer de perto o Graeff. Nos intervalos das reuniões, gostava de conversar caminhando. Apoiava-se no meu braço e, assim, em longas caminhadas por várias dessas acolhedoras cidades brasileiras, ia falando com seu jeito calmo e suave sobre arquitetura, sobre política, sobre sua faculdade de arquitetura da Universidade Católica de Goiás, sobre a vida, enfim. Foi, para mim, um grande professor e amigo. Com ele, assim como com os anteriores, tive o privilégio especial de ter tido lições particulares inesquecíveis.

Foi Demétrio Ribeiro que, em 1969, presidiu a abertura da Ata de fundação da Associação Profissional de Arquitetos de Porto Alegre (APA), em uma sessão no IAB-RS (MELLO, 2014, p. 37), em sua sede na Annes Dias. Em 1973, quatro anos após a fundação, o ministro de Estado dos Negócios do Trabalho e Previdência Social, Júlio Barata, assinou a carta sindical que cria o Sindicato dos Arquitetos no Estado do Rio Grande do Sul (SAERGS). (MELLO, 2014, p. 47).

Segundo Mello (2014, p. 26), durante a gestão de Hermes Puricelli, a SAERGS participou da fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), em 1983, na cidade de São Bernardo do Campo e na fundação da CUT/RS em 1984. Juntamente com o IAB-RS e outras categorias de classe, mobilizaram-se em conjunto no movimento pelas Diretas Já, organizando a categoria dos arquitetos e participando das manifestações públicas em apoio ao reclame popular. Segundo Marques (2002, p. 31-32), neste período, presidiam: Telmo Borba Magadan na Direção Nacional do Instituto dos Arquitetos do Brasil - IAB, Clóvis Ilgenfritz na Direção Nacional da Federação Nacional dos Arquitetos - FNA, Maria Isabel M. Balestra no IAB-RS e José

Albano Volkmer no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomias do Rio Grande do Sul (CREA-RS).

Da primeira reunião na Biblioteca do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul e após, presente em diversos outros escritórios particulares menores, o IAB-RS contou com duas sedes oficiais próprias. Como afirma Marques (2009, p. 122-123), desde sua fundação em 1948, o IAB-RS (sem sede própria), funcionava no escritório do presidente que estava em exercício.

Ainda segundo Marques, com a construção da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, o IAB-RS pediu aval da direção da escola e obtendo permissão para instalar-se nas dependências do novo prédio, inicialmente no Centro Acadêmico, isso permitiu na época, a aproximação com os estudantes, professores do curso e disponibilização de espaço para a prática de diversos eventos e ações. Mas, como outros IABs já possuíam sedes próprias, o IAB-RS alimentava o desejo de também possuir um espaço seu.

Com recursos próprios (MARQUES, 2009, p. 123), o IAB-RS comprou um terreno e realizou em 1960 um concurso de arquitetura para selecionar o arquiteto responsável pelo projeto do novo edifício sede. Como afirma Passos e Ortácio ([2019?], p. 31), surgiu a ideia de fazer um empreendimento imobiliário a preço de custo, sendo comprado o terreno situado na Rua Professor Annes Dias.

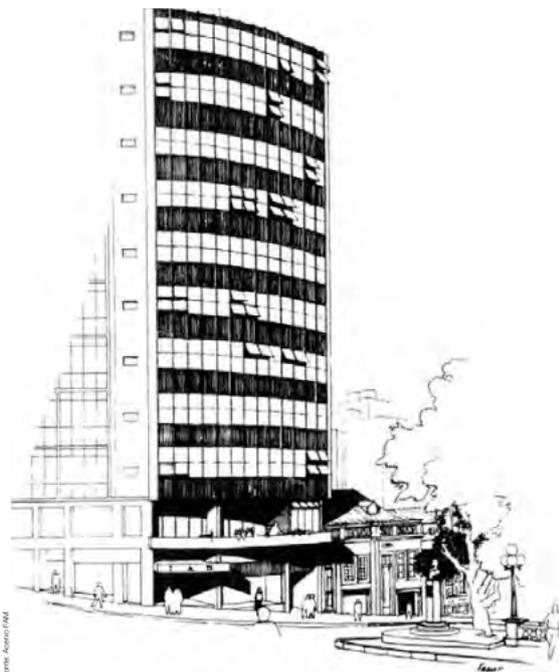
Carlos Maximiliano Fayet foi o vencedor do concurso, arquiteto responsável por diversos outros projetos na cidade, entre eles o Tribunal de Justiça do Estado. Como afirma Marques (2009, p. 122), Fayet sempre teve vocação e desejo por assumir cargos representativos ou ocupar postos de chefias, possuía uma pré-disposição para liderança, algo que lhe destacava em eventos e em comissões julgadoras, mas o IAB-RS foi sem dúvida, um dos maiores empreendimentos de sua vida e carreira.

A construção desta sede foi um processo longo, principalmente da liberação do terreno à venda dos primeiros títulos, que possibilitaram recursos necessários para o início da obra. Como afirma Marques (2009, p. 123), as salas foram vendidas a preço de custo, reservando 20% da área total para a sede, a título de permuta pela cota do terreno e administração da incorporação. Ao final da obra, algumas salas foram vendidas a preço de mercado e uma das salas foi objeto de rifa. A construção durou cinco anos (1960 a 1965), com diversas inovações para a época,

[...] projetei um prédio sem corredores, com uma escada no centro formando um grande espaço”, explicou Fayet na época. Outra solução, foi a marquise utilizável. O elevador, detalhado pelo arquiteto Arminio Vendauser, foi o primeiro do Brasil, e talvez no mundo, com piso de pedra e com botoneiras magnéticas. As portas de vidro temperado também inovaram. A intenção era permitir a visualização das portas coloridas em cada um dos nove andares do local. O prédio do IAB foi a primeira construção em Porto Alegre a utilizar canos de PVC. (PASSOS; ORTÁCIO, [2019?], p. 33).

O edifício (Figura 2) foi inaugurado em 1965 (MARQUES, 2009, p. 125), com vários arquitetos ali instalados, como Irineu Breitman, Flávio Soares, Lincon Ganzo de Castro, Roberto Levy, Militão de Moraes Ricardo, Jaime Leverton, David Leo Bondard, Arnaldo Knijinik, Nestor Nadruz, Moacyr Moojen Marques, Leo Ferreira da Silva, João José Valladro, Marcos Hekman, Carlos Maximiliano Fayet e Suzy Fayet. Porém a grande maioria das salas foi ocupada por médicos psiquiatras, sendo transformadas em consultórios particulares.

Figura 2: Edifício Instituto dos Arquitetos do Brasil, IAB-RS



Fonte: Marques (2009, p. 122)

Ainda segundo Marques (2009, p.126), o térreo possuía um bar-restaurante nos fundos e uma loja para a rua, adquirida por Manlio Gobbi, e a sobreloja existente, foi programada para servir ao IAB-RS, possuindo salas de diretoria, reuniões e uma sala anexa. Havia também uma sala no segundo pavimento utilizada pela diretoria e,

os ambientes de serviços e sanitário-vestiário, com parte pública, eram organizados no subsolo.

Segundo Marques (2009, p. 183), a gestão de Cláudio Araújo (1966-1967), foi a primeira diretoria a ocupar o Edifício do IAB, projetado por Fayet. A nova sede proporcionou uma efervescência cultural na época. Apresentava melhores condições para eventos, como secretária, auditório, bar e galeria de arte, que transformaram o IAB-RS, em um ponto de referência no meio cultural.

Dentre os nomes mais significativos que ali passaram, se destacam: Bruno Kiefer, Lupicínio Rodrigues, Vasco Prado, Xico Stockinger, Manlio Gobbi e convidados, como Teodoro Oniga, Umberto Eco, Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos, Flávio de Carvalho, Andries Van Onck, e colaboradores, como Michael Arnoult e Heinz Agte. Dentre esses nomes, Francisco Stockinger foi que inaugurou a galeria de arte, com uma exposição artística inaugural de Flávio de Carvalho.

O Solar Conde Porto Alegre, situado no Centro Histórico, é a segunda e atual sede do IAB-RS. Entre os resquícios históricos deste local, está a moradia do Conde de Porto Alegre nos anos 1930, sendo posteriormente utilizado como ponto de trocas e armazém de secos e molhados, moradia de um militar Farrapo, sede do Departamento de Polícia, primeiro necrotério de Porto Alegre, Quartel da Brigada Militar, Departamento de Trânsito e sede do DOPS, durante os anos 1960 e 1970. (PASSOS E ORTÁCIO, [2019?], p. 53).

Figura 3: Ruínas Solar



Fonte: Acervo IAB

O Solar abandonado, sofreu com a ação do tempo e degradou-se após um incêndio (Figura 3), o que o deixou com diversos problemas estruturais. No fim dos

anos 1980, se teve o início de conversas com o então governador do Estado Alceu Collares e o presidente em exercício do IAB-RS, Carlos Maximiliano Fayet, para que este imóvel, fosse doado para o IAB-RS. Porém, foi somente cedido pelo Estado somente em 1994, onde além da restauração prevista, este deveria ser aberto para a comunidade. (PASSOS; ORTÁCIO, [2019?], p. 53).

Figura 4: Solar Conde de Porto Alegre: Sede IAB-RS



Fonte: Weyh (2021)

Atualmente, a sede do IAB-RS, o Solar Conde de Porto Alegre (Figura 4), é uma edificação histórica, tombada como Patrimônio Histórico e Cultural de Porto Alegre. O IAB-RS³ também se destaca como um dos Pontos de Cultura presentes na cidade de Porto Alegre, instituídos pela Política Nacional de Cultura Viva da Lei 13.018/2014⁴.

A Política Nacional de Cultura Viva, através de uma rede, visa estimular ações de base comunitária, possibilitando o amplo exercício dos direitos culturais pela população, além de potencializar a cultura como eixo transversal do desenvolvimento social e econômico sustentável. Os Pontos de Cultura são, portanto, grupos culturais da sociedade civil que envolvem a comunidade em atividades de arte, cultura e

³ LEI CULTURA VIVA. **Ponto de Cultura Solar do IAB**. Disponível em: <http://culturaviva.gov.br/agente/63111/>. Acesso em: 21 set. 2021.

⁴ BRASIL. **Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014**. Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/13018.htm. Acesso em: 21 set. 2021.

educação, estimulando a criatividade e propiciando o exercício da cidadania pelo reconhecimento da importância da cultura produzida em cada localidade.

Desta forma, o IAB-RS desenvolve ações junto à comunidade local, em atividades com a temática da Cidade e Cultura, abrigando em seu espaço interno uma galeria de Arte e na promoção de diversos eventos temáticos.

2.2 CENTRO DE MEMÓRIA DO IAB-RS

Após a mudança de sede do edifício situado na Annes Dias para o Solar Conde de Porto Alegre, houve o transporte do acervo bibliográfico, mas não se sabe porque a biblioteca não foi realocada na nova sede. Não se tem informações sobre como era a gestão da biblioteca na sede da Annes Dias, tão pouco, informações sobre controle de acervo, obras, a realização de consultas ou empréstimos de livros ou como foi realizado esse transporte.

No Solar, o IAB-RS acondicionou o acervo em uma sala anexa à Galeria dos Presidentes, no segundo andar do edifício (Figura 5), em prateleiras improvisadas, sem uma organização específica ou de temática de assuntos, o que dificulta o acesso e a consulta ao público.

Figura 5: Acervo na sala anexa à Galeria dos Presidentes IAB-RS



Fonte: Weyh (2019)

Percebendo as precárias condições do acervo, seu potencial informacional e de estudos, a necessidade de organização e na possibilidade da oferta dessa coleção

ao público, Tamáris Pivatto, diretora administrativa adjunta do IAB-RS e a professora doutora Jeniffer Cuty do Curso de Museologia da UFRGS, em uma reunião realizada em 2019, do conselho dirigente do IAB-RS, estruturaram ações de reestruturação, organização e sistematização do acervo bibliográfico e arquivístico, elaborando um projeto de extensão da UFRGS, dando início às atividades de trabalho neste acervo.

Ao decorrer destas atividades, foi firmado um acordo⁵ de cooperação técnica entre a UFRGS e o IAB-RS para ações teórico-práticas neste acervo, denominado projeto Acervos IAB-RS. Através deste acordo, foi possível viabilizar estágios obrigatórios no IAB-RS, desde que a instituição disponha de profissionais habilitados para supervisão.

O projeto de extensão “Acervos IAB-RS” teve por objetivo, contribuir com a gestão dos acervos arquivístico, bibliográfico e museológico do IAB-RS e consolidar o Centro de Memória do IAB-RS, criado em fevereiro de 2021, cuja missão é

[...] preservar os suportes de memória e da trajetória de arquitetas e arquitetos gaúchos, atuantes em universidades e escritórios, bem como organizar e manter os acervos artístico, museológico, bibliográfico e arquivístico do IAB-RS potencializando a interação com a sociedade. (ACERVOS IAB-RS, 2021).

Um esforço de vontade de mulheres visionárias, atuantes na área da arquitetura e do IAB-RS, que visam não somente a preservação destes livros, mas o aporte para promoção da leitura e da cultura.

Em seu primeiro ano de atividades e com o apoio do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul (CAU/RS), o projeto Acervos IAB-RS iniciou o processo de organização documental do acervo da arquiteta Enilda Ribeiro, a organização da hemeroteca e desenvolveu um ciclo de palestras sobre Memória e Direitos Humanos.

Com fomentos doados pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS e o trabalho desempenhado pelos bolsistas do projeto, foi possível o acondicionamento dos documentos históricos em caixas políonda; a organização do acervo e implementação do sistema *Open Source* de gerenciamento de bibliotecas Biblivre 5, que permite a

⁵ IAB-RS. **IAB-RS ganha Comissão de Acervo**. Disponível em: <http://www.iab-rs.org.br/noticia/iab-rs-ganha-comissao-de-acervo.aspx>. Acesso em: 26 jun. 2021.

catalogação e a gestão dos livros, controle do fluxo de empréstimos, planilhas e demais rotinas administrativas para uma biblioteca.

Ainda em fevereiro de 2021, a Comissão de Acervo do IAB-RS⁶, elegeu a Direção do Centro de Memória do IAB-RS, formada pela Diretora Márcia Bertotto e as Vice-Diretoras: Tamáris Pivatto (executiva) e Camila Casarotto (técnica). A comissão tem como enfoque, definir as políticas a serem adotadas sobre os acervos do IAB-RS, desta forma, o Centro de Memória do IAB-RS dividiu o acervo em três núcleos:

- Arquivo Histórico Demétrio Ribeiro (AHDR): visa disponibilizar à comunidade os documentos que registram a história do exercício e do ensino da profissão de Arquiteto/a e Urbanista no RS;
- Biblioteca Enilda Ribeiro: ser um espaço comunitário de reflexão e formação crítica sobre a profissão de Arquiteto/a e Urbanista, com a disseminação de recursos e serviços de informação, mediação e ações de fomento à leitura e à cultura;
- Acervo museológico: preservar a cultura material relacionada à arquitetura e ao urbanismo no RS, através da musealização do acervo constituído por obras de arte e objetos próprios do ofício de arquiteto e urbanista presentes na Instituição.

Os anos de 2019 a 2020⁷, foram marcados pelo avanço da pandemia da Covid-19, um período caracterizado pela reestruturação e organização, tanto do trabalho intelectual como do arranjo dos espaços do acervo. Antes das restrições das atividades, foram realizados seminários promovendo a valorização profissional e o diálogo com o campo dos Direitos Humanos, além da seleção e digitalização de mais de 4.000 documentos arquivísticos pela empresa Arquivar.

Mesmo com as restrições impostas pela pandemia, as atividades de organização e seleção documental neste acervo continuaram, porém, sempre respeitando o uso de EPIs e o distanciamento controlado. Aproveitou-se o momento

⁶ IAB-RS. **Centro de Memória do IAB-RS**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/acervosiabrs/centro-de-memoria-do-iab-rs/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

⁷ IAB-RS. **Avanços no projeto Memória ArqUrbRS**. Disponível em: <http://www.iab-rs.org.br/noticia/avancos-no-projeto-memoria-arqurbrs.aspx>. Acesso em: 26 jun. 2021.

em questão, para definir e ocupar os espaços destinados para a biblioteca e o arquivo, concentrar ações em redes sociais e na construção do site Acervos IAB-RS⁸.

2.3 BIBLIOTECA ENILDA RIBEIRO

Ao final de 2020, o Centro de Memória do IAB-RS, com o projeto nomeado Memória ArqUrbRS, foi contemplado pelo Edital⁹ Sedac nº 10/2020 – Aquisição de Bens e Serviços, edital este, com fomento de recursos provindos da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc (Lei nº 14.017/2020).

Este projeto, elaborado pela Pangea Cultural (empresa parceira do IAB-RS) e pela equipe de extensão da UFRGS, definiu uma identidade visual e especificidade de tipologia para biblioteca, vindo a ser reconhecida como Biblioteca Comunitária Arquiteta Enilda Ribeiro (BiCAER).

Através do edital do Sedac, foi possível a aquisição de mobiliário próprio para acondicionamento dos acervos¹⁰, com estantes da Biccateca (Figura 6), obras literárias e demais equipamentos para a gestão da biblioteca.

Figura 6: Acervo IAB-RS: novo mobiliário



Fonte: Weyh (2021)

⁸ ACERVOS IAB-RS. **Sobre**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/acervosiabrs/sobre/>. Acesso em: 26 set. 2021.

⁹ RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Cultura. **Publicada lista de contemplados no Edital nº 10/2020 – Aquisição de Bens e Materiais**. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/publicada-lista-de-contemplados-no-edital-n-10-2020-aquisicao-de-bens-e-materiais>. Acesso em: 23 set. 2021

¹⁰ ACERVOS IAB-RS. **Centro de Memória do IAB-RS adquire novo mobiliário para Arquivo Histórico e Biblioteca**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/acervosiabrs/centro-de-memoria-do-iab-rs-adquire-novo-mobiliario/>. Acesso em: 23 set. 2021.

A inauguração oficial da biblioteca foi realizada dia 18 de maio de 2021¹¹, através de um encontro virtual transmitido pelo canal do IAB-RS na rede social Facebook, contando com a participação do atual presidente do IAB-RS, Rafael Passos, da gestora cultural da Pangea Cultural, Letícia de Cássia, e tendo como convidadas a secretária de Cultura do RS, Beatriz Araújo e a professora doutora Márcia Bertotto, diretora do Centro de Memória IAB.

A inauguração da biblioteca partiu do conjunto de ações para a prestação de contas atribuídas ao Edital Sedac nº 10/2020. Vale salientar que o projeto submetido ao edital, continha uma visão mais comunitária de biblioteca, segmentando o público-alvo em crianças e jovens, algo que difere da proposta idealizada pelo IAB-RS, que visa dar destaque ao acervo especializado já existente em Arquitetura e Urbanismo.

Além da proposta de biblioteca infantil, foi criada uma identidade visual: a Biblioteca Comunitária Arquiteta Enilda Ribeiro - BiCAER, nomenclatura esta, que não foi adotada oficialmente pelo IAB-RS, portanto, utilizamos nesta pesquisa a identificação como biblioteca Enilda Ribeiro, em homenagem à arquiteta, urbanista e ex-diretora do IAB-RS. Para esta pesquisa, optamos em identificar a biblioteca como Biblioteca Enilda Ribeiro do IAB-RS.

Enilda Ribeiro, natural de Rio Grande, diplomou-se em Arquitetura no Instituto de Belas Artes - IBA (1950) e em Urbanismo na Faculdade de Arquitetura na UFRGS (FA-UFRGS) (1955), exercendo posteriormente a atividade docente na FA-UFRGS, em Pequenas Composições de 1953 a 1964, quando foi perseguida pela Ditadura e teve seu cargo cassado. Enilda também trabalhou como urbanista na Divisão de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, de 1960 a 1964, de onde foi igualmente afastada durante a Ditadura. (MARQUES, 2009, p. 30)

Ainda segundo Marques (2009, p. 30), entre 1960 e 1970, em equipe com Demétrio Ribeiro, realizou o Plano Diretor e projetos urbanos em diversas cidades gaúchas, como Bento Gonçalves, Espumoso, Gramado, Marau, Novo Hamburgo, Panambi e Tapera. Em 1952, juntamente com Demétrio, venceu o concurso para o projeto do Colégio Júlio de Castilhos. Teve sua anistia somente em 1979, onde

¹¹ IAB-RS (Porto Alegre). **Inauguração dos Espaços do Projeto Memória ArqUrbRS e lançamento do livro “E se as cidades fossem pensadas por mulheres”**. Disponível em: <http://www.iab-rs.org.br/agenda/inauguracao-dos-espacos-do-projeto-memoria-arqurbrs-e-lancamento-do-livro-e-se-as-cidades-fosem-pensadas-por-mulheres.aspx>. Acesso em: 28 jun. 2021

renunciou sua volta à universidade, dedicando suas atividades como arquiteta, vindo a presidir o IAB-RS de 1980 a 1981.

A biblioteca Enilda Ribeiro, como um atrativo cultural no IAB-RS, propõe-se a desenvolver práticas socioeducativas acerca da arquitetura e do urbanismo, por meio da pesquisa, educação para o patrimônio, direitos humanos e preservação dos suportes de memória.

É composta pelo acervo literário disposto pelo IAB-RS e visa ser um espaço para a reflexão e formação crítica acerca da profissão do Arquiteto e Urbanista, sobre o direito à cidade e à habitação, a gestão urbana, dentre outros temas relacionados à área, ofertando assim, o acesso e uso da informação em um espaço adequado e organizado, prestando futuramente, auxílio aos pesquisadores e ao seu público nas demandas de interesses informacionais, estudos e fruição literária.

2.4 ACERVO

A principal característica da biblioteca Enilda Ribeiro é seu acervo, que a identifica como uma biblioteca especializada. Para Vergueiro (1989, p. 21), as bibliotecas especializadas são bibliotecas que se caracterizam em atender as necessidades da organização a que estão subordinadas e possuem um acervo muito específico na sua área de conhecimento, neste caso, com ênfase nas áreas da Arquitetura, Urbanismo e Planejamento Urbano.

A biblioteca Enilda Ribeiro, conta com um acervo aproximado de 1.736 livros (Apêndice C), além de periódicos e outros materiais. O acervo se constitui de uma materialidade diversa, comportando alguns mapas, plantas, periódicos, mídias digitais e outros objetos, que são utilizados para o aporte informacional.

O acervo é formado por obras publicadas pela própria Instituição, doações de arquitetos e professores já afastados ou em atividade, materiais promocionais e advindos de eventos, permutas e doações dos diretores da Instituição, durante seus respectivos períodos de mandato, além de uma hemeroteca sobre Arquitetura e Urbanismo e alguns exemplares de literatura, contemplando obras e autores rio-grandenses, de minorias e movimentos sociais, empoderamento feminino, igualdade entre gêneros, literatura juvenil e infanto juvenil.

Sua principal característica é ser constantemente alimentado por doações espontâneas, provindas do público associado que frequenta o IAB, mas que, não se

tem o devido registro do doador ou do quantitativo das obras, bem como, de uma seleção de obras doadas que farão parte do acervo.

Devido às restrições da Covid19, optamos por concentrar esforços no processo de classificação, organização do acervo e do espaço físico para, assim que possível, a biblioteca ter disponibilidade para receber seu público. Após o remanejamento das obras para o novo espaço da biblioteca (Figura 7), iniciou-se a identificação e organização temática de assuntos, bem como, o controle de obras repetidas, assim como a adoção de termos para registro de novas doações e construção de uma política de acervo, que auxiliarão na preservação e identificação destes novos materiais que virão a fazer parte da coleção.

Figura 7: Processo de organização do acervo



Fonte: Casarotto (2021)

A biblioteca Enilda Ribeiro, ainda se encontra em fase de implementação, carece de procedimentos técnicos que legitimam os processos gerenciais de suas atividades, bem como, o serviço de pesquisa e consulta ao acervo. Como a biblioteca ainda não possui uma política própria, faltam protocolos para o controle e seleção de materiais e como seu acervo não está sistematizado, ainda não é possível identificar autores ou obras existentes no acervo.

Visando sistematizar o acervo, implementamos o software de gestão de bibliotecas Biblivre5, um software de gerenciamento e gestão de bibliotecas em código

aberto (*Open Source*), com comunicação em *Machine Readable Cataloging* (MARC), que permite descrições bibliográficas em formato legível por computador, de tal modo que os registros indexados no banco de dados deste software podem ser formatados ou exportados para uso em outras plataformas futuras.

O Biblivre também permite proporcionar o acesso, a pesquisa e a consulta às obras da biblioteca de forma remota, bem como, o gerenciamento de empréstimo e circulação de materiais, o controle e cadastro de usuários e fornecedores, através de uma interface de fácil consulta. A proposta é que o usuário tenha acesso ao acervo e que seja possível a consulta destes materiais, empréstimos e o uso dos livros para pesquisa e estudos.

3 CONSTRUÇÃO TEÓRICA METODOLÓGICA

Neste capítulo, abordamos a construção teórico metodológica e os percursos metodológicos utilizados para a abordagem do tema, a estrutura do referencial teórico, dos dados e o instrumento de coleta de dados.

Desde modo, essa pesquisa se caracteriza por uma abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivo exploratório que utiliza procedimentos de pesquisa documental, bibliográfico e uso de entrevistas não-diretivas. Para Gil (2008, p. 8), o método científico é definido como “[...] o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. Portanto, a pesquisa pode ser definida como:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. (GIL, 2010, p. 17).

Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 34), a pesquisa “[...] objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência [...]”, ainda segundo as autoras, as pesquisas qualitativas

[...] buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32).

Quanto aos objetivos, Gil (2008, p. 8) define que uma pesquisa exploratória, “[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Esta pesquisa se configura como um estudo de caso sobre a formação da biblioteca do IAB-RS e a valoração do acervo pertencente à coleção Glenda Pereira Cruz, através da análise de narrativas de memória das interlocutoras que participaram deste estudo, com a premissa de identificar a memória e a trajetória de uma biblioteca especializada, tendo portanto, como o universo da pesquisa a biblioteca do IAB-RS e como objeto de estudo a coleção bibliográfica doada pela arquiteta e urbanista Glenda

Pereira da Cruz, professora de história da arquitetura, com destaque para a Arquitetura Luso-Brasileira.

Glenda¹² possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1963), mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1984) e doutorado em História Ibero-Americana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1995). Foi professora na Faculdade de Arquitetura da UFRGS, professora titular do Centro Universitário Ritter dos Reis, professora colaboradora no PROPAR da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora na Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da PUC-RS e servidora da Metroplan - Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano e Regional, ligada junto a Secretaria de Obras do Governo do RS.

Glenda, quer seja na fruição da leitura ou na busca em obter estudos mais atuais da área, adquiriu vários livros que auxiliaram nas lacunas existentes no ensino da época, muitas vezes fazendo o uso da tradução destes livros em suas aulas, mas que hoje, já aposentada e com dificuldades de visão, doa em 2021, essa coleção de livros para a biblioteca do IAB-RS.

O referencial teórico (Tabela 1), foi constituído através da revisão de literatura e da análise do autor, com destaque para estudos apresentados por Maurice Halbwachs (1990), sociólogo francês da escola durkheimiana; Paul Ricoeur (2007), filósofo francês com estudos sobre a subjetividade, com uma função heurística sobre narrativas, história e memória; Pierre Nora (1993), historiador francês da terceira geração da Escola dos Annales e Walter Benjamin (1987), filósofo e sociólogo judeu alemão, associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, que em suas obras, aborda o pensamento multidisciplinar, o olhar e pensamento artístico, fortemente inspirado por autores marxistas.

Estes autores abordam conceitos sobre memória coletiva, memória e esquecimento, lugares de memória e narrativas, que tratam sobre a memória constituída em acervos e bibliotecas como sendo esse espaço de lugar de memória.

Além deles, se somam para essa pesquisa CAMPOS (1994), SANTOS (2012) e ORTEGA (2004), na construção de referencial sobre o processo evolutivo de

¹² Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8241243632226849>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

bibliotecas e SILVA; COUTINHO; LOURENÇO (2016), ASHWORTH (1967), CESARINO (1978), TARGINO (1988) e FIGUEIREDO (1978), para a construção e definição de biblioteca e acervos especializados. Para a construção do questionário e análise de entrevistas, utilizou-se CUTY (2012), na pesquisa em sua tese sobre o estudo de quadros sinópticos.

Quadro 1 – Referencial teórico – Conceitos centrais

Memória	HALBWACHS (1990) - Quadros sociais; Memória coletiva. RICOEUR (2007) – Gatilhos de memória; Construções de narrativas. NORA (1993) – Fim da história-memória, não há meios de memória; memórias particulares. BENJAMIN (1987) – Narratividade da memória oralizada.
Lugares de memória	NORA (1993) - Nos lugares que "se cristaliza e se refugia a memória"; Restos, ruínas, algo que não existe mais - necessita de uma legitimação para se ter importância.
Processo evolutivo das bibliotecas	CAMPOS (1994) SANTOS (2012) ORTEGA (2004)
Bibliotecas especializadas	SILVA; COUTINHO; LOURENÇO (2016) ASHWORTH (1967) CESARINO (1978) TARGINO (1988) FIGUEIREDO (1978)
Quadros sinópticos	CUTY (2012) – pesquisa na tese, estudo sobre quadros sinópticos.

3.1 ESTRUTURA DE DADOS

Os dados foram identificados situando a memória, recorte temporal, local onde foram identificados e qual informação remetem, permitindo assim, a construção de uma narrativa. As entrevistas realizadas nesta pesquisa, auxiliam na compreensão de

salvaguarda deste acervo doado e a construção e formação desta coleção, legitimando a importância e a veracidade das informações levantadas.

A observação e o estudo dos objetos que compõe o acervo permite identificar anotações, marcações, dedicatórias ou outros vestígios que evidenciem a proveniência ou a propriedade ao qual esse material bibliográfico pertencia, criando assim narrativas de contextualização histórica, identificação de pessoas que tiveram alguma importância para a interlocutora ou a Instituição que abrigará o acervo, bem como, auxiliam em uma melhor classificação e organização destes materiais, tanto para a pesquisa, como para obras de valor histórico. O acervo com essa possibilidade de estudos, acaba sendo uma fonte rica de pesquisas, já que

[...] o acervo documental se torna uma fonte infinita de possibilidades de análise, uma vez que é possível refletir sobre a trajetória de vida dos documentos, a agência dos objetos em sua relação com a dinâmica institucional e, sobretudo, sobre o quanto servem de elemento de coesão, como dispositivos que fixam e fazem evocar memórias. (PEREIRA; RIBEIRO, 2015, p. 28).

O estudo deste acervo, permite ao pesquisador uma reflexão sobre a preservação, a patrimonialização dos itens de seu estudo e aprimorar suas pesquisas, sendo que

A primeira delas diz respeito à preocupação com a memória do lugar e das dinâmicas institucionais: “Quais foram as razões que levaram as pessoas a selecionarem, guardarem e manterem um espaço com tais objetos e documentos?”. A segunda questão diz respeito aos critérios de seleção que orientaram essas pessoas na tomada de decisão: “O que é digno de guardar e preservar e o que deve ser descartado? Quais objetos/documentos são dignos de preocupação com sua continuidade?” e “Quais são as intencionalidades que freiam a inevitável rota do descarte?”. A terceira questão versa sobre o método em si da etnografia documental ou de uma antropologia do objeto documental: “Como analisar a vida/a alma dos objetos e documentos? Como interpretar os sinais que tais objetos representam? De que modo essas coisas contribuem para a pesquisa etnográfica?” (PEREIRA; RIBEIRO, 2015, p. 28-29).

Desta forma, fragmentos de memórias são uma forma de valorar não só o acervo como um todo, mas fazer um resgate da trajetória da própria Instituição e das pessoas às quais os livros pertenciam. Pensar a biblioteca não só como um centro

informativa, mas também como um lugar de memória, pesquisa e construção de narrativas, no contexto social onde ela está inserida.

3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, realizamos primeiramente um levantamento bibliográfico com material necessário para compreensão do assunto, coletando informações sobre estudos de memória, biblioteca como espaços de memória, patrimônio bibliográfico e acervos de bibliotecas.

Se fez uso de análise documental do acervo doado e análise das entrevistas não-diretivas, compreendendo o *ethos* da área de Arquitetura e Urbanismo, visão de mundo e trajetória social das interlocutoras, da Glenda Pereira da Cruz que doou seu acervo bibliográfico, diretora administrativa adjunta do IAB-RS, Tamáris Pivatto e da profissional ligada à Instituição, a coordenadora da Secretaria do IAB-RS, Maria Madalena Silva Gusen. O uso de quadros sinópticos, desenvolvido por Cuty (2012), destacam os principais trechos e falas das interlocutoras e auxiliam na compreensão da entrevista.

Quadro 2 – Quadro sinópticos para as entrevistas

Categorias	Pontos (provocar a memória)
Trajetória social	<ul style="list-style-type: none"> - Quando e onde nasceste? - Lembranças da infância e do início da idade adulta; - Relação com os livros.
Ethos	<ul style="list-style-type: none"> - Escolha pela profissão/atuação profissional; - Vida docente, ambiente acadêmico; (Glenda) - Área ou assunto de maior interesse e de estudos; (Glenda) - Livros importados (em outros idiomas) e seu uso em sala de aula; (Glenda) - Atuação na Metroplan, na Ritter. (Glenda) - Seu olhar sobre o IAB e o seu trabalho no Instituto; - IAB contexto social e cultural; - Diga quais as atividades que você desempenha no IAB e quais as suas responsabilidades; - Pessoas que mais lhe marcaram no IAB; - Importância que você atribui à biblioteca e ao acervo do IAB; - Quando surgiu e se formou a Biblioteca no IAB.
Visão de mundo	<ul style="list-style-type: none"> - Participação política, influência na profissão; - O descaso de gestores com o patrimônio cultural; - Seu olhar sobre a Cidade.

Segundo Thiollent (1987, p. 81), as entrevistas não-diretivas se objetivam em “[...] explorar o universo cultural próprio de certos indivíduos em referência às capacidades de verbalização específica do grupo ao qual pertencem, sem comparação com outros grupos”, nos quais o entrevistado é quem detém a atitude de exploração ou aprofundamento das questões abordadas na entrevista, pois como o autor afirma,

[...] o indivíduo é considerado como portador de cultura (ou subcultura) que a entrevista não-diretiva pode explorar a partir das verbalizações, inclusive as de conteúdo afetivo. Nelas são procurados sintomas dos modelos culturais que se manifestam na vivência dos indivíduos ou grupos considerados. (THIOLLENT, 1987, p. 85).

Através do uso de entrevistas não-diretivas, analisamos a trajetória social da professora Glenda, com relatos de sua contribuição tanto no ensino como para a profissão, como se formou sua coleção bibliográfica, seus interesses de estudo, autores ou temas que lhe eram mais estimados.

Nas entrevistas das profissionais ligados ao IAB-RS, objetivamos conhecer a trajetória de formação do acervo e salientar a importância deste material bibliográfico, qual o público que se visa atingir e o uso desta coleção e as aproximações do IAB na temática da Arquitetura e do Urbanismo.

O conjunto destes resultados, auxiliam na compreensão da formação deste acervo, na sua organização e classificação, bem como, na elaboração futura de políticas de acervo, possibilitando definir critérios de seleção de materiais, legitimação de aceite ou não de doações, levantamento de um memorial do doador e até permitir um estudo futuro sobre a memória de pessoas que auxiliaram na formação desta coleção.

4 REFERENCIAL TEÓRICO E ANÁLISE

Nesta seção, apresentamos o referencial teórico abordando o conceito de memória, lugares de memória, processo evolutivo de bibliotecas e conceito de biblioteca especializada. É apresentada a análise dos dados coletados a partir das entrevistas, analisando as categorias de *ethos*, visão de mundo e trajetória social das interlocutoras, suas percepções sobre o valor do acervo existente na Biblioteca e a análise destes dados em relação ao tema da pesquisa.

4.1 MEMÓRIA

Compreender o que exatamente é a memória não é fácil, pois, ao tentar recuperar um fato que aconteceu, nunca podemos reproduzi-lo com a mesma fidelidade de um filme, por exemplo. Percebemos que algum elemento sempre nos escapa sob o nosso olhar ou um novo acaba sendo incorporado e, na maioria das vezes, podemos acabar caindo em falsas memórias, uma vez que estão fortemente ligadas com o estado momentâneo, o lado emocional, vivenciado e próprio de cada sujeito.

Em seus estudos, Izquierdo (1989, p. 89) afirma: "[...] desde um ponto de vista prático, a memória dos homens e dos animais é o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências [...]". A memória, portanto, geralmente é vista como uma lembrança de algo do passado, mas, na realidade, ela está no presente, que parte de um fragmento do passado ou uma imagem de um futuro, estando sempre em desenvolvimento, sendo algo não definido ou concreto de se trabalhar. Santo Agostinho afirmava que temos o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro, ou seja, temos apenas o presente, na perspectiva de memória (RICOEUR, 2007, p. 74).

As memórias podem trazer modificações no que é passado ou sentido no momento e podem marcar de modo significativo cada indivíduo de maneira própria e única. Assim como uma leitura de um livro, podemos nos emocionar ou adquirir conhecimento, dependendo de qual obra fazemos essa leitura. Essas informações são incorporadas para a nossa própria memória, deste modo, a memória é volátil, em constante mudança e não está totalmente fechada apenas no sujeito.

Consideramos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. (HALBWACHS, 1990, p. 54).

Para Halbwachs (1990, p. 49), ao observar nosso passado, somos submetidos a duas tipologias: uma memória de senso comum e outra de sociedade. A de sociedade é geralmente mais fácil de ser lembrada, enquanto a de senso comum, mais introspectiva, acaba estranhamente sendo uma memória difícil de ser acessada.

A memória de senso comum, está conectada com nosso cotidiano. É a memória das associações que mais fazemos uso ou do meio onde estamos inseridos, por exemplo, a memória de sentidos, como a visual ou a olfativa. Mas as memórias mais pessoais, dificilmente apresentam gatilhos ou grupos que ativam essas associações, sendo, por isso, raramente lembradas e tão difíceis de serem recuperadas. Podemos pensar, por exemplo, nas memórias da infância ou de traumas psicológicos.

O conceito exposto por Halbwachs de memória social, afirma a necessidade de uma memória compartilhada, na qual minha memória pessoal possui ligação não só com a memória de outro, mas da sociedade e do local onde estou inserido. Para Halbwachs (1990, p. 51), a memória é, em parte, modelada pela família e pelos grupos, ou como ele define, quadros sociais, cuja estrutura se baseia na experiência vivida pelo sujeito, suas experiências e emoções, não existindo somente uma memória individual.

O meio social exerce, portanto, influência decisiva sobre a memória do indivíduo e, estando o indivíduo em processo de interação e troca com o grupo do qual faz parte, com o meio social e com toda a sociedade, a memória é sempre coletiva, ou seja, uma construção de natureza social.

Halbwachs define os quadros sociais em: linguagem, espaço, tempo, família, religião, classes sociais e tradições. Desta forma, o lugar que o sujeito ocupa dentro do grupo será crucial para a formação das suas memórias, sendo que a recordação e o testemunho do outro servem como balizadores para afirmar e reconhecer a lembrança de si.

Halbwachs (1990, p. 29) traz o exemplo de um professor que após alguns anos é abordado pelo seu ex aluno. Este, por sua vez, rememora acontecimentos que lhe marcaram, mas o professor não consegue se lembrar com exatidão dos momentos ou

fatos apresentados. As memórias do aluno vêm carregadas do pertencimento (o lado social) de estar na turma; já ao professor, a cada ano lhe é apresentado uma nova turma e novos estudantes. Não quer dizer que tenha perdido totalmente essas memórias: ao professor, cada turma era um ciclo passageiro no tempo, ele, portanto, deixava de fazer parte daquele grupo de alunos para depois pertencer a outro. Porém, para os alunos, a lembrança do professor permanece. Há um fator de importância marcado na figura do professor, como afirma Ulpiano Bezerra de Meneses (1984, p. 33), a memória, como suporte fundamental da identidade, serve como

[...] mecanismo de retenção de informação, conhecimento, experiência, quer em nível individual, quer em social e, por isso mesmo, é eixo de atribuições, que articula, categoriza os aspectos multiformes de realidade, dando-lhes lógica e inteligibilidade.

Conhecemo-nos e reconhecemo-nos por meio dessas percepções e lembranças dos registros que fazemos de fatos passados, de objetos e coisas que nos são familiares e que nos identificam socialmente. Ricoeur (2007, p. 130) afirma que,

[...] é preciso dizer primeiro que é a partir de uma análise sutil da experiência individual de pertencer a um grupo, e na base do ensino recebido dos outros, que a memória individual toma posse de si mesma.

Nossa essência, portanto, está fortemente ligada à nossa identidade de memória, somos o que lembramos. Mas, adaptamos algumas atitudes para sermos aceitos em grupos sociais, passamos uma imagem distinta de nós para os outros, uma falsa imagem individual, que pode ser representativa em um âmbito maior, como o institucional e até mesmo de forma mais coletiva, como por exemplo, o Brasil, retratado como o país do futebol e do Carnaval.

Criamos uma identidade do povo brasileiro, mesmo que existam brasileiros que não gostem de futebol ou de Carnaval. São as nossas ações que legitimam essa memória de identidade, sendo por nós produzida e compartilhada. Da mesma forma que reproduzimos informações que também não legitimam nossa real essência individual. A representação da memória, então, assume essa ideia coletiva ou social, em que se cria uma ideia genérica instituída num grupo, que se impõe a nossa, uma invenção que se propaga, repete-se e se transforma em hábito, uma memória hábito.

A memória social então é uma memória “vendida” por alguém, não no conceito de compra, mas discutida e definida por mais de uma pessoa.

A memória da representatividade, por exemplo, hoje muito no consenso comum, nada mais é do que a memória profunda já enraizada num contexto histórico e comum, em que sua essência acaba sendo deixada num segundo plano, encoberta por essas memórias sociais “vendidas” ou amplamente divulgadas, que possuem o intuito de sobrepor as memórias, fazendo uso do apelo social que elas possuem para se legitimar. Muitas vezes, distorcem o próprio conceito original da memória, sobrepõe detalhes, fatos temporais e sociais, como vemos no caso de apropriação cultural, embranquecimento (*whitewashing*¹³), apologia a ditaduras, entre outras. A memória, hoje, assume um campo de estudos transdisciplinar, em que várias holísticas científicas discutem de maneira conjunta sobre o tema da memória e definem uma nova conceitualização.

Temas que envolvem a memória e a complexa capacidade do cérebro de selecionar, armazenar, esquecer e até “fantasiar” lembranças, sempre causaram grande curiosidade e permanecem instigando inúmeras pesquisas em diversas áreas da ciência (OLIVEIRA, 2017, p. 225).

A memória também assume um campo ético e político. Ela assume essa posição por uma seleção involuntária que realizamos quando decidimos o que memorizar, pelo modo de como aquele momento me afeta ou como correlaciona ao meu conhecimento sobre aquele momento. Sua visão política ocorre de acordo com a visão política que tenho, o que pode ser diferente de outra pessoa a quem narro essa memória e implica em esquecimento, pois realizo uma seleção prévia da memória que desejo ou não guardar. O que decido guardar ou memorizar é um comprometimento ético e político, pois além de ser algo individual, assume uma conjuntura do eu para com o outro.

Para Halbwachs, mesmo que o indivíduo venha a se isolar completamente, ainda assim, ele consegue reagrupar os acontecimentos mais marcantes. Os eventos registrados pelas divisões do tempo ou determinadas pelo calendário, narram somente os principais acontecimentos de uma sociedade, deixando escapar muitas

¹³ CAMBRIDGE DICTIONARY. **Whitewashing**. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/whitewashing>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

outras memórias que permanecem nos grupos sociais. A história ao legitimar fatos marcantes, que, quando deixam de interessar a um grupo, são esquecidos. Para Halbwachs (1990, p. 81-82), na realidade, são dois grupos que se sucedem, são fatos que se sobrepõem, ao invés de simplesmente desaparecerem no rumo da história.

Porém, as memórias subterrâneas ou profundas, precisam geralmente de uma ignição, algo que fazem ela despertar a lembrança e a sinapse dessa memória, estando fortemente ligadas aos sentidos. Para Oliveira (2017, p. 228), “a fixação de determinadas informações (memórias) através dos sentidos ocorre seletivamente e depende basicamente do envolvimento emocional do indivíduo ante cada situação”. Como exemplo, no caso de uma mãe e o seu bebê, o que marca no bebê é o seu cheiro, a identificando como fornecedora de alimento, como abrigo, à noção de calor e de segurança.

A associação de memória é feita de forma neural numa rede de diversas conexões no cérebro. Essas ligações químicas, assim como *bits* de 0 e 1 em eletrônicos, agrupam dados e criam esses “arquivos” de memórias, mas, caso algum paciente tenha sofrido danos irreparáveis em regiões do cérebro, os neurônios ainda assim, são capazes de se deslocar e reagrupar em novas regiões, possibilitando um novo sistema, não de cura, mas de reparo de sinapses daquelas regiões afetadas, ou seja, uma adaptação e rearranjo de sinapses.

Atualmente, trabalha-se na perspectiva de funcionamento cerebral do ponto de vista de redes neurais, que podem se interligar, modificar uma à outra a partir da incorporação de novas memórias, da retirada de informações de memórias antigas ou da simulação de memórias. (OLIVEIRA, 2017, p. 229).

Quando digo um nome ou faço alguma afirmação positiva, setores do meu cérebro irão reagir e entrar em atividade. Hoje já é possível de ser identificado através de exames específicos, afirmações positivas, verdadeiras, mentiras, memórias reais ou falsas memórias. Mas, diferentemente de um arquivo virtual que, quando agrupado erroneamente, pode ser corrompido ou identificável, as sinapses podem se reagrupar e criar memórias que nunca foram vividas, criando espaço para as falsas memórias. Meneses (1984, p. 33-34) aponta que

Há duas características de memória que nos obrigam a uma consideração mais cuidadosa. A primeira é que ela é *seletiva*. Nem

tudo ela registra e, do que registra, nem tudo aflora à consciência. [...] A outra característica é que a memória pode ser *induzida* e, mesmo, forjada.

Quando abordamos o termo memória falsa, referimo-nos, geralmente, a memórias não vividas pelos sujeitos, pequenos distúrbios e lembranças que acreditamos ter vivenciado, mas que, na verdade, não aconteceram. Elas geralmente ocorrem através da retenção e mistura de diversas imagens, criando essas memórias não vividas e experimentadas, como quando após ler alguma informação, temos a sensação que já vimos essa mesma informação em algum outro lugar.

Quimicamente, nosso corpo reage a elas, mas podem ser uma mistura de excessos informacionais que se somam com algum elemento real ou que significaram tanto, que nosso corpo reage como sendo real. Um exemplo são sonhos lúcidos, na qual experimentamos uma dessas lembranças e, muitas vezes, quando acordamos, acreditamos ou aceitamos que esses fatos ocorreram, sendo discernidos em pequenos detalhes que não fazem sentido ou no fato de não lembrarmos nuances deles quando acordamos. Outro exemplo são as modificações históricas criadas pelo passado social instituído como modelo de valor e de ações que representam o oposto verdadeiro da História (MENESES, 1984, p. 34), no caso dos regimes totalitários, que alteram as versões dos atos históricos.

Outro fato, é o armazenamento da informação. Diferentemente do que é apresentado no conto de Borges (2007) Funes, o Memorioso, o cérebro humano é capaz de armazenar uma quantidade infinita de informações, mas, ao mesmo tempo, é muito limitado. Sua limitação está no fato da seleção, em que agrupamos informações que para nós têm algum significado, em contrapartida, esquecemos alguns fatos menos importantes, passando por um processo contínuo de coleta, seleção e esquecimento. Para Oliveira (2017, p. 229), “[...] não guardamos todas as memórias que fazemos e, da maioria delas, conservamos só fragmentos. Sem poder esquecer, selecionar e classificar as lembranças.”

Não somos capazes de lembrar fatos com detalhes da nossa infância, como o gosto do primeiro sorvete que comemos ou o dia que sentimos a primeira gota da chuva, mas podemos nos lembrar de fatos que tiveram um maior impacto, como o primeiro beijo ou a perda de alguém que amamos.

O esquecimento é um avançado recurso que nos permite uma proteção nos casos de memórias dolorosas ou impactantes. Como afirma Halbwachs (1990, p. 32),

“[...] constatou-se que algumas vezes, após um choque cerebral, esquecemos o que se passou em todo um período, em geral antes do choque, remontando até uma certa data, enquanto nos lembramos de todo o resto.” O medo de altura, por exemplo, pode ser um trauma geralmente associado a um acidente ou experiência traumática na infância. Desta forma, bloqueamos certas memórias, deixando resquícios ou traumas sem uma origem de explicação, o que ocasiona uma dificuldade ao recuperar detalhes desta memória dolorosa, sendo somente acessível mediante sessões de terapia ou algo de igual impacto que refaça essa sinapse de memória.

Muito antes da popularização do livro, a memória era compartilhada por meio de narrativas, repassadas na oralidade entre os membros da sociedade, o que é definido por Halbwachs no quadro social das tradições. Como Halbwachs (1990, p. 65-66) afirma, enquanto os pais estavam ocupados em atividades no campo ou com o trabalho, os pequenos eram confiados à guarda dos “velhos”, geralmente familiares próximos, onde as crianças recebiam o legado dos costumes e das tradições de toda a espécie. Não que isso tenha deixado de ocorrer nos dias atuais, pelo contrário, mas a introspecção causada pela leitura individual, de certa maneira, fez com que as pessoas perdessem o domínio da sua narratividade, algo criticado por Benjamin (1987a, p. 200-201),

[...] a verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se "dar conselhos" parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção.

Para Benjamin, o fim da arte de contar histórias compromete a transmissão do repasse das memórias na sociedade, como define França (2014, p. 114), a modernidade promove uma perda da experiência coletiva na vivência da tradição comum, tornando predominante outras narrativas, como o romance e a informação

jornalística. Porém, é nas narrativas e nos acontecimentos públicos, que as lembranças são fortificadas, definindo assim, a história coletiva de um grupo social.

Para Ricoeur (2007, p. 75), “[...] toda a sociedade tem o encargo da transmissão, daquilo que ela considera suas conquistas culturais”. Ricoeur (2007, p. 189-190), afirma que a narratividade exprime a importância do legado, mas não o fato de narrar em si, mas sim, a reflexão que é feita sobre a narrativa. As noções de espaço e tempo, presentes nas narrativas, complementam-se com a noção de testemunho. Sendo o testemunho, portanto, o balizador sobre a “realidade”, dando autoridade sobre a verdade do acontecimento passado.

Como afirma França (2014, p. 116), Ricoeur desdobra os conceitos desenvolvidos do estudo de Halbwachs, partindo que a rememoração é um produto de um processo de elaboração individual, e a comemoração é o trabalho de construção de uma memória coletiva. Ambas, portanto, partem da escuta das narrativas do grupo de pertencimento e portadores da memória, para somente depois, se apropriarem da capacidade narrativa. Ainda segundo França (2014, p. 122), “[...] a memória surge da interação entre os membros de qualquer grupo e é sempre um processo de síntese, de esquematização, de interceptação - isto é, ela possui uma dimensão subjetiva.”

A tecnologia hoje, apresenta diversos dispositivos, gatilhos ou *reminders*, como agendas eletrônicas, *softwares* de gerenciamento de compromissos, secretárias virtuais, redes sociais, etc. Uma praticidade que facilita nossos processos mnemônicos, entre eles, podemos citar o livro.

O advento do livro, fez com que essa memória oralizada fixasse no texto. Para Báez (2006, p. 24-25), “[...] o livro dá consistência à memória humana”, um livro destruído, seria, portanto, uma forma de aniquilar a memória de uma cultura, não necessariamente só o objeto em si.

A informação que está impressa no livro, emana a memória, que somente é associada dependendo do estado de espírito, sentimento, vivências e experiências próprias de cada indivíduo leitor. É muito comum embaralhar memórias com informações de livros,

É bem possível que, quando as li, a lembrança pessoal que eu guardava de semelhantes impressões tenha se fundido com a descrição do livro. Eu me recordo dessas descrições, e é talvez nelas em que se encontra conservada e que rememoro sem o saber tudo

aquilo que subsiste de minha impressão assim transposta. Seja como for, a ideia, assim concretizada, não é mais um simples esquema sem conteúdo. (HALBWACHS, 1990, p. 73).

Por outro lado, os livros podem vir a servir como um reforço de velhas memórias até então esquecidas, como vemos em Manguel (2021, não paginado),

Minha mente é caprichosa. Às vezes sabe ser caridosa: nos momentos em que necessito de um pensamento consolador ou feliz, ela atira em minha direção, como moedas para um mendigo, as esmolas de um evento esquecido muito tempo antes, um rosto, uma palavra do passado, uma história lida em noite abafada quando eu estava debaixo das cobertas, algum poema descoberto numa antologia que meu ego adolescente acreditava não ter sido descoberto por ninguém. Mas a generosidade de meus livros está sempre lá, como parte de sua natureza, e, ao retirá-los de suas caixas, apesar de terem sido condenados ao silêncio por tanto tempo, eles ainda se mostram bondosos comigo.

Para Manguel, a biblioteca é também uma espécie de sua autobiografia, onde nela, se sustentam camadas do seu ser, alimentadas nas leituras que fez de cada obra. Uma biblioteca, portanto, carrega consigo seu DNA, sua essência e sua própria história, com diversos elementos que identificam a quem ela pertence. Como afirma Manguel (2021), “[...] muitas vezes senti que minha biblioteca explicava quem eu era, me dava uma personalidade mutante, que se transformava constantemente ao longo dos anos.” Suas ideias, inspirações, pensamentos, se sustentam em marcações no livro, às vezes com anotações ocasionais em margens, datas, marcadores de páginas dos mais diversos, que recordam quem ele era ou o momento que vivenciou, fragmentos de memória que ficam presentes no livro. E em certos momentos, nossas lembranças se confundem com as informações presentes no livro,

Agora, em frente da última caixa semi-esvaziada, há muito já passou da meia-noite. Afloram em mim pensamentos diversos dos que acabei de relatar. Não são pensamentos; são imagens, lembranças. (BENJAMIN, 1987b, p. 235).

A biblioteca para Benjamin, serve como um local de recordação, o arranjo dos seus livros rapidamente se transforma em ritual mnemônico. Benjamin ao manusear seus livros, associa seus pensamentos com lembranças e memórias de outrora. Halbwachs (1990, p. 69-70), sobre o livro, relata o quão vivas as memórias podem ser,

Folheando essas páginas, parece-nos ver ainda os velhos parentes que tinham os gestos, as expressões, as atitudes e os costumes que reproduzem as gravuras, parece-nos ouvir suas vozes e reencontrar as mesmas expressões que usavam. [...] Entretanto, se reabro esses livros, se encontro essas gravuras, esses quadros, esses retratos, não é de modo algum porque, possuído por um impulso, por uma curiosidade de erudito ou pelo gosto das coisas velhas, iria consultar esses livros numa biblioteca, e olhar esses quadros num museu. Eles estão em minha casa ou em casa de meus pais, eu os descubro entre meus amigos, prendem meus olhares sobre o cais, nas vitrines das lojas de antiquários. No mais, fora das gravuras e dos livros, na sociedade de hoje, o passado deixou muitos traços, visíveis algumas vezes, e que se percebe também na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e mesmo nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidas por tais pessoas e dentro de tais ambientes, nem nos percebemos disto, geralmente. Mas, basta que a atenção se volte para esse lado para que nos apercebamos que os costumes modernos repousam sobre antigas camadas que afloram em mais de um lugar.

Para Halbwachs, os livros são o legado deixado pela humanidade contendo pequenos fragmentos de memória de um passado distante, conservando inconscientemente pessoas e lugares de outros tempos. Já para Ricoeur (2007, p. 274-275), existe uma distinção clara entre os livros de história e os romances, que está na natureza do pacto implícito entre o leitor e o escritor.

Para Ricoeur, nos romances, mesmo os mais realistas, o leitor se aventura e deixa-se permitir entrar na história elaborada pelo escritor, sem o compromisso de ela suspeitar ou contradizê-la. Porém, nos livros históricos, isso já muda, pois o leitor exige que a informação, que apresente uma prova, que se legitime como verdadeira. Já para Nora (1993, p.15),

Colecionadores, eruditos e beneditinos consagrava-se antigamente à acumulação documentária, como marginais de uma sociedade que avançava sem eles e de uma história que era escrita sem eles. Pois a história-memória havia colocado esse tesouro no centro de seu trabalho erudito para difundir o resultado pelas mil etapas sociais de sua penetração. Hoje onde os historiadores se desprenderam do culto documental, toda a sociedade vive na religião conservadora e no produtivismo arquivístico. O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar.

Nora fazendo uma crítica aos eruditos que detinham a guarda e o anseio do registro de toda a informação produzida, reforça que sem essa produção literária, talvez hoje, não seríamos capazes de possuir o conhecimento sobre os povos antigos,

[...] à medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tomar prova em não se sabe que tribunal da história. [...] Impossível de prejulgar aquilo de que se deverá lembrar. Daí a irubição em destruir, a constituição de tudo em arquivos, a dilatação indiferenciada do campo do memorável, o inchaço hipertrófico da função da memória, ligada ao próprio sentimento de sua perda e o reforço correlato de todas as instituições de memória. (NORA, 1993, p.15).

Hoje, cada vez mais, a tecnologia é responsável em armazenar informações, sendo mais acessível e confiável. Por outro lado, a tecnologia nos torna cada vez mais dependentes dela. Dificilmente nos lembramos de coisas que antigamente eram memorizadas, tais como, datas de aniversários de pessoas próximas, números de telefones, de documentos pessoais, placa do carro, locais de estacionamento, eventos da semana, entre outros.

A tecnologia, principalmente a Internet, proporciona uma vasta gama de informações, permitindo, inclusive, armazenar suportes de memórias, como fotos, vídeos e dados, que antes eram associados à própria memória individual ou coletiva, permitindo o resgate ágil e confiável destas informações passadas. Porém, apesar disso, ocorre o risco destas memórias estarem unicamente em um meio, o virtual. Oliveira (2017, p. 234) apud Huysen (2002) Candau (2012) e Connerton (2008),

[...] atentam para dois perigos: o esquecimento pela obsolescência das mídias, que a todo momento se atualizam, deixando em desuso tecnologias anteriores num ínfimo espaço de tempo; e o esquecimento pelo excesso de informações produzidas, armazenadas e em circulação, que causam nos indivíduos imensas sobrecargas memoriais, deixando-os incapazes de conferi-las algum sentido.

Esse sentimento de perda, faz com que repensamos sobre o valor da guarda e a importância dos lugares de memória, como as bibliotecas, assim como, a importância e o discurso de salvaguarda do patrimônio,

O esquecimento, assim como a memória e a identidade, também passou a ser um assunto recorrente na contemporaneidade. Ao

mesmo tempo em que se questionam os “excessos de memória”, a busca de vestígios do passado e a necessidade crescente de patrimonialização de bens culturais, se reconhece, também, o perigo de esquecer; o risco do desaparecimento gradual da nossa história, das nossas memórias, dos referenciais em nossas vidas. Talvez por esse medo do esquecimento, que, cada vez mais, a sociedade se solidariza com as instituições encarregadas de guardar e preservar nosso acervo cultural, o que se reflete no crescente número de estabelecimentos com esses fins (nunca se teve tantos espaços de guarda de memória como na atualidade) [...] (TORINO, 2013).

A memória não se limita somente a uma tipologia de suporte, dependemos de elementos correlatos que permitem serem os gatilhos de memória necessários para as sinapses, afim da compreensão total da narrativa exposta e da história presente em cada fragmento. Há o esforço contínuo para inventariar e patrimonializar o que consideramos potenciais detentores de memória da civilização, como vimos, pela preocupação de uma possível perda informacional, mas a pergunta que fica, o que vamos deixar para a próxima geração?

4.2 LUGARES DE MEMÓRIA

As bibliotecas estão presentes em nossa memória, muitas vezes em lembranças construídas ainda na própria infância. Podem ser associadas como sendo lugares chatos, com uma bibliotecária ranzinza e mal humorada ou um depósito cheio de livros com camadas de poeira. Podemos identificar também o oposto, uma lembrança de um local de busca do conhecimento com mediação, sendo um espaço colorido, acessível e com tecnologias, um ambiente alegre, lúdico, proveitoso, com bibliotecários e assistentes que incentivam o gosto pela leitura e a cultura.

A biblioteca, assim como o museu e o arquivo, pode ser identificada como lugares de memória. Este é um conceito histórico que teve destaque na obra *Les Lieux de Mémoire*, editada a partir de 1984 sob a coordenação de Pierre Nora. Para o autor, os lugares de memória, ou *lieux de mémoire*, cristalizam-se no tempo, resistindo às transformações e sendo espaços que guardam e persistem às lembranças de outrora.

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade

torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993, p. 7, tradução de Yara Aun Khoury).

Para Nora (1989), os lugares de memória servem como pedras de uma fundação da História, ou seja, marcas de resistência de uma história que surgiu, mas que, sem elas, simplesmente, acabam sendo esquecidas pelas gerações ou por outros fatos que vem surgindo. O autor ainda destaca a proteção das memórias das minorias e desta destruição de memória pela cultura dominante que subjuga a menor, sendo lugares de memória como um espaço sagrado de proteção e salvaguarda do que já existiu.

Na verdade, o ser humano tem essa preocupação da guarda e lembrança do passado para com o futuro. Como vimos, a memória é complexa, passível de esquecimento e até em alguns casos, de manipulação. Temos registrado nosso passado de diferentes formas: na língua, na escrita e nos meios arquitetônicos, como no caso das pirâmides, mesmo assim, só não perdemos o significado dos hieróglifos, graças a Pedra de Roseta, importante chave para a transcrição dos hieróglifos para a nossa língua moderna. Lugares de memória são, então, espaços para a guarda de restos ou fragmentos de memórias que resistem ao esquecimento do tempo.

Para Nora (1993), existem três conceitos para lugares de memória: os materiais, com suportes físicos que abrigam a memória social, como museus, arquivos e bibliotecas; os funcionais, que são os alicerces das memórias coletivas, como os manuais, autobiografias, associações e instituições, e os simbólicos, onde expressam e se revelam as memórias coletivas, como as comemorações, passagens, aniversários ou eventos que marcam a memória social.

Lugares de memória se amarram fortemente em dois conceitos: o da memória e o da história, porém com uma diferença entre ambos: enquanto a memória é viva, carregada na lembrança dos grupos a que ela pertence, em constante evolução e ainda assim, suscetível a manipulações, a história, por sua vez, é a construção do que não existe mais (NORA, 1993, p. 9). Ainda segundo o autor,

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção [...] Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais [...] são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e

glaciais. São rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; [...] Sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos [...] nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares da memória. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e purificá-los, eles não se tornariam lugares de memória. É este vai e vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. (NORA, 1993, p. 13).

A memória é, portanto, esse objeto vivo, sendo um elo do presente ligado ao passado, já a história é a representação do passado. E podemos associar esses lugares de memória como como gatilhos, tanto para metamemórias (construídas), como memórias subterrâneas, que se opõem a essas tidas como “memórias oficiais”.

Como afirma Nora, é essa necessidade de se afirmar na história que identifica e marca esses lugares de memória. Esses lugares nascem da essência de um sentimento intrínseco do ser humano de preservar sua história e seu legado. Os lugares de memória são onde armazenamos o que temos medo de perder ou esquecer ou do que gostaríamos que fosse lembrado.

4.3 PROCESSO EVOLUTIVO DAS BIBLIOTECAS

A ideia de biblioteca, na realidade, surge antes mesmo do livro. Segundo Campos (1994, p. 105), “[...] os gregos chamavam de *biblioteca* (de *biblion*, livro + *theke*, cofre) o recipiente de metal ou madeira em que guardavam os rolos manuscritos.” Diferentemente da versão moderna que nos acostumamos, esse local de fruição, pesquisa e acesso a qualquer pessoa, no passado, a biblioteca se destinava apenas a um grupo seleto de pessoas, sendo o livro, um objeto sagrado.

Até a Renascença, as bibliotecas não estão à disposição dos profanos: são organismos mais ou menos sagrados, ou, pelo menos, religiosos, a que têm acesso apenas os que fazem parte de uma certa “ordem”, de um “corpo” igualmente religioso ou sagrado (MARTINS, 1996, p. 71).

A biblioteca como o depósito do saber era reclusa somente aos profissionais que dela administravam, aos reis e outros nobres, sendo isolada e sem acesso ao público em geral. O conhecimento era divulgado, principalmente, por meio da oralidade, havendo um filtro das informações que seriam repassadas para a população.

Mesmo assim, ter ou ser dono de uma biblioteca, não necessariamente demonstrava a capacidade de ler, tão pouco do domínio da escrita. Muitos reis da antiguidade possuíam em seu corpo de vassallos, homens das letras, pessoas com habilidade da escrita ou leitura de textos. Alguns monges copistas, tinham o domínio da escrita, porém, eram incapazes de compreender os textos que copiavam. Esse modelo se perpetuou até o advento da imprensa de Gutenberg.

Das principais bibliotecas da antiguidade, podemos citar a biblioteca de Nínive, pertencente ao rei Assurbanipal, um homem extremamente culto, amante das obras plásticas e, principalmente, da literatura. Antes de se tornar rei, foi preparado para ser um sacerdote e foi reconhecido com um dos mais sanguinários reis da Assíria. Assurbanipal emitia ordem a seus emissários a procura de tijolos escritos, que seriam encaminhados para sua biblioteca.

Na biblioteca, os textos eram submetidos à crítica de um grupo de estudiosos que avaliavam sua autenticidade e procediam a correções, acrescentando ou suprimindo partes e determinando se deviam ou não ser copiados... muito do que se sabe sobre as antigas civilizações da Mesopotâmia chegou até nossos dias. (CAMPOS, 1994, p. 35-36).

A biblioteca de Pérgamo, fundada por Átala e seu filho Eumênio (MARTINS, 1996, p. 76), teve uma grande importância histórica. Há relatos de que ela teria um acervo com mais de duzentos mil volumes, possuía como um dos seus objetivos, competir com a biblioteca de Alexandria, mas foi destruída por Marco Antônio em 40 a.C. Como afirma Santos (2012, p. 178), ficou reconhecida historicamente pela invenção do pergaminho (*Charta Pergamenum*), que por ser reciclável e resistente, viria a ser o suporte preferido para a escrita durante os mil anos seguintes.

Ainda segundo Santos (2012, p. 178), na Grécia, a biblioteca criada por Pisístrato, foi a primeira que possuía um caráter de ser uma biblioteca pública. Tinha como seu objetivo, reunir em um mesmo lugar, obras dos autores mais famosos, tais como Homero e outros pensadores. Porém, a oralidade da literatura grega talvez

explique a quase inexistência de bibliotecas na Grécia, havendo um destaque maior para bibliotecas particulares como a de Eurípedes, Aristóteles e Teofrasto.

Mas de todas, a mais reconhecida é a biblioteca de Alexandria. Ela tinha como missão reunir em seu acervo todo o conhecimento da Humanidade. Para isso, fazia-se cópias manuscritas de todos os livros que porventura chegassem à cidade, retendo ainda, no porto, os navios mercantes e inspecionando qualquer obra ou registro que ali estivesse presente. Há relatos que, muitas vezes, mantinham a obra original e somente uma cópia era devolvida, além de, frequentemente, fazerem aquisições de livros e trabalhos científicos.

A Biblioteca de Ebla, na Síria, contava em seu acervo com mais 15 mil tábuas de argila, dispostas em estantes com tábuas pequenas representando resumos do conteúdo de cada documento (ORTEGA, 2004). Tal processo, se assemelha muito às bibliotecas tradicionais, onde podemos perceber um serviço, ainda que rudimentar, de síntese e recuperação da informação, contida nesses resumos. É interessante que Ortega (2004) aponta outra curiosidade: a proteção por envelopes onde estavam dispostos resumos, uma clara preocupação com a recuperação da informação, organização e cuidado deste frágil material.

Apesar dessa preocupação e importância de legado, muitas bibliotecas eram frequentemente saqueadas e destruídas, principalmente com incêndios, sobrando apenas fragmentos dos acervos que continham. Sobre a destruição de bibliotecas na antiguidade,

[...] antes de serem reduzidas a escombros, foram incendiadas. Se o livro da antiga Mesopotâmia fosse feito de outro material que não o barro (papiro, por exemplo, ou pergaminho, os suportes de escrita que mais proliferaram na Antiguidade), nada ou quase nada da história daquela civilização teria chegado até nós. O barro, cozido e recozido, torna-se ainda mais resistente. De sob as cinzas - da destruição pretendida pelos conquistadores - a modernidade pôde recolher a memória de uma parte do mundo onde talvez tenham sido dados pelo homem os primeiros passos na passagem da barbárie para a civilização. (CAMPOS, 1994, p. 22).

Das cinzas do passado, esses fragmentos só foram possíveis de serem recuperados, graças à tecnologia e suporte material da época. Esse suporte onde continha a informação, possuía uma variedade de materialidades, constituindo-se por um processo artesanal, que com advento da imprensa de Gutemberg, na Idade Média,

retira do profissional da biblioteca esse ofício, fazendo ele perder esse contato mais próximo e artesanal da confecção do livro,

[...] pode-se dizer que o trabalhador da biblioteca perdeu certa responsabilidade, cumplicidade e envolvimento com os documentos, já que não realizava mais a reprodução dos mesmos e a compreensão e organização dos conteúdos que lhe é decorrente (ORTEGA, 2004).

Esse profissional, que antes tinha esse reconhecimento e acesso privilegiado, muito diferente de outras pessoas de diferentes camadas da sociedade, passa a ter uma maior visibilidade social e pública, antes delimitada pelo enclausuramento que tais serviços exigiam. A popularização do livro e da escrita, permitem o surgimento da biblioteca pública e as novas tentativas de uma bibliografia universal. A preocupação do profissional da biblioteca muda, surge a sistematização e catálogos, tentando organizar a informação publicada e como melhor ofertá-la ao público.

No fim do século XIX até os anos 1950, Ortega (2004) relata que foi um período marcado por inovações técnicas e tecnológicas nas bibliotecas dos EUA. Até o início da Segunda Guerra Mundial, houve uma expansão de serviços de bibliotecas por todo o país, sobretudo com advento de novas tecnologias, como fotocópias, microfilmagem, telefones, máquinas de escrever e o uso de regras para catalogação, classificação e arquivo. Porém, tais inovações não foram muito estudadas e adaptadas, ocorrendo após a Segunda Guerra, um *boom* informacional, aumentando drasticamente os acervos e os conteúdos informacionais.

Neste momento, podemos perceber a grande genialidade dos profissionais da informação. Uma vez que o *boom* se torna inviável o resgate informacional, a biblioteca se reinventa, não somente para a salvaguarda, mas também para a organização e acesso informacional. Novas tecnologias são desenvolvidas que auxiliam os bibliotecários e profissionais da informação neste processo, mas que ao mesmo tempo, otimizam as atividades.

A informação hoje é tão dinâmica e instantânea, disposta nos mais diferentes suportes, que é inviável ter o registro e, principalmente, a guarda de tudo, especialmente no que tange aos acervos virtuais, *ebooks*, audiolivros, redes sociais, jornais e a informação disposta na *Web*.

Não cabe hoje a visão que se tinha da biblioteca do passado, com um depósito e registro de tudo o que é produzido. A biblioteca precisa ser dinâmica, compartilhar,

trocar e permitir que o usuário saia plenamente satisfeito em suas pesquisas, além de ser um espaço que permita a promoção da cultura, de modo universal, sem distinção de gênero ou classe social.

Pensando ainda em bibliotecas, existe a preocupação da salvaguarda do livro e da informação, independentemente da tipologia de suporte, quer seja físico ou virtual. Há uma questão política sobre o desfazimento, baixa e seleção de quais livros ou informações terão ou não, sua salvaguarda garantida pela biblioteca, sem falar da própria censura, quer seja institucional ou política.

Há quem defenda o livro somente em formato físico em papel, outros já preferem os livros em meio virtual, mas diferentemente de qual seja o futuro do livro, sabemos que nada irá substituí-lo. A própria História nos demonstra isso, dos primeiros vestígios em tabletas de argila ou papiros, o livro hoje se populariza ainda no meio virtual na forma de *Ebooks* e, qualquer que seja seu futuro, apenas seu suporte talvez seja algo diferente do que estamos acostumados nos dias de hoje.

Com a logística do tempo e os processos cada vez mais dinâmicos, qual seria a função do profissional da informação hoje? Como uma biblioteca pode se reinventar para atrair o público? As bibliotecas possuem a habilidade de reinvenção e de utilidade social, mas grande parte se deve aos profissionais que delas fazem sua gestão.

4.4 BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS

Com o próprio avanço das tecnologias, tornou-se inviável que as bibliotecas armazenassem todos os registros humanos. Desta forma, proliferaram novas bibliotecas, com características de seleção e acervos diferentes. (SILVA; COUTINHO; LOURENÇO, 2016, p. 23).

Vale salientar que a biblioteca não é somente um depósito de livros, ela possui como objetivos a organização da informação. As obras ali existentes, devem passar por um tratamento técnico que inclui a descrição física da obra e análise temática, na identificação de descritores que representam o conteúdo exposto das obras. Como define Silva, Coutinho e Lourenço (2016, p. 21),

As fileiras de estantes, repletas de livros, atendem a uma organização universalmente aceita. [...] Podemos perceber, [...] que o que vemos não é um simples depósito como pode parecer em um primeiro momento, muito pelo contrário, há por trás uma intrincada organização.

Cada biblioteca traz consigo uma característica própria, que define sua razão de existir. Como afirma Milanesi (1983, p. 9), “[...] não existem bibliotecas definitivas. Ela própria traz em seu bojo as contradições que vão exigir novos desdobramentos.” Sendo assim, as bibliotecas devem suprir as necessidades e desejos do público que por ela é atendido, cada biblioteca tem seu perfil próprio de público.

Segundo Silva, Coutinho e Lourenço (2016, p. 24), as bibliotecas se dividem em quatro principais tipologias: públicas, escolares, universitárias e especializadas. Desta forma, podemos afirmar que a Biblioteca Enilda Ribeiro pode ser assim definida como uma biblioteca especializada. Seu acervo, constituinte da evolução histórica do próprio IAB-RS e alimentado por doações de profissionais da arquitetura e do urbanismo do Estado, colaboram por uma especificidade de assunto, neste caso, a Arquitetura e o Urbanismo.

Segundo o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, caracteriza-se como biblioteca especializada aquela que é

Voltada a um campo específico do conhecimento. Seu acervo e seus serviços atendem às necessidades de informação e pesquisa de usuários interessados em uma ou mais áreas específicas do conhecimento. É vinculada a uma instituição pública ou privada podendo também se caracterizar como uma biblioteca universitária, quando vinculada a uma unidade de ensino superior. (SNBP, [2021?]).

Para Silva, Coutinho e Lourenço, as bibliotecas especializadas,

[...] como a própria denominação indica, têm seu acervo especializado em alguma área do conhecimento. Normalmente estão ligadas a instituições e atendem as necessidades informacionais dessas instituições. (SILVA; COUTINHO; LOURENÇO, 2016, p. 26).

Desta forma, a biblioteca especializada se difere das demais tipologias por possuir um acervo e um arranjo organizacional voltado para determinado assunto, área do conhecimento ou público específico. Para Ashworth (1967, p. 632), “a biblioteca especializada é uma biblioteca quase exclusivamente dedicada a publicações sobre um assunto ou sobre um grupo de assuntos em particular”.

Já Cesarino (1978, p. 231), define que as bibliotecas especializadas são unidades pertencentes a instituições governamentais, particulares ou associações

formalmente organizadas com o objetivo de fornecer ao usuário a informação relevante de que ele necessita, em um campo específico ou assunto.

Targino (1988, p. 22) complementa dizendo que a biblioteca especializada é aquela que tem um acervo composto de material bibliográfico técnico destinado a atender os campos de atuação de uma determinada instituição. Na mesma linha de pensamento, Figueiredo (1978, p.156), coloca a biblioteca especializada como um sistema de informação de um assunto ou um grupo de conhecimentos afins.

Ainda segundo Figueiredo (1978, p. 157), a biblioteca especializada tem como objetivo o armazenamento, a organização e a disseminação das informações presentes no local onde está inserida. Sua especificidade, estrutura e assuntos, objetivam representar a seu acervo, sendo mais objetiva do que generalizada.

Apesar de qualquer tipologia que uma biblioteca possua, ela deve manter sua essência em trilhar novos caminhos do saber. Sua razão de existir é prestar informações relevantes para seus usuários, através de profissionais habilitados e capacitados para serem mediadores da informação, neste caso, bibliotecários e técnicos em biblioteconomia habilitados. A biblioteca é, portanto, um lugar de acesso e salvaguarda da informação, um lugar do cotidiano, um centro informacional, cuja essência consiste na preservação da memória e do saber, sendo guardiãs do conhecimento registrado nas obras sob sua tutela.

4.5 QUADROS SINÓPTICOS

Nesta seção, apresentamos os dados coletados a partir das entrevistas, analisando as categorias de ethos, visão de mundo e trajetória social dos interlocutores, suas percepções sobre o valor do acervo existente na Biblioteca e a análise destes dados em relação ao tema da pesquisa.

4.5.1 Sempre gostei do desenho

Em junho de 2021, num cenário de muitas incertezas e cuidados com a pandemia da Covid19, marcado pelo isolamento social, pela readequação do trabalho com o uso cada vez maior de plataformas digitais, pela promessa da imunização e retomada, ainda que tímida, das atividades presenciais, entrevistamos via web

conferência, a diretora administrativa adjunta do conselho dirigente do IAB-RS e vice-diretora executiva do Centro de Memória do IAB-RS, Tamáris Pivatto.

Tamáris, arquiteta e urbanista de formação, era estudante da UFRGS em 2011 e relata que a escolha da profissão partiu de gostar muito de desenho e das artes, “[...] mas que queria uma formação que juntasse essa parte técnica com o lado artístico, que tivesse algo a ver com a Cultura”, optando pela Arquitetura, o curso que para ela, conseguiu unir essas duas paixões.

Vinda do interior do Estado, sua mãe foi professora e seu pai veterinário do Ministério da Agricultura. Segundo ela, seu pai tinha formação de técnico agrícola e nessa formação, “[...] mesmo como veterinário, sempre teve uma atuação de construir coisas no meio rural, até casas onde eles tinham habilitação”, e sendo a maioria dos tios produtores rurais, juntamente com seu pai, realizavam muitas construções, tanto urbanas, como agrícolas. Como influência artística, lembra-se com carinho de uma de suas tias, com formação de Belas Artes e professora. Ela lecionava num curso técnico em edificações, ensinando matemática e desenho para a Tamáris desde muito cedo, ainda onde hoje ela percebe “[...] me ensinou certas coisas, [...] acabou formando a gente.”

Ao narrar sobre a história do curso de Arquitetura na UFRGS, aponta que anteriormente, “[...] se tu quisesse ter um diploma de arquiteto tu teria que ir até o Rio de Janeiro ou até Buenos Aires, ou Montevideu, para conseguir se formar, [...] o Rio de Janeiro foi o primeiro, se não me engano.” De fato, segundo Baratto (2016), a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, fundada por D. João VI, destaca-se por ser a primeira escola a oferecer o curso no país, criada durante a missão artística francesa, ofertando além da Arquitetura, cursos de Pintura e Escultura.

Ainda segundo Baratto (2016), com a Independência em 1822, a escola recebeu o nome de Academia Imperial de Belas Artes e, em 5 de novembro de 1826, ganhou uma nova sede, inaugurada por D. João I, situada na Avenida Passos, no Centro do Rio, projetada por Grandjean de Montigny. Acabou demolida durante o Estado Novo, restando apenas o pórtico, transferido posteriormente para o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde atualmente está situado. Getúlio Vargas, em 1927, criou o Museu Nacional de Belas Artes, que passa a abrigar o curso até 1961, sendo transferido posteriormente para a cidade universitária,

A desvinculação da Escola de Belas Artes aconteceu em 1945. As graduações de Arquitetura e de Urbanismo passaram a compor a Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na década de 60, a faculdade foi transferida para seu endereço atual, na Ilha do Fundão, ocupando um prédio projetado pelo arquiteto Jorge Machado Moreira. (BARATTO, 2016).

Um apontamento levantado por Tamáris durante seu relato é sobre a aproximação do curso com as Engenharias e demais áreas das exatas,

[...] vou até cuidar como para não falar de uma forma equivocada, mas a gente tem uma peculiaridade brasileira [...] que a gente acaba constituindo nossos cursos de arquitetura no Brasil, os cursos do Rio de Janeiro e de São Paulo, no momento em que o Brasil está importando uma ideologia positivista francesa. E é esse momento, na França, é um momento de supervalorização da engenharia. A arquitetura, em geral, no primeiro, não sei se é adequado falar primeiro mundo, mas na Europa, nos Estados Unidos, a arquitetura sempre teve um status um status maior. O status não é uma palavra adequada para se usar [risos]. (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

O enaltecimento das Engenharias e o saber fazer do arquiteto europeu, estão fortemente ligados ao movimento positivista francês, que, de certa forma, sobrepôs a cultura açoriana presente na época, constituindo uma base de ensino peculiar, o oposto visto nos países vizinhos ao Estado,

[...] vamos dar ênfase na engenharia e nesse momento o Brasil importa o positivismo e constitui suas universidades com base nesse pensamento positivista e acaba por quase com a peculiaridade brasileira que não ocorre nos países aqui do lado, nem na Argentina, nem no Uruguai, nem Chile. (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Segundo Tolotti Filho (2010, p. 8-12), com a proclamação da República em 1889, Porto Alegre torna-se um dos principais centros político-econômicos do sul do país. Sua importância como capital de negócios e, conseqüentemente, seu crescimento populacional, demandam modificações, principalmente urbanas e de caráter sanitarista. Inicia assim, um período marcado pelo Ecletismo (TOLOTTI FILHO, 2010, p. 11), etapa precedente ao surgimento do Movimento Moderno, que se caracteriza como sendo um mito da Modernidade e do progresso vinculado ao Iluminismo, marcado pelo início do processo da Industrialização, mudanças de estilos

de vida, crescimento do nacionalismo, do positivismo e à saturação do ornamento e elementos decorativos.

Importam-se conhecimentos e saberes além mar, reproduzindo ideias e conceitos que acabam descaracterizando a arquitetura local açoriana, criando e misturando diferentes referências de estilos formais. Entre os principais nomes deste período, destaca-se Theodor Wiederspahn, arquiteto, engenheiro e construtor alemão.

Wiederspahn migrou para o Brasil em 1908 para trabalhar na Viação Férrea (TOLOTTI FILHO, 2010, p. 19), que acabou não acontecendo por problemas contratuais; passou, então, a trabalhar como arquiteto no Departamento de Projetos do Escritório de Engenharia de Rudolf Ahrons, porto-alegrense que havia se formado em Engenharia Civil na Escola Politécnica de Berlim, em 1903. O escritório de Ahrons era o maior da cidade e tinha como propaganda que “todo positivista constrói”. Ali, Wiederspahn adquiriu reputação e passou a ser muito requisitado, participando de diversos projetos na Cidade,

Theodor Wiedersphan firmou o projeto de vários prédios conhecidos e históricos de Porto Alegre. Dentre tantos exemplares, destacam-se: a Delegacia Fiscal (atual MARGS), o Correio e Telégrafos (atual Memorial do RS), o Hotel Majestic (atual Casa de Cultura Mário Quintana), o Edifício Chaves, o Cine Guarany, a antiga Cervejaria Bopp (que se transformou, após sucessivas fusões e vendas, numa unidade da Cervejaria Brahma, que foi desativada em 1998), a Central Telefônica Ganzo, o Edifício Ely, a Faculdade de Medicina da UFRGS, o Bier e Ulmann, o Moinho Chaves, e o Hospital Moinhos de Vento. Atuou também no interior do estado produzindo obras como filiais do Banco do Comércio em Santa Maria, Osório, São Francisco e Cruz Alta; filial do Banco Província em Cruz Alta; e a fábrica Abramo Ebele, de Caxias do Sul; a Escola Normal e Pré-Teológica, em São Leopoldo; a Cervejaria Continental em Santa Cruz, e o Leprosário de Viamão. (TOLOTTI FILHO, 2010, p. 20).

Além dessas contribuições, cabe a Wiederspahn (BICCA, 2010, p. 49) a criação da primeira *Gewerbeschule* (Escola de Artes e Ofícios) e do primeiro Sindicato de Arquitetos e Construtores, ambos no Rio Grande do Sul. Essa forte ligação entre Engenharia e Arquitetura, acaba gerando uma dúvida sobre o posicionamento do arquiteto em sua profissão, como destaca Tamáris,

A gente tem uma questão assim das pessoas não saberem para que serve um arquiteto. O arquiteto é o cara que vai escolher a cor das

almofadas, a cor da cortina, e ela é mais ligada à arquitetura de interiores, pelo menos uma visão assim, como vou dizer, uma visão *mainstream* [risos] por não poder usar outra palavra. Uma visão mais comum. E isso se deve muito a esse fenômeno desse momento da constituição da universidade brasileira, de pegar esse momento francês do positivismo, que tinha valorização dos engenheiros [...] e acaba que fica uma coisa meio distorcida aqui, tanto que a gente não tem muita clareza [...] Pelo menos eu, até durante a faculdade, fui ter na metade da faculdade uma clareza maior do papel do engenheiro e do papel do arquiteto dentro da profissão, da obra, dentro do exercício mesmo profissional e acho que é meio, é uma confusão generalizada assim [risos] que acaba ficando entranhada na sociedade. (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Dúvidas que, com o tempo, são compartilhadas entre os próprios profissionais, servindo de aporte para o engajamento na luta e legitimação da profissão. Legitimando esse espaço, o IAB-RS se torna presente desde o início da formação do curso de Arquitetura e representante de debates sobre a importância da profissão, como nos informa Tamáris,

[...] mas eu vi esses tempos, eu consegui mexer em alguns documentos do IAB, e tava dando uma olhada e já na década de 40 início dos anos 50, na verdade. Acho que foi início de 1952, já se falava da criação de um conselho, de arquitetura, apartada dos engenheiros. Então a importância disso, para a profissão, para a valorização profissional, para o reconhecimento profissional, para dentro do país, assim, então, [risos] realmente coisas de 70-80 anos atrás. (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Esse diálogo, a preocupação e a busca pela legitimação da profissão, também são visíveis em documentos do início da formação do IAB-RS, além da preocupação e das angústias sobre problemas urbanos e sociais já presentes na Capital,

[...] com o contato logo que entrei no IAB, o contato com os documentos históricos, a gente vê uma angústia muito grande assim daqueles profissionais, alguns com formação em engenharia aqui na Universidade Federal, formados em engenharia na década de 30, na década de 40, precisando discutir cidade, porque era, Porto Alegre, uma cidade mais ou menos do tamanho de Caxias do Sul hoje. E com um tamanho de cidade que tem alguns problemas urbanos, facilmente identificáveis por qualquer um. Já começa um problema de congestionamento de trânsito, já tem problema de saneamento, enfim. E os profissionais da engenharia, veem que não tem base curricular para discutir aquele tipo de problema, para propor soluções, então vão estudar urbanismo no Uruguai, alguns na Argentina [...] mas de uma forma geral, não vê ainda o arquiteto como um profissional da cidade e a gente na luta [risos], para que a arquitetura e para o urbanismo,

para que a gente seja reconhecido desta forma também. (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

O Urbanismo, ainda que pouco valorizado na época, surge de fato na Universidade do Distrito Federal em 1935 e, em 1939, sendo ofertado como pós-graduação (BARATTO, 2016). A temática do Urbanismo, volta a ter um destaque significativo com a reforma universitária e a reforma do ensino superior, aprovada pelo Conselho Federal de Educação, em 25 de junho de 1969, que unifica os cursos de arquitetura e urbanismo, criando o modelo que vigora até hoje (BARATTO, 2016), ainda segundo o autor, a temática do Urbanismo é formado por uma geração preocupada com as desigualdades sociais e a educação para uma vida em cidade.

Por estarem mais preocupados com as causas sociais, esses profissionais se aproximam de pensamentos e até mesmo de ideologias políticas, muitas vezes, sendo caracterizados mais pelo viés político de esquerda. Em seu relato, Tamáris diz que, “[...] dentro do curso de arquitetura, pelo menos até minha época, o pessoal do urbanismo era sempre o pessoal meio do Lado B, pessoal estranho [risos] sabe, quem gostava de discutir cidade e tal, enfim.” Tamáris ainda comenta sobre Oscar Niemeyer, com reconhecimento internacionalmente, não só pela profissão, mas também por seu forte engajamento político,

[...] o Brasil já chegou a ser reconhecido pelo café e pela Arquitetura. A Arquitetura já foi um dos principais produtos de exportação do Brasil e muito pela figura do Oscar Niemeyer. E o Oscar Niemeyer, ele é o Oscar Niemeyer, não é? Enfim. Todos os grandes arquitetos que ganharam os prêmios Nobel [risos] que é o Pritz de Arquitetura, que é o Niemeyer atualmente, são pessoas muito políticas, politicamente engajadas. Niemeyer foi [risos], eu brinco né, é claro uma piada, mas o pessoal quase todo se filiou ao partido comunista. Assim, na base do PC do B. E, então, teve como tendo o Niemeyer como referência, teve os comunistas como algo muito forte. [risos] dentro da Arquitetura. Então há uma politização bem por aí, sabe? (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Niemeyer, segundo Pontual (2012), destacou-se não só pelas obras arquitetônicas, mas também por suas posições políticas, a partir do momento em que decidiu se filiar ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1945. Nesse percurso, fez amizades com vários líderes comunistas, incluindo Fidel Castro e Luís Carlos Prestes. Niemeyer foi simpatizante dos ideais socialistas ao se filiar ao PCB, sendo reconhecido como a figura de maior destaque na história do partido. Foi muito

engajado na política, além de ser um ferrenho defensor sobre a importância da literatura na formação do homem e na construção de um país mais justo.

Por esse engajamento em discursos sociais e políticos, Tamáris ainda ressalta que muitos profissionais de Arquitetura, durante o período da Ditadura, sofreram retaliações, assim como diversos professores: “[...] a Faculdade de Arquitetura da UFRGS teve o maior número de professores expurgados, durante a Ditadura Militar, é um número maior até do que do curso de Filosofia, dos cursos do IFCH de Ciências Humanas, enfim.” Perseguição essa, que mesmo camuflada, ainda vigora nos dias de hoje,

Hoje em dia, realmente eu vejo que a situação está um tanto complicada, porque com professores de esquerda recebendo denúncias, e discussões, que infelizmente não estão superadas. Elas devem ser feitas e as pessoas encaram isso com o viés ideológico, quando não é. Como é que você não vai debater sobre habitação no Brasil? Então, mais da metade da população vive dessa forma, vivendo em casa sem banheiro. [...] dada a natureza da profissão, não tem como ser diferente. (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Parte deste relato podemos perceber na composição do acervo bibliográfico do IAB-RS, em que, além dos destaques para o Urbanismo, se concentram muitos livros sobre a discussão de planejamento urbano e social, principalmente sobre política administrativa e gestão de cidades. Tamáris em sua fala, também aponta sobre a discussão de problemas sociais e planejamento urbano que deve cercar o profissional e, principalmente, o estudante, ainda durante o início de sua formação. Para Tamáris, poderia haver mais espaço para a prática e as discussões sobre Urbanismo no ambiente acadêmico, fazendo uma crítica e apontamentos sobre as cadeiras de projetos arquitetônicos e de urbanismo, presente na sua formação,

O Urbanismo, ele acaba tendo muito menos disciplinas dentro do curso de arquitetura, a gente tem se não me engano, são duas introduções e sete projetos arquitetônicos, enquanto são quatro projetos de urbano. E mais umas três/quatro cadeiras teóricas de urbano. Então, é um número então muito reduzido de carga horária do que se discute em projeto arquitetônico e o que se discute de cidade. (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Um dos pontos destacados pela entrevistada é a possibilidade de aproximação do curso com as Ciências Sociais e com as políticas públicas,

[...] o desenho urbano, ele vem dentro de uma política pública. E eu acho que se discute muito pouco a política dentro da Arquitetura, deveria se discutir muito mais, porque a gente está ali, né. [risos]. E eu acho que deveria ter uma interlocução muito maior com as Ciências Sociais, porque a gente está numa faculdade que nos treina para dar soluções práticas e viáveis para problemas concretos. E às vezes, a gente dá essa solução, não tem esse conhecimento mais profundo para o problema. E essa discussão vem nas Ciências Sociais. Ela vem nos cursos de Políticas Públicas, a UFRGS tem dois, um ligado à Administração e outro ligado às Ciências Sociais. (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Ainda que não seja a especificidade da biblioteca do IAB-RS, vemos obras sobre filosofia, direitos humanos, a questão da moradia, sociologia e principalmente, sobre acessibilidade. Mas um ponto levantado, é o distanciamento do curso com a realidade do mercado de trabalho e atuação para futuros profissionais. O curso almeja um profissional em projetos amplos, que não faz aporte para situações mais presentes do cotidiano,

[...] a fala acadêmica não é nem tanto da discussão de pesquisa acadêmica, não é da instrumentalização mesmo, sabe? Do aluno para coisas que são fundamentais assim. Até deste tipo, a gente fala tanto assim de arquitetura institucional, dentro do curso, eu por exemplo, tive muitos projetos de arquitetura institucional, no sentido assim de museus, eram situações de metrô, eram projetos grandes e quando me formei, eu fazia aquelas coisas que a gente faz pró-forma, que é a casa do tio no interior, a casa do tio na praia [risos] e daí, eu quando tu vê, tu se sente preparado para fazer uma casa. Claro, é muito mais fácil em tese tu fazer um projeto de uma casa, do que tu fazer um projeto de museu ou de uma situação de metrô, que é o que a gente tem treinado para fazer na faculdade, mas a casa está ali, é real e tem problema reais dos quais eu não tinha deparado, enfim, no curso. E que seriam talvez muito mais proveitosos eu ter sido preparada para isso do que fazer um projeto institucional grande, de uma arquitetura que, tudo bem, a gente ainda está num patamar que é um país jovem, que é um país que está em construção, mas a demanda por arquitetura deste porte ela não é tão, não é arquitetura do dia a dia, mas enfim. (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Halbwachs (1990, p. 27) nos diz que uma ou várias pessoas, ao reunir suas lembranças, conseguem descrever com detalhes fatos ou objetos, permitindo compartilhar essas informações, de modo, que a pessoa que recebeu essas informações, consegue ver pelo olhar do sujeito que as narra, reconstruindo toda a sequência dos fatos. Ao narrar sobre suas memórias, ainda como estudante de

Arquitetura, Tamáris nos conta como foi sua aproximação com o IAB-RS e como conheceu os trabalhos desta Instituição,

[...] agora não sei te falar em termos de espaço, se era um local grande, porque até trabalhei no antigo prédio do IAB, mas, ele já estava muito configurado de uma maneira diferente. O andar, os andares onde ficava a sede acho, tinham a sede do IAB propriamente, a secretaria, enfim, a parte administrativa, acho que foi até comprado pela Unimed. [...] eu conheci o prédio do IAB assim. Eu na verdade me lembro, eu lia, eu assinava e lia muito a página do IAB antes de fazer vestibular para Arquitetura. Porque eu pensava né, eu quero isso mesmo? Então já ia me aproximando, enfim. E daí eu lembro que, fui fazendo pesquisas para ver as Instituições dos arquitetos, enfim, para ver se eu conhecia um pouco mais da profissão, como não tinha ninguém próximo. E daí eu caí no IAB e lembro que desde antes de entrar na faculdade de Arquitetura e fui fazer cursinho pré-vestibular, eu já assinava o mailing do IAB assim [risos]. Então, eu não cheguei a conhecer o prédio da Annes Dias. Quando eu trabalhava lá, quando comecei a trabalhar lá, foi, enfim, os meus chefes explicaram: não, aqui era o prédio do IAB, assim, assim, né. E daí que fui ter a dimensão do que era. (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Apesar de ter frequentado pouco o prédio situado na Annes Dias, Tamáris ainda se recorda do estilo e características do lugar,

Não, ele já estava no Solar, já se fazia um tempo, pelo menos uns 6 ou 8 anos que o IAB [...] já conhecia assim o edifício do IAB. Mas ele já estava muito descaracterizado. Essa parte mais administrativa toda, [...] Ele é um prédio assim tipo uma característica de ser bem modernista, tinha uma escada de concreto enfim. E daí o pessoal da Medicina foi lá e revestiu a escada toda de pedra [risos]. Tá é um mármore bonito tudo, mas é uma coisa que [risos], tipo aquela escada de concreto já era uma poesia por ela mesmo assim sabe, então [risos]. Tem essa coisa da profissão, da Medicina. Ah, vou querer né, impor ali pelo uso do material caro, mas não percebeu o valor até estético e representativo daquilo que já tinha ali. [risos] (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Ricoeur (2007, p. 59) nos aponta que o local habitado, possui a mais forte ligação humana entre a data e o lugar. Por possuírem lembranças a eles atrelados, a memória é capaz de evocá-los e descrevê-los, mesmo eles não existindo mais, servem, portanto, de *reminders*, de uma memória passada. Como nos apresenta Tamáris, ao relatar sobre o edifício, recorda-se da existência de uma livraria e da biblioteca pertencente ao IAB-RS,

[...] ali foi um local muito interessante, porque tinha o Bar do IAB [risos]. O seu Ignácio vendeu livros ali. Benites Moreno e a Cristina, a esposa dele, tinham a Livraria do Arquiteto que funcionou ali também. E também teve na Uniritter a Livraria do Arquiteto. Teve durante muitos anos na Universidade ali da UFRGS, mas enfim. Aquele edifício foi vendido para a reforma, para custear a reforma do Solar Conde Porto Alegre, porque foi feito um acordo com o Governo do Estado, enfim. Só que ali no Edifício, tinha um local predeterminado para a biblioteca, as pessoas doavam seus acervos para a biblioteca e pessoas importantes, a gente tem livro da Enilda, tem livros Demétrio Ribeiro, enfim. E até não sei se tu já tiveste a sorte de pegar alguns livros com o carimbo de Biblioteca do IAB. [risos] (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Hoje na gestão do IAB-RS, Tamáris ainda alimenta esse anseio em trazer de volta para o Solar essa biblioteca, principalmente pela valorização dos livros que o IAB-RS mantém sob sua guarda. Atualmente, não existem registros ou informações sobre a existência da biblioteca, número total de acervo, quais obras pertenciam a sua coleção, livro tombo ou pessoas responsáveis por sua guarda, mas Tamáris aponta que, “[...] ela nunca foi uma biblioteca organizada por um profissional de biblioteconomia por alguém, era organizada assim de uma maneira, como vou dizer [...]”. Tamáris ainda se recorda que

Os livros eram numerados, existia uma planilha impressa, não era nem uma planilha digital. Depois acho que até foi passado pelo acho que tinha um arquivo de Excel assim, mas me lembro que, a Madalena conta que era uma planilha, um livro, um caderno, que se anotavam as retiradas, os associados retiravam as obras, retornavam e então ela foi uma biblioteca ativa. E desde a mudança do Solar no começo dos anos 2000, teve uma verba do Ponto de Cultura na qual a gente conseguiu comprar os MDFs, cremalheiras e mãos francesas para fazer. Os livros foram acondicionados lá, mas de uma maneira completamente precária, porque sempre faltou verba para fazer. O IAB, em função da obra do Solar, a gente tinha que se reestruturar financeiramente porque todas as reservas financeiras foram gastas para a obra e, para conseguir se organizar a biblioteca, não se tinha. [risos] (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Após a mudança para o Solar, a biblioteca foi transferida, mas perdeu-se a organização das estantes. Tamáris aponta que é difícil descrever quais obras estavam disponíveis, assuntos, autores ou qualitativo total do acervo, pois essas informações foram perdidas, bem como, não se recorda se havia o empréstimo e a circulação destas obras. Tamáris aponta uma movimentação de pessoas neste espaço, principalmente da proximidade da biblioteca com o Bar do IAB,

[...] ela era aberta aos associados. Era uma biblioteca aberta aos associados e amigos, porque o IAB, na época do prédio da Annes Dias, era um prédio muito frequentado pelo pessoal do mundo das Artes, o pessoal da Cultura. Então, por exemplo, hoje a gente tem o Bar do Tutti, que é um bar muito frequentado por cartunistas. Esse público era sempre do bar do IAB, quando existe o Bar do IAB. Tanto que alguns cartunistas como Santiago, não vou dizer que surgiu ali né, mas o Santiago no início de carreira, estava ali no Bar do IAB [risos]. Enfim, e pelo o que, pelos relatos do pessoal mais antigo do IAB, os amigos também utilizavam. (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Já no Solar, a própria Tamáris já teve algumas dificuldades em localizar determinadas obras e inclusive, já foi surpreendida por achados em meio a coleção,

Por exemplo, a gente está no momento atualizando o plano diretor, sabe? E se discutindo muito a construção, até a concepção do plano, quantas revisões foram feitas ao longo dos anos, quantos novos planos diretores de Porto Alegre, enfim. E eu lembro que mexendo casualmente em caixas, de põe para cá, põe para lá [risos], eu achei uma revista do IAB, acho que 81-82, falando justamente sobre revisão dos planos diretores, colocando em pauta, de um artigo enorme, colocando em pauta o excesso de flexibilização, mas é uma discussão que é super atual, então, seria muito interessante que a gente pudesse de alguma forma poder se construir, poder chegar lá, através de uma busca, chegar neste artigo, sabe? (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Tamáris já vivenciou as dificuldades enfrentadas em uma organização de acervo documental. Ainda como estudante de graduação, trabalhou no GEDUrb, Gabinete de Estudos, Documentação e Urbanismo e relata sobre o acervo do IAB-RS,

Bah, eu assim, ver a Biblioteca e o Acervo a caminho, estando organizados, isso para mim, não tem preço. Desde a graduação eu trabalhei no GEDUrb, que era o Gabinete de Estudos, Documentação e Urbanismo [...] também no acervo do GEDUrb. Tinha passado por uma mudança de sala dentro da faculdade e eu lembro que tinha muita essa vontade de organizar, ao mesmo tempo não se sabia como, então, tirando pó da maneira que eu sabia, vendo em ordem alfabética, e aí eu cheguei no IAB e me deparei com aquela sala assim. Foi como reviver o que eu tinha vivido no meu tempo de bolsa de orientação científica na faculdade. Daí eu passei não, não. Não dá para fazer isso de novo, eu preciso chamar quem sabe fazer [risos]. Para fazer isso de uma forma correta. [...] realização maior, [...] é eu ver as pessoas entrando lá para consultar o acervo, para consultar a biblioteca. (Trecho da entrevista concedida em 04 de junho de 2021).

Para Tamáris, seu maior desejo, é trazer novamente os tempos de outrora desta biblioteca. Ser mais um atrativo oferecido ao público no Ponto de Cultura, permitindo a consulta e acesso informacional, não só aos associados, mas aos estudantes e a comunidade local.

Quadro 3 – Quadro sinóptico dos pontos da entrevista realizada com Tamáris, em 04/06/2021.

TRAJETÓRIA SOCIAL	Filha de uma pedagoga com um veterinário
	“Não, eu sou a primeira da minha família assim. [risos] Filha de uma professora, de uma pedagoga com um veterinário. Mas meu pai tinha uma formação de técnico agrícola e nessa formação, existe até hoje essa habilitação para construção de, enfim, de construção agrícola. E meu pai sempre, mesmo como veterinário, sempre teve uma atuação assim de construir, de coisas no meio rural, até casas eles tinham habilitação.”
	Minha família vem de um meio muito rural
	“[...] mas essa coisa da construção rural, como minha família vem de um meio muito rural, são assim, produtores rurais, a maioria dos meus tios são produtores rurais. Então meu pai sempre ajudava muito os cunhados, os irmãos, enfim.”
ETHOS	Sempre gostei do desenho
	“Eu sempre gostei do desenho, da arte, enfim, mas eu queria uma formação que tivesse, que juntasse essa parte mais técnica com o lado mais artístico e que tivesse haver com Cultura. E a Arquitetura foi para mim um curso que uniu essas coisas. [risos]
	Os livros existiam, mas eram livros muito antigos
	“[...] foi uma biblioteca que ficou maravilhosa, a biblioteca da Arquitetura, o espaço dela foi aumentado, os livros melhoraram. Eu lembro que fazer uma busca, para algum projeto arquitetônico do curso ali e os livros eram, os livros existiam, mas eram livros muito antigos, com alguns aspectos já em desuso e no final a faculdade, já têm livros novos. Foi importante ter a verba pública para a formação, sabe? E foram livros ali que, tá não se tinha acesso na faculdade de Arquitetura, mas teve uma vez que peguei um ônibus e fui até a PUC, que era privada. Só que daí na PUC, até tinha os livros, mas não tinha em números como a UFRGS tinha. A UFRGS tinha um grande número de livros que dava para o número de alunos.”
Os estudantes já participem das discussões sobre a profissão	

	<p>“Então, eu vejo com bons olhos a possibilidade do IAB abrir para a comunidade. Para os estudantes ela já é, nós temos os estudantes de arquitetura podem ser associados ao IAB, a gente tem uma taxa especial até bem mais em conta, para o estudante se associe, é sempre a ideia que os estudantes já participem das discussões sobre a profissão, sobre a cidade, enfim, já durante o curso. Mas eu vejo com bons olhos a possibilidade de abrir essa, essa biblioteca comunitária, que é uma biblioteca especializada, mas ela também é comunitária, enfim, porque o IAB é um Ponto de Cultura, a gente, enfim, nós estamos com o Solar aberto às exposições, ele não é só um espaço administrativo, ele é um espaço dedicado às Artes. E eu acho que como entidade só se tem a ganhar com essa abertura, porque as pessoas conheçam tanto a profissão, quanto o Instituto de Arquitetos.”</p>
	<p>É uma profissão generalista e ela exige erudição</p>
	<p>“[...] por outro lado acho que assim, como arquiteto, como profissional que, é horrível dizer isso, mas acho que tem que ter erudição. É uma profissão generalista e ela exige erudição. [...] Mas a gente está discutindo Cidade, mesmo quando a gente trabalha com uma reforma interior, quando se faz uma reforma de banheiro, vai tá ligando o esgoto da rede, tem que saber o que está fazendo, tu tem que entender que tu faz parte de uma cidade que, daqui a pouco, tu tá com problema de saneamento básico. Tu tem que ter essa dimensão. E a gente tem essa dimensão assim. Não adianta, é através da leitura. Então, essa leitura, ela não vem só, somente através da leitura técnica, que eu acho que sim é uma grande vocação da Biblioteca do IAB é a parte técnica. Tem livros ali, até estava dando uma olhada, comentei com a Jeniffer assim, eu achei um livro do Giedion, que é um livro que só se acha em sebo europeu. Não se acha nem aqui, sabe? [risos] Que é um livro super fundamental para a disciplina, por exemplo, de dimensão urbana, para entender, tanto a formação, quanto as mobilidades. E que aquilo ali é uma raridade. Então tem essa parte técnica que é fundamental, mas o quanto é enriquecedor o profissional bem letrado que saiba ler, que lê literatura, o quanto a gente cresce e conhece a nossa Cultura, os nossos problemas, as nossas necessidades, as possíveis soluções, através da leitura.”</p>
	<p>A cidade não pode ser só para quem paga</p>
	<p>“E eu vejo o IAB daqui 8-10 anos, com essa mesma postura nos debates, mas vejo isso com o coração assim [risos] querendo que seja assim. Que a entidade mantenha essa postura, que eu acho que é tão necessária, sabe? Porque, a Arquitetura é Construção Civil e a Construção Civil obviamente, ela tem, ela busca um lucro, não estou condenando isso. Não é isso. Mas a gente tem que ter o viés democrático da cidade. A cidade não pode ser só para quem paga, especialmente os espaços históricos. [...] e eu acho que é um direito da pessoa, ela poder</p>

	<p>frequentar o Cais do Porto, sem pagar para consumir lá ou pagar, enfim, para entrar naquele espaço, porque é a História da Cidade está ali, história de cada um que é ligado a cidade que está ali. E a pessoa tem que ter esse direito de poder caminhar por aquele espaço, onde poder usar os espaços públicos e tomara que o IAB mantenha sempre essa linha da democracia. Da democracia assim [risos] no sentido mais radical de que realmente a cidade é para todos. A cidade é para todos, a Arquitetura é para todos, não precisaria ter ninguém vivendo em sub habitação, de que a gente está passando por um momento social de muito desemprego e esse desemprego e esse subemprego, atinge os arquitetos e ao mesmo tempo a gente tentar, se precisa ser construído. A maioria das pessoas não tem casa com banheiro e como falta trabalho para arquiteto, sabe?”</p>
<p>VISÃO DE MUNDO</p>	<p>Falar sobre política dentro da universidade, tá difícil</p>
	<p>“[...] e claro, a gente entra no nosso momento histórico [risos] que não é um momento muito fácil né [risos], falar sobre política dentro da universidade, tá difícil. É um momento de muita angústia, de muita, muito delicado assim, de se falar.”</p>
	<p>O IAB buscando essa visão democrática nos espaços públicos</p>
	<p>“Eu penso que a Arquitetura assim como a sociedade, ela é plural, né. Então tem pessoas que vão olhar para a cidade, ter um olhar sobre Porto Alegre, sobre a cidade, sobre qualquer desses assuntos que estamos a anos debatendo: Porto Alegre enquanto Muro, enquanto Cais, que vão ser, que vai ser um olhar mais do mercado, um olhar mais voltado para a situação mais mercadológica destes espaços, enfim, e vão sempre ter as pessoas e eu acho que o IAB entre sempre nessa postura que fala sobre a importância da democratização dos espaços. Eu vejo que, só consigo pensar o IAB enquanto entidade discutindo sobre Porto Alegre, só consigo ver o IAB buscando essa, essa visão democrática nos espaços públicos.”</p>

4.5.2 Contratada para esse serviço de *office girl*

Em julho de 2021, em uma manhã fria de inverno, entrevistamos via web conferência a coordenadora da Secretaria do IAB-RS, Maria Madalena Silva Gusen. Reconhecida por muitos como um verdadeiro patrimônio humano do IAB-RS, Madalena, protegendo-se do frio enrolada em sua manta, relata-nos um pouco sobre sua história e suas memórias junto ao IAB-RS.

Benjamin (2009, p. 925) afirma que rememorar é se deparar com “[...] interiores de nossa infância como laboratórios para a representação de aparições de fantasmas.

Relações experimentais”, que com o tempo, superamos e aprendemos a nos fortalecer com eles, lembrar é se deparar com fantasmas e traumas há muito tempo esquecidos.

Natural de São Francisco de Paula, na Serra Gaúcha, Madalena teve uma infância muito difícil e humilde, que acabou moldando muito seu caráter e lhe dando forças perante as adversidades de sua vida,

[...] Não são lembranças muito boas, porque eu, a gente era muito pobre quando eu morava em São Francisco de Paula. Meu pai era alcoólatra, daí minha mãe se separou dele, porque ele batia nela, começou a bater nos filhos. Eu sou de uma família de seis irmãos. Eu sou a mais nova. Então minha mãe resolveu se separar do meu pai, dar um basta e meu irmão mais velho já tinha, acho que 12 anos e eu tinha 1 aninho e pouco. Nem tenho lembranças do meu pai, foram muito poucas vezes, convivi muito pouco tempo, convivi pouco tempo com ele. Ele era motorista também, viaja bastante e depois que minha mãe se separou, eu não tive mais contato com ele. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Após a separação, Madalena, sua mãe e irmãos, mudaram-se para Porto Alegre, iniciando um novo capítulo de suas vidas. No início, ainda cercados de muitas dificuldades, mas com uma nova chance de recomeço, tentam reconstruir suas vidas praticamente do zero e sem muito apoio de seus familiares, encontrando no núcleo familiar, a força necessária para seguir em frente. Sobre suas memórias de sua infância, Madalena nos relata,

[...] não é muito legal, é uma coisa de passar trabalho, de passar fome, de passar frio, e aí, depois que a gente veio morar em Porto Alegre é que tudo melhorou. Mas a gente veio morar em Porto Alegre sem nada, só num caminhão. Não tinha nem mudança. Viemos de carona num caminhão e aqui minha mãe começou a trabalhar para poder sustentar a filharada toda. E quando a gente veio para cá, ela começou a trabalhar num Hotel na parte da limpeza. É aí que deu tudo certo, daí que começamos do zero. Não tinha geladeira, não tinha fogão, não tinha nada, mas ela foi conseguindo. [...] meus irmãos mais velhos já estavam trabalhando e tudo, e daí já melhorou assim. Então procuro nem lembrar muito da minha infância [...] mas graças a Deus todo mundo passou por isso, tá todo mundo vivo, trabalhando, todo mundo feliz, cada um com seu emprego, cada um com sua família. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Ainda hoje, com muito carinho, admira a coragem de sua mãe, considerando-a uma verdadeira guerreira, que mesmo sendo julgada pelos costumes da época, decidiu arriscar tudo numa tentativa de ofertar um futuro melhor para seus filhos,

[...] Ah, minha mãe é uma guerreira. [...] E ela foi muito julgada na época. Pela família dela, todo mundo dizia que ela era sem-vergonha, que onde já se viu deixar o marido, que ela queria arrumar homem, bem triste, assim. Mas não, ela só queria se livrar daquele mundo que é apanhar, da violência, criando os filhos naquele modelo de um pai que bebe que [pausa], ela resolveu se separar. Ela fez bem. A gente diz para ela todo o dia [risos]. Que ela é uma vencedora. [...] Tanto é que a família dela nunca ajudou, sabe? Ninguém nunca deu nem um copo de água. Porque achavam que ela era a sem-vergonha da história. Foi tudo por conta dela e por culpa dos outros, que ajudaram, deram trabalho e tudo. Porque a família virou as costas. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Aos 17 anos, Madalena saiu de casa e começou a trabalhar como babá de crianças para um conhecido da família, mas se sentindo explorada pela profissão, decidiu sair. Sua irmã, que também trabalhava como babá, perguntou a sua chefe se não teria alguma oportunidade de trabalho para a Madalena. E, deste encontro, Madalena conheceu Dona Carmela e o IAB-RS,

Depois com 19 anos é que eu saí de casa, fui trabalhar fora também, trabalhei de babá uns 2 anos, deixa eu ver, menos, uns 17 anos que eu saí de casa e fui trabalhar de babá numa casa de família. [...] quando vi que não dava mais, estava meio que uma exploração, entre salário [pausa] e eu, “Aii, vou sair!”, e era um conhecido. E aí, minha irmã era babá da Carmela, da Dona Carmela, não sei se tu te lembra no IAB? E minha irmã trabalhava de babá dela. E minha irmã perguntou: “Ah, minha irmã está procurando emprego, tu não sabe de nada?”. E ela: “Ah, eu até estou precisando de alguém lá no IAB”. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Uns chamam de destino, outros de obra do acaso, mas neste encontro, Madalena iniciou suas atividades no IAB-RS. E o que era para ser uma simples atividade remunerada, ainda que temporária ou sem qualquer natureza empregatícia, virou sua profissão e parte de sua vida. Ainda hoje, Madalena se lembra com carinho da oportunidade oferecida de sua mentora, cargo que dela herdou e coordena atualmente,

[...] o que eu faço hoje, a Carmela que fazia. E daí ela disse: “Manda ela ir lá conversar comigo, eu tenho uns documentos para ela

entregar”. Que era do Concurso, do Cais do Porto, primeiro Concurso do IAB, mesmo, que fez muito sucesso, que era do Cais do Porto. E aí ela me chamou, eu fui, e ela: “É só uma entrega”. Porque, hoje em dia tu entrega tudo por e-mail, né? Manda todo o material de um concurso por e-mail: edital, os levantamentos, as fotos, tudo por e-mail. Antigamente não, né. Isso lá em 1995. Era tudo por papel, então a gente imprimiu. Eram 139 inscritos no concurso. Mas daí uns 30 e pouquinhos eram de fora, esses foram por Correio. E o restante, foi tudo eu que entreguei pessoalmente, contratada para esse serviço de *Office Girl*, que era entregar esses documentos, tinha que pegar o protocolo, tudo por inscrito que recebeu. E aí eu fiz, tipo, sei lá, acho que em 2 dias eu entreguei tudo, daí eles gostaram muito, “Ah não, vamos ficar com a Madalena ali.” Foi daí que comecei a trabalhar no IAB e estou até hoje [risos]. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Se destacando na oportunidade que lhe foi ofertada e demonstrando muita proatividade, Madalena começou a trabalhar no IAB-RS como *office girl*, prestando serviços de rotina administrativa. Num primeiro momento, desacreditava ser capaz de mudar seu destino ou chegar onde chegou, como nos relata, “[...] eu achava que não chegaria a lugar nenhum, até porque, da história da minha mãe, dos meus irmãos, todo mundo assim trabalhou em casa de família, nunca teve uma oportunidade de sair desse mundinho [...]”. Hoje utiliza de sua própria experiência de vida para incentivar os estudos de seus filhos, na construção de um futuro mais promissor para eles.

Ao ser questionada, se imaginaria um dia estar à frente de uma coordenação no IAB-RS, Madalena afirma que considerava ser apenas um *freela*, uma atividade temporária profissional e nada mais, nunca pensava em estar hoje ocupando um cargo de tanto prestígio, mas admite que, talvez seu maior erro ou oportunidade que deixou escapar, foi a possibilidade de ter aprimorado seus estudos,

E eu nunca achava que eu ia conseguir chegar além disso, tanto é que fui lá, vou só entregar esses documentos aqui e é só um free. E aí que eu fiz. Fiz direitinho tudo, daí depois fiquei um bom tempo pelo IAB. Trabalhei de *office girl* por um ano, depois foi auxiliar de secretaria, depois foi secretária sênior para depois chegar na coordenação, que é onde estou agora. Mas, nunca fui à frente também, nunca estudei, nunca. Eu tenho o 2º Grau completo, só. Mas foi uma chance [...] o que acontece, o IAB é um lugar, tu não vai crescer lá dentro, não tem, tem três cargos, são poucos assim, mas o que eu faço, faço bem feito e está dentro satisfatório para mim, depois casei, tive filho, sabe, nunca fui à frente de estudo, para estudar mais. E meu marido hoje em dia está fazendo faculdade, o Iago e a Luísa também. Mas eu não dei continuidade assim. Fiquei meia descansada. E acho que agora, com toda a função que tenho, inclusive cuidar dos meus filhos, eu tornei isso prioridade. Então trabalho, cuido da minha família, mas não

dei continuidade ao meu estudo. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Hoje, se sente orgulhosa em oferecer aos filhos uma oportunidade que não teve. Divide sua vida com duas paixões, a família e suas atividades que realiza com muito zelo e carinho junto ao IAB-RS, mas confessa com muito bom humor, que já está organizando seu plano de aposentadoria, “[...] quando ficar mais velhinha vou embora para Osório, é minha cidade para ficar velha”.

Indagada sobre a biblioteca, Madalena pouco se recorda. Como suas atividades se limitavam a ações externas ao edifício, se lembra de relance de algumas informações,

[...] quando eu comecei a trabalhar lá no IAB, que era de office girl, o IAB funcionava ali na Annes Dias, lá no térreo, lá no subsolo. E era junto com o Bar do IAB. Então era o Bar do IAB, as mesas, o pessoal comendo e lá no fundo ficava o IAB. E nos fundos, atrás das mesas é onde ficava a biblioteca do IAB, onde o pessoal ia lá para pesquisar e tudo. [...] como eu vivia muito na rua para o IAB, não tinha um controle de cuidar assim de quem ia lá, de quem pegava livro e tudo. Eu lembro que quem ia muito lá era o Tiago Holzmann, o Cícero Alvarez e o Iran Rosa, esse que faleceu agora de Covid. Eram os três assim que mais me marcaram, que eu lembro bastante, entre minhas chegadas e saídas da rua, de estar trabalhando no IAB, levando alguma coisa, me lembro bastante da presença deles lá para pesquisar livros. Mas fora isso assim, tenho pouca lembrança. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

O Bar do IAB foi inaugurado em 1981 (ESPAÇO, 2014, p. 62), no andar térreo do Edifício do IAB, na rua Annes Dias, 166. O bar, administrado por Dirceu Russi, também contava com uma livraria administrada pelo designer Antonio Carlos Castro e uma galeria de arte, coadministrada pelos dois (ESPAÇO, 2014, p. 62). Por sua vez, a Galeria de Arte do Instituto de Arquitetos do Brasil foi fundada em abril de 1966 durante a gestão de Cláudio Araújo (GALERIA ESPAÇO IAB, 2021). Segundo Vieira,

[...] contribuindo para o sucesso da galeria nos anos de chumbo, o bar era reconhecido como um dos principais pontos de encontro entre artistas, militantes, arquitetos, estudantes, publicitários e jornalistas do país, que o tornaram o primeiro bar underground de Porto Alegre. Unindo principalmente arte, arquitetura e política, atraía os mais diversos segmentos da sociedade. (GALERIA ESPAÇO IAB, 2021).

No relato da Madalena, percebe-se que a biblioteca do IAB-RS fazia parte deste atrativo oferecido ao seu público, situada em uma posição estratégica, de fácil visualização, acesso e próximo a um espaço de convivência, neste caso o Bar do IAB. Cláudio Levitan, arquiteto e autor de espetáculos infantis, relata

Tenho a lembrança, flashes de memória, de muitos lançamentos de livros, acho que a LPM gostava de lançar por lá, de apresentações superlotadas e de outras coisas. Gostaria de olhar uma lista desses eventos para que eles se encaixassem e recuperassem minha memória. Vivemos bastante naquele bar... talvez construímos nele muito da nossa arte de hoje! (PASSOS; ORTÁCIO, [2019?], p. 46)".

O público que usufruía do IAB-RS, tinha acesso direto ao acervo, podendo apreciar um café ou outra bebida, num espaço que permitia a fruição desta leitura, bem como, pesquisadores poderiam realizar suas pesquisas e consulta ao acervo, permitindo também estudos nos livros ali existentes. Algo que, segundo Madalena, alterou-se após a mudança para a General Canabarro, endereço da atual sede do IAB-RS,

[...] aí depois quando a gente mudou para o IAB, para a General Canabarro, [...] a gente contratou uma empresa e essa empresa não trouxe o material como devia. Eles misturaram tudo, sabe? Derrubando nas caixas, assim, carregando e daí foi quando virou aquela bagunça, né, que vocês viram no início lá. Então às vezes o pessoal procurava para ir lá querer, ligava perguntando, e a gente dizia: "Olha, se quer eu posso te mostrar, mas é assim difícil de encontrar, tu não vai achar por título, por autor, porque está meio bagunçado". Então algumas pessoas até procuraram, mas quando olhavam a bagunça lá: "Mas tu não sabe onde está tal livro?", não, não sei, tem que mexer. E parou um pouco, foi uma pena, se apagou. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Para Ricoeur (2007, p. 415), os objetos de memória, como as bibliotecas e museus, são objetos simbólicos como instrumentos de base do trabalho histórico, servindo de medição da passagem do tempo, da escrita e do espaço. O problema no serviço do transporte do acervo, a falta de um profissional adequado para o remanejamento e organização desta coleção, gerou a descaracterização da biblioteca e precarização no cuidado com as obras. Os livros que antes estavam organizados em estantes, num espaço físico adequado, acabam realocados em uma das salas do prédio da General Canabarro, de forma ainda que muito precária, aguardando suportes adequados para

comportar esse volume de acervo. O problema da desorganização do acervo, acarreta na perda do serviço de consulta e pesquisa, como nos informa Madalena,

O pessoal não procurava mais o IAB porque não tem [...], até hoje, isso é um problema. Porque daí quando a gente veio, mudou para ali e, como era o nome dele? Teve um arquiteto, Bruno, que trabalhou com nós ali naquela sala de cima, ele: “Aii que pena de ver essa biblioteca, esse monte de livro assim fora de ordem”. E ele deu uma organizada, isso foi lá em 2008. Ele separou alguns títulos que, por ser arquiteto e por ter experiência, ele achava importante ter separado, para o pessoal poder pesquisar. E ele que montou em cima, aquelas prateleiras. Ele que organizou. E daí, voltou a ter uma procura, que é daí quando eu cuidava, quando alguém pedia, a gente fez um Word assim, de empréstimo, para cuidar e cobrar. A pessoa podia ficar uma semana, duas, depois devolver, mas foi pouca procura também, porque acabou se apagando essa história da biblioteca do IAB por não estar organizada e, claro, veio todo esse Google, essa pesquisa online, o que mudou muito. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Apesar dos esforços despendidos, aos poucos a biblioteca, que se destacava como atrativo cultural do IAB-RS, atraindo leitores e pesquisadores, acabou caindo no esquecimento, tornando-se apenas a um amontoado de livros. Como afirma Nora (1993, p. 15), “[...] à medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos [...]”, é natural a acúmulo das obras, porém, assim como a falta do suporte de informação, neste caso do livro, o excesso sem uma devida organização, também acarreta na perda da informação.

Com os esforços hoje de reorganização e implementação da biblioteca, Madalena se sente confiante com a abertura e a possibilidade de oferecer o acervo novamente ao público,

Eu acho que é uma coisa de quando a gente lançar mesmo, eu acho que é legal de existir um evento, ser bem divulgado ali, fazer uma divulgação bem boa nas faculdades de Arquitetura, de Engenharia, de procurar fazer que as pessoas conheçam. Porque isso está muito no esquecido, sabe? Essa parte do papel e a história do IAB, eu acho que precisa chamar os arquitetos lá das épocas desde início, que ainda estão com a gente, para: “Olha, o IAB tem o acervo, da história do IAB e para os estudantes, olha o IAB”, porque ela é muito rica. Eu sei que a nossa biblioteca, porque várias obras de arquitetos importantes, então eu acho que seria uma coisa bem legal que pode despertar inclusive nos estudantes de Arquitetura, para irem lá mexer, manusear o arquivo, em vez de ficar só como a gente falou, ah, as coisas da internet, de pesquisar. Mas os livros têm figuras que às vezes na

internet não. Claro que depois do IAB vai estar, pelo o que entendi vai estar disponível os livros também online. Então essa parte de figuras, de poder olhar e tudo, é bem importante. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Para Halbwachs (1990, p. 68), os livros são uma forma de ver os traços deixados pelo passado, traços deixados nos dias de hoje, como rostos, paisagens e lugares, nos modos de se pensar e agir, bastando apenas perceber, que o hoje tem como base o passado, e os livros, são uma janela para esse tempo. E sobre a possibilidade de poder ofertar novamente esse acervo e dispor de um espaço para pesquisas e fomento à leitura, Madalena afirma,

Acho que seria ótimo para o IAB e para a sociedade em si assim. O pessoal procura muito ali porque o IAB tem muito a história da época da ditadura, já aconteceu assim, nestes últimos anos, agora, sei lá, posso te dizer que umas 5-6 pessoas irem no IAB querendo saber: “Ah, queria ver onde está a parte que o IAB se envolve nisso, os arquitetos, o IAB em si, se envolvem nessa parte”, que foi uma coisa muito ruim, mas que acabou ficando na história e tudo, querendo pesquisar para saber. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Ainda sobre a história do IAB-RS, Madalena em seu relato nos apresenta a passagem dos diretores da Instituição relacionada a momentos marcantes de sua vida. Cada gestão impactou direta ou indiretamente na sua vida pessoal, sendo o IAB-RS, sua segunda família. Diretores como Carlos Maximiliano Fayet, Francisco Danilo Landó, José Albano Volkmer, Iran Fernando da Rosa, Tiago Holzmann e Rafael Passos, surgem em meio a acontecimentos de sua vida,

Cada geração, cada presidente que eu passei do IAB, cada um deles tem uma qualidade, uma coisa boa que deixou para mim. E ali começou [...] quando fui contratada pelo Carlos Maximiliano Fayet, foi através dele que, ele que gostou, ele que contratou, então já foi assim, abriu as portas para mim. Aí depois dele veio o Francisco Danilo Landó, o arquiteto Landó, esse sim foi bem quando, isso foi em 99 e aí eu tive o Iago, meu primeiro filho e ele ficou na UTI quando nasceu, teve complicações e ela assim, o IAB apoiou. Sempre tive apoio do IAB em tudo na minha vida. E aí eles ajudaram tanto com dinheiro, quanto em compreensão [...] em vez de ficar três meses afastada, que é o que a mulher tem de licença, tipo, fiquei sei lá, 6 meses. Ia quando dava, porque ele teve que ter acompanhamento, tinha que ir muito no médico, então eles super entenderam, passei a trabalhar meio turno em vez de trabalhar o turno todo para poder dar essa atenção e tudo, e aí, depois do Landó, veio o Albano. O Albano é tudo né. José Albano Volkmer, esse é maravilhoso. [...] eu morava de aluguel também.

Trabalhava e pagava aluguel. E aí o Albano dizia: “Não, isso não pode ser assim. Tu tem que ter uma casa, tu já tem um filho”. Aí ele me ajudou muito [...] eu comprei uma casa, eu tenho uma casa em Eldorado do Sul. E foi graças ao Albano, ele foi no banco, ele era incrível. Aí depois veio o Iran, esse que veio a falecer agora, tadinho. Também me deu muita força, porque na época, o Albano me incentivou num primeiro passo que era comprar a casa, só que daí depois tu tem que manter, né. [...] eu pedi para além de trabalhar na secretaria do IAB, para limpar, receber o valor para limpeza do IAB. E ele e a diretoria toda concordou. E como eu morava na Riachuelo, bem pertinho né, tinha alugado um apartamento ali, então assim, durante a semana eu trabalhava para o IAB e no final do expediente eu ficava sozinha lá dentro, então eu limpava e final de semana dava a limpeza geral mesmo, né, eu ia ali, abria e limpava tudo, então ganhava um extra. [...] E depois do Iran veio o Tiago. [...] E aí o Tiago apostou assim, aceitou, acreditou [...] e aí eu fui contratada, virei a coordenadora do IAB, de cuidar de tudo e aí foi uma chance boa, tanto como crescimento profissional quanto salarial, de financeiro, e aí estou ali. E aí depois veio o Rafa, esse queridão também [risos], uma fofura, um amor de pessoal, o Rafa é incrível as qualidades que ele tem, essa visão que ele tem de tudo, de tudo, muito mente aberta, muito simples, muito companheiro, domina tudo que é assunto, é incrível. E aí o Rafa está aí, fazendo vários projetos [risos]. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Em um artigo da revista Espaço (2014, p.63), informa que início do processo de restauração do Solar Conde de Porto Alegre e a mudança de sede do IAB-RS, começou durante a gestão de Landó, mas durante a gestão de Albano, Madalena nos relata um evento ocorrido deste período, um gesto carinhoso do Albano, então diretor do IAB-RS, para com uma família que ali vivia. O prédio, estando abandonado e ainda sem as devidas reformas necessárias, abrigava uma família, que assim como a Madalena, tinha uma criança,

[...] a gente ganhou o Solar na gestão do Fayet ainda, só que daí a Secretaria da Cultura estava exigindo que se tornasse um Centro Cultural, a gente precisava fazer alguma coisa, não podia ficar só o prédio ali abandonado. E quando a gente foi mudar para ali, tinha uma família morando, de pessoas em situação de rua. Tinha um casal que morava nas catacumbas, lá embaixo, tudo caindo, o prédio e tudo. Eles invadiram e eles moravam ali. E aí o Albano não tirou eles, contratou eles para trabalhar no IAB. Ele trabalhava de zelador, contratou de carteira assinada e ela a gente contratou para trabalhar na limpeza. [...] eles tinham um filhinho pequeno também, né, na idade do meu Iago. E a gente arrumou os fundos ali e eles foram morar. A gente passou eles para cima e iniciou a obra ali tudo, deu essa chance para eles. [...] Mas a atitude do Albano nessa época foi muito linda. Ele comprou roupa, comprou geladeira, comprou fogão, sabe? (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Com o tempo, essa família acabou saindo do IAB-RS e retornando para seus familiares. Albano, estava sempre disposto a ajudar o próximo, “[...] era uma pessoa que tinha tempo para todo mundo. Quer dizer, não tinha muito tempo para a família dele [risos], tadinhos”. Madalena ainda nos relata sobre a eleição que Albano ganhou, mesmo nem sendo candidato e o auxílio prestado para a compra de sua primeira casa,

[...] não sei se tu sabe dessa, mas ele nem se candidatou a ser diretor da faculdade e ele ganhou. Porque todo mundo na cédula, que na época era na cédula impressa ainda, votou no Albano. Então o Albano ganhou e não tinha nem se candidatado, de tão importante, pessoa tão boa que ele era. [...] ele foi no banco comigo, ele adiantou taxas, sabe? Bancou com o dinheiro dele, para me ajudar a comprar minha casa. E a gente negociou para mim ir devolvendo em milhões de parcelas, quando eu pudesse, então o Albano, meu Deus assim, foi, não digo o principal, mas ele foi muito, marcou muito acho que toda a história do IAB. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Na gestão de Tiago Holzmann, Madalena teve uma oportunidade de promoção que tanto almejava. Ao sair do IAB-RS, sua colega Jerusa informa ao conselho diretivo da época, que Madalena está apta ao cargo, relatando que não haveria necessidade de contratar uma nova pessoa e capacitá-la, se as atividades já eram realizadas por Madalena. E mesmo sem os estudos necessários, Tiago Holzmann aposta no conhecimento e experiência de Madalena, lhe dando a chance que tanto sonhara, “[...] pode não ter o estudo, mas tu tem o conhecimento e a experiência, se tu está mostrando isso, vamos te dar a chance”.

Mas para Madalena, a gestão de Albano foi a responsável pela abertura do diálogo entre duas gerações: os profissionais já atuantes e o público jovem, formado principalmente por estudantes, que estavam iniciando suas vidas profissionais. Foi durante esse período que o IAB-RS sediou o Fórum Social Mundial e onde Madalena, conheceu Rafael Passos, atual presidente do Conselho Diretor,

Na gestão do Albano ali, acho que foi a que mais me marcou. Que foi a gestão do Albano. [...] a gente fez o Fórum Social Mundial ali na gestão do Albano e na gestão do Albano a gente cedeu o espaço do IAB para que os alunos organizassem todo o Fórum Social Mundial, então foi ali que conheci o Rafa também. Eu era uma mocinha e ele era um mocinho, eram uns piás, sabe? E aí era muito legal de ver assim a participação do Rafa já dentro do IAB, de liderança, essa parte política, de querer mudar, de querer melhorar, de envolver todo mundo. Que isso é uma coisa que o Rafa faz muito bem assim, ele

envolve todo mundo, dá espaço para todo mundo trabalhar e trazer suas ideias e tudo. E aí eu adorava, porque vê aquela gurizada toda, me dava muito bem, porque tinham a mesma idade do que eu, ali também da secretaria, né. Porque eu estava sempre acostumada ao IAB, até a gestão do Iran. Era muito de pessoas mais velhas, de arquitetos mais velhos, tratava isso só com o pessoal mais da antiga. E a partir daí, quando o Albano abriu essa brecha, de trazer os estudantes para fazer essa mudança, que já teve um início na gestão do Landó, foi através do Iran, que o Iran sempre ia lá, participava muito do IAB e dizia: “ah, eu acho que tem que trazer os jovens”. O IAB a princípio era só arquitetos, tinha que estar formado também para poder participar e tudo, e o Iran dizia: “não, acho que está na hora da gente abrir”, isso para os estudantes, vamos ouvir todo mundo, vamos aproveitar o que tem de bom de todo mundo. As experiências dos mais velhos e o conhecimento e a vontade da gurizada mais nova. E aí depois na gestão do Albano, isso só se fortificou, melhorou muito, daí o Albano abriu as portas mesmo e aí só foi assim. Então o Fórum Social Mundial foi uma coisa muito importante que o IAB abraçou, foi ele que fez, assim, acho que foi uma coisa muito legal. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Na virada dos anos 90 para os anos 2000, Iran Rosa, ex-presidente do IAB-RS, em uma entrevista (PASSOS; ORTÁCIO, [2019?], p. 43), afirma que o espaço para a prática do Fórum Social foi cedido aos estudantes, aproveitando o espaço disponível do Bar do IAB que, segundo ele, estava largado. Neste local, os estudantes montaram o Q.G. do Acampamento da Juventude do 1º Fórum Social Mundial, segundo ele, “O Landó era o presidente e liberou o local e eu fiquei de responsável. Estavam naquele grupo o Rafael Passos e o Fernandão. Aquele foi o último suspiro do Bar do IAB, mas sempre vanguardista. (PASSOS; ORTÁCIO, [2019?], p. 43)”.

A aproximação com os estudantes durante o Fórum Social Mundial, permitiu aos estudantes estarem mais próximos das atividades do IAB-RS, na discussão sobre Cidade e ações de planejamento político e urbano, posteriormente a realizar mais edições com a parceria do IAB-RS. Como afirma Madalena,

[...] o IAB é muito político, muito preocupado assim com o bem estar de todos, principalmente da população de mais baixa renda, digamos assim, isso nunca mudou, né, da parte que eu comecei a até hoje continua sendo o objetivo do IAB, dos arquitetos. [...] eu acho que só fortaleceu nessa parte de trazer o jovem para participar mais. Então isso deu uma cara nova, mas sempre com o mesmo objetivo. [...] e essa parte importante de se preocupar com quem tem menos tentar igualar, sempre foi uma coisa do IAB assim. Sempre defendeu, independente do presidente que assumiu, sempre teve essa defesa em prol do que, da pessoa que mais necessita, digamos assim. [...] sempre procurando defender o pessoal que tem menos condições. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

E sobre a atual gestão do IAB-RS, Madalena relata,

[...] a gestão atual do IAB, todas, mas essa atual de agora está bem envolvida com essa parte. [...] o IAB, agora com vocês também, acho, nossa, está dando um passo enorme [...] Sempre foi o objetivo das gestões do IAB, mas nunca conseguiu se por em prática. Agora é que vem a tona mesmo. E acho que tem que cuidar, o IAB é o lugar que eu morro de medo de pegar, de toda essa preocupação de incêndio, sabe, com temporais, de entrar água e molhar, eu fico bem preocupada, porque tu sabe que essas coisas acontecem, e o IAB por mais que seja um prédio bom e tudo, ele corre o risco. Qualquer lugar corre o risco de ter um acidente assim. Mas acho que o pessoal está bem envolvido agora, nessa diretoria aí, está sendo parceira e gente que tem vontade de fazer. E outra coisa, para trabalhar para o IAB eu trabalho lá e recebo, então eu estou satisfeita, agora tem muitas pessoas que estão só pelo amor, só por querer que aconteça. Então é difícil também tu abrir mão de ter um estágio remunerado, para fazer um trabalho para o IAB que é por amor só, ao patrimônio, aos livros, é bem difícil, mas é lindo o que vocês fazem [risos]. (Trecho da entrevista concedida em 30 de julho de 2021).

Como Madalena apresenta, muitas das atividades desempenhadas pelo IAB-RS, partem da vontade de fazer e mudar. Muitos, de fato, prestam serviços, mas nem sempre com alguma remuneração envolvida. E um dos seus maiores receios, é que os patrocinadores e empresas que atualmente auxiliam as atividades, deixem de prestar essa parceria, deixem de valorizar o patrimônio cultural existente na cidade. Como Madalena afirma, “[...] é os arquitetos, os museólogos, essa parte que se preocupa, mas a população não se preocupa ainda com isso, sabe?”. A importância de se valorizar a história e a memória é garantir um direito a todos, um legado deixado para as futuras gerações das gerações passadas.

Quadro 4 – Quadro sinóptico dos pontos da entrevista realizada com Madalena, em 30/07/2021.

TRAJETÓRIA SOCIAL	<p>Eu sou de uma família de seis irmãos</p> <p>“[...] a gente era muito pobre quando eu morava em São Francisco de Paula. Meu pai era alcoólatra, daí minha mãe se separou dele, porque ele batia nela, começou a bater nos filhos. Eu sou de uma família de seis irmãos. Eu sou a mais nova. Então minha mãe resolveu se separar do meu pai, dar um basta e meu irmão mais velho já tinha, acho que 12 anos e eu tinha 1 aninho e pouco. Nem tenho lembranças do meu pai, foram muito poucas vezes, convivi muito pouco tempo, convivi pouco tempo</p>
--------------------------	--

	com ele [...]"
	Contratada para esse serviço de Office Girl
	“[...] mas daí uns 30 e pouquinhos eram de fora, esses foram por Correio. E o restante, foi tudo eu que entreguei pessoalmente, contratada para esse serviço de Office Girl, que era entregar esses documentos, tinha que pegar o protocolo, tudo por inscrito que recebeu. E aí eu fiz, tipo, sei lá, acho que em 2 dias eu entreguei tudo, daí eles gostaram muito, ‘Ah não, vamos ficar com a Madalena ali.’ Foi daí que comecei a trabalhar no IAB e estou até hoje [risos].”
	Fiz direitinho tudo
	“Fiz direitinho tudo, daí depois fiquei um bom tempo pelo IAB. Trabalhei de office girl por um ano, depois foi auxiliar de secretaria, depois foi secretária sênior para depois chegar na coordenação, que é onde estou agora.”
ETHOS	Lá acontecia muito mais coisas, era incrível assim
	“É, porque o IAB tinha várias salas lá que eram do IAB e a gente locava. Antes era locada para um médico e por uma imobiliária, era o que tinha lá. E depois, quando a gente veio ali para a General Canabarro, a gente vendeu essas salas para o Unimed. Mas o IAB ficava no térreo. A gente negociou que ficasse lá no térreo, a gente tinha parte do térreo e o sótão. E depois a gente passou ali para cima, a gente chegou a trabalhar no primeiro andar. Porque tinha o auditório também, o auditório do IAB. Acontecia muito mais coisas, por mais que hoje em dia acontece ali a Quarta no IAB, a Quinta no IAB, os cursos, lá acontecia muito mais coisas, era incrível assim. O IAB era direto, sabe? Pessoas tanto visitando, quanto acontecendo cursos e palestras, era bem mais movimentado o IAB.”
	Eles iam lá no IAB, pegavam os livros
	“É, como te falei, eu tive pouco contato, mas o pessoal chegava lá, às vezes eu estava lá, como falei, arquivando algum documento para fazer essa parte também, e o pessoal ia no bar, daí eles pediam um café, daí eles iam lá no IAB como era toda, pena que não tem foto, a gente não guarda e tudo assim [risos], mas eles iam lá no IAB, pegavam os livros, daí não era eu que cuidava, era a Dona Carmela, né. E aí eles pegavam os livros e sentavam ali, ficavam lendo, tomando café, faziam reuniões, era muito, aconteciam muitas reuniões no espaço do IAB, e daí acabava juntando o Bar [...] não era nosso, não era nosso os proprietários do bar, mas era junto. É, era junto e separado, ao mesmo tempo [risos], e aí, tinha as exposições também. Eu até tenho isso, eu tenho uma foto, não sei se tem lá no IAB, mas eu

	<p>tenho comigo. Mas não vou te dar, porque aparece mais eu do que o IAB. E está tendo uma exposição atrás, tem assim na foto, estou em pé e tem toda uma exposição que eu acho que era do Alberto Pereira Filho. Mas eles desmontavam uma e montavam outra, desmontavam uma e montavam outra, então o pessoal ia muito também.”</p>
	<p>Tinha muita procura, muita procura</p>
	<p>“[...] iam ver a exposição, aproveitavam para tomar um café no bar, daí faziam reunião, olhavam os livros do IAB e aí os livros eram expostos, que agora é algo que não tem, tem aquela montoeira lá. E antes não, era tudo separadinho, por título, não me lembro se era por título, por autor, mas tinha uma ordem, era super bem organizada a biblioteca do IAB. Tinha muita procura, muita procura. E a gente tinha uma copiadora, o pessoal queria muito copiar, fazer xerox dos livros, daí a gente chegou a fazer uma parceria com o bar do lado, uma tabacaria do lado ali, porque era, funcionava o tempo inteiro o IAB, direto. O público procurando as matérias e tudo.”</p>
	<p>Eles sempre têm histórias para contar</p>
	<p>“A experiência com o pessoal mais velho foi muito legal também. Eu conheci a Enilda, conheci o Demétrio, todos que já vieram a falecer, o Cláudio Araújo, então cheguei a ter contato assim, mas claro, eu ainda era aquela que ia lá entregar o recibinho da anuidade, não tinha uma conversa, não tinha o conhecimento maior, porque até tipo, eles eram bem importantes e a minha função não era sentar com eles e conversar. Era ir lá e entregar o recibinho e pegar, mas eram super queridos, cada um sempre contava uma história. Eu acho que uma coisa interessante que tem no arquiteto, pode ser que eu esteja, sei lá, adorando eles assim, mas que é uma coisa que é muito engraçada que eles sempre têm histórias para contar, alguma história. Era muito interessante, porque eu lá para entregar um recibo, claro, educação, entrava, espera aqui, senta aí e eles, sempre vinha alguma história que algum tinha para contar, do IAB principalmente. Ah, tá, tu é funcionária do IAB? Tu sabe que tal vez aconteceu tal coisa?”</p>
	<p>O IAB tem um potencial enorme, sabe?</p>
	<p>“E o Solar em si, ali, toda a história do Solar e assim quando começar a funcionar e ser Ponto de Cultura, eu acho que a gente continua resgatando. Ainda tem muita coisa para se fazer, eu acredito que o IAB tem um potencial enorme, sabe? Eu sinto falta da biblioteca do IAB, do Bar do IAB, tudo isso eu acho que, nossa! O IAB ia ser um dos principais em Porto Alegre de Centro de Cultura, se a gente conseguisse por isso em obra, fazer funcionar, né. Pôr em prática.”</p>

VISÃO DE MUNDO	Bem importante para a cidade e nunca se conseguiu
	<p>“[...] até tu conseguir pegar um governo, que tenha os mesmos objetivos [...] na gestão do Tiago a gente, não lembro agora quem era, mas eu sei que na gestão do Tiago, deu de ter uns 15 ofícios pedindo uma audiência com o prefeito e a gente nunca foi ouvido, sempre: ‘Ah, as agendas estão cheias, a agenda está cheia, tal e tal compromisso’, marcava e depois desmarcavam, a gente nunca conseguiu assim, porque existe aquele documento dos 10 Pontos do IAB, não sei se tu tem conhecimento dele, mas é um documento bem legal, que são os dez pontos importantes para o IAB, foi um documento criado na gestão do Tiago também, e a intenção é levar para o governo do Estado e para prefeitura e tentar junto com o IAB, pôr aqueles dez pontos ali em prática. É bem voltado tanto para as pessoas, como eu te falei, que tem menos poder aquisitivo quanto para a cidade em si, assim. E nunca a gente foi atendido, nunca conseguiu pôr em prática esse documento, também que é bem importante, seria bem importante para a cidade e nunca se conseguiu.”</p>
	Adoro Porto Alegre
	<p>“Bom, eu amo Porto Alegre, adoro Porto Alegre, é um lugar que tenho vontade de ficar morando. [...] acho que Porto Alegre se desenvolveu bastante agora nos últimos anos, acho que o pessoal se preocupou, justamente nessa parte de mobilidade, de cuidar mais dos parques, das partes de área verde, assim. Gosto muito da parte da Orla, do Gasômetro, até que moro perto ali. Eu acho que ficou muito bom ali, mas dá para melhorar ainda na parte do Cais, não queria que tivesse shopping também, queria que fosse aberto para entrar e sair a hora que quisesse. A ciclovia é uma coisa maravilhosa, foi o IAB que fez o concurso, organizou o concurso da ciclovia, foi nós, acho que ficou bom, poderia melhorar em alguns aspectos, ela pode aumentar inclusive, agora acho que já está na hora de poder aumentar, de poder ir para outros lugares, mas acho que é uma coisa muito boa.”</p>

4.5.3 A sola dos pés fazendo cócegas na calçada

Em uma tarde ensolarada de agosto de 2021, num conjunto residencial da Zona Sul de Porto Alegre, entrevistamos a professora Glenda Pereira da Cruz na sua casa, cercada pelo seu pequeno jardim.

Glenda, atualmente aposentada, vive tranquilamente com Brigitte sua fiel poodle, suas plantas e seus gatos. Os gatos são compartilhados pelos vizinhos, pois circulam livremente pelo condomínio fechado, sendo muito bem cuidados e

alimentados, um pouquinho demais, como ela informa, principalmente pelo seu Pavarotti, que se espreguiçava entre os raios de Sol que iluminavam sua cama.

Com a casa abastecida por um acervo literário maravilhoso, Glenda possui dificuldades em apreciar um dos seus maiores tesouros que acumulou em sua vida, seus livros. Devido a um procedimento médico falho, ela perdeu a visão de um dos olhos e com muita dificuldade, esforça-se para com outro poder ainda ver alguma coisa. Ela mesma admite que, quando mais nova, fez de suas peripécias, passando madrugadas inteiras deitada sobre uma planta de algum edifício ou projeto, fazendo uso de uma iluminação muito precária e usando os óculos da mãe, não que precisasse é claro, mas fazia uso para não perder nenhum detalhe enquanto aquarelava ou retocava algo do desenho.

Halbwachs (1990, p. 185) nos diz que os livros conservam a lembrança das palavras, das frases e assim, como as partituras, fixam nas pessoas o seu conteúdo. Para Glenda, seu maior anseio é justamente que esse acervo, que constituiu com tanto zelo e carinho, não se perca ou acabe, como mesmo diz, desmembrado em algum sebo ou vendido a peso de papel para alguma empresa de reciclagem. Suas sobrinhas, que atuam na medicina, não demonstram o mesmo interesse pelo acervo literário da tia, o que de certa maneira deixa Glenda frustrada. Como ela diz, são obras magníficas que dificilmente são encontradas em bibliotecas da área, mas alimenta o desejo de que seus livros sejam apreciados e auxiliem, estudantes e pesquisadores, durante suas jornadas acadêmicas.

Através de uma conversa entre o professor César e a coordenadora do projeto de extensão “Centro de Memória da Arquitetura e do Urbanismo do RS – IAB-RS”, conhecido como “Acervos IAB-RS”, a professora Jeniffer Cuty, iniciou-se o contato com Glenda, no interesse da salvaguarda da sua coleção particular de livros. Deste contato, iniciaram os procedimentos necessários para se anexar e organizar esses livros ao acervo geral do IAB-RS. Partindo deste contato, aproveitamos o momento para realizar essa entrevista com a Glenda, permitindo que ela nos contasse um pouco sobre sua vida e formação do seu acervo.

Glenda relata que sempre morou em Porto Alegre, mais precisamente tendo suas raízes no Bairro Bom Fim. Desde sua infância, o Bom Fim já respirava cultura com um pouco de boemia, sendo por ela, um dos principais atrativos da cidade. Sua paixão por animais e por cultura, veio associado por sua mãe, como ela mesma nos relata,

[...] Eu nasci em Porto Alegre, no dia 09 de Junho de 1939, quando começou a primeira Guerra Mundial, aliás, Segunda [risos]. Né, então já nasci sobre o sigma, confusão, vamos dizer assim. A minha infância foi em Porto Alegre, eu nasci na Venâncio Aires, ali atrás da Escola Militar, que na época chamava-se Escola de Cadetes. Ali perto da Redenção. Então minha infância foi muito ligada àquela região, do Bom Fim, da Cidade Baixa, que pegava todo o Cinema de Avenida, Baltimore, [...] a gente frequentava muito cinema quando era criança e minha mãe gostava muito de cinema e numa casa que eu adorava, que era uma casa que tinha um belo pátio com árvores frutíferas que minha mãe tinha plantado desde uva, bergamota. Eu comia bergamota no inverno embaixo da bergamoteira que era uma maravilha. Então, isso tudo foi uma criação, vamos dizer, que me deu muita empatia, vamos dizer, com a natureza e os bichos. Porque minha mãe era bicheira, gateira, cachorreira, meu pai também gostava muito de bicho. Então a gente sempre tinha cachorro, tinha gatos, galinhas também, até as galinhas eram chegadas a mim. Eu chegava no galinheiro, eu que dava comida para elas, subiam no meu ombro, minhas galinhas [risos]. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Seu pai era um homem de negócios que, associado a um amigo, abrem em conjunto um curtume em Novo Hamburgo, algo que lhe rendia muito lucro. Apesar de ser uma pessoa com pouco estudos, o pai de Glenda era um verdadeiro amante de livros, sendo os policiais seu gênero literário preferido. A mãe de Glenda, era natural de Guaíba, onde se destacou por sua beleza ao ganhar o título de Rainha do Carnaval de Guaíba. Chegou a fazer um curso para ser professora, mas acabou permanecendo em casa cuidando da educação das suas três filhas.

Com o tempo, os negócios em Novo Hamburgo exigiam cada vez mais cuidados, levando o pai de Glenda a se mudar para esse município. Num primeiro momento, iria toda a família, mas a mãe de Glenda relutou muito nesta escolha,

[...] um curtume em Novo Hamburgo, e ele queria que nós morássemos, fôssemos, que morássemos em Novo Hamburgo e a mãe não quis. Mas a mãe não quis, porque a gente tinha uma casa muito boa em Venâncio Aires, perto de tudo, de cinema, de teatro, de coisa e a mãe gostava muito de cinema, teatro, essas coisas, a gente sempre ia, né. Então ela não queria vir para Novo Hamburgo e o pai queria porque o negócio que eles estavam lá. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Aos poucos, as coisas foram mudando e nem sempre para melhor. Seu pai, que sempre foi um *bon vivant*, era figura cativa nas noites. Era considerado muito

festeiro e amante da boêmia, tocava em festas com amigos, adorava uma cervejinha e numa dessas festas, relacionou-se com outra mulher.

Na época da Guerra, o couro era muito visado pelos combatentes, principalmente na fabricação de vestuário e armamento. Segundo reportagem de Faleiro (2020), anos antes de começar a Segunda Guerra Mundial, o Rio Grande do Sul exportava muito couro para países em lados opostos do conflito, tanto para os EUA como Alemanha, principalmente em função de seu uso militar. Mas, em 1941, ocorreu uma quebra de mercado, principalmente após a pressão norte-americana para o fim das relações com os países que pertenciam ao Eixo. Devido a problemas financeiros que acumulou em seus negócios, o pai de Glenda acabou se tornando um alcoólatra e começou a dever muito dinheiro, em suas transações financeiras.

Não imaginava que com o fim da Guerra, haveria uma crise no mercado, impactando diretamente nas suas atividades, levando a se endividar com o banco e agiotas que, por fim, levaram a perder quase tudo o que a família tinha. E sem perceberem, o banco começou a descontar até mesmo a economia de Glenda e suas irmãs,

[...] É, esse banco tinha poupança da minha irmã mais velha, da minha irmã do meio e a minha, que a mãe sempre, desde que a gente nascia, a mãe fazendo a caderneta de cada uma. Então os funcionários do banco foram lá em casa e pediram para que a mãe assinasse uma transferência de conta da minha irmã mais velha, que ela era de maior idade. E a mãe aceitou e deixou a Gládis assinar a transferência de conta. Na verdade, não era uma transferência de conta, estava pegando a poupança da minha irmã para custear as dívidas do pai. Tanto é que isso eu me lembro muito bem, eu era bem pequena, tinha uns 8 - 9 anos, quando eles chegaram, quiseram fazer a mesma coisa com a poupança da Glaci e da minha [...] a mãe que disse negativo. Não vou, não vou assinar nada e foi a poupança minha e da minha irmã que ela conseguiu dar de entrada para um apartamento. Porque nossa casa foi embora com as dívidas do pai. Então foi uma coisa muito traumática e até a mãe conseguiu com essa, o dinheirinho que sobrou meu e da minha irmã, da Glaci, com esse dinheirinho ela conseguiu dar de entrada para um apartamento que ficava na Azenha. Acho que foi no da Azenha que, não foi no da Azenha, foi da Protásio Alves. Conseguiu um apartamento que a gente tinha. Ela comprou e foi pago, né, com a nossa poupança. Então foi isso que nos salvou um pouco de não ficar na rua, né. Porque o pai perdeu tudo, tudo, tudo. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Segundo Faleiro (2020), ao fim da Guerra, alguns curtumes passaram por um processo de estruturação acentuada na década de 1950, principalmente com a volta

da exportação e com a busca de novos mercados no exterior. As fábricas começaram a substituir a mão de obra artesanal e investiram fortemente em maquinários, importados de nações como Alemanha e Itália, mas curtumes pequenos, acabam não sobrevivendo neste mercado competitivo.

Foi um período difícil para Glenda e sua família, a perda da casa, mudança para um apartamento menor, reestruturação financeira, mas com o tempo, sua irmã mais velha começou a ajudar nas despesas da casa e seu pai conseguiu um emprego como datilógrafo em uma empresa de Novo Hamburgo. Os pais de Glenda conseguiram, com muito esforço, que Glenda conseguisse terminar seus estudos no colégio Bom Conselho, vindo a fazer o ginásio no colégio Júlio de Castilhos, nesta época suas irmãs também já estudavam em colégios do Estado. Já adolescente, acompanhava e assistia as aulas da sua irmã mais velha e, nessas aulas, Glenda começou a traçar seus planos para o vestibular,

[...] Então, então, foi por aí, aí no Julinho. Eu comecei a querer fazer vestibular, tal de coisa, até ia fazer vestibular para Medicina porque minha irmã mais velha era médica e eu ia nas aulas de noite com ela achava aquilo uma maravilha, né. Até o dia que eu fui numa aula dela que era no necrotério. Aí eu não gostei muito [risos]. Porque, aiii, um horror! Além dos cadáveres, aquela coisa horrorosa, ainda tinha um aluno lá fazendo picadinho de um cérebro. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Com o sonho de cursar medicina frustrado pela experiência traumática que teve, Glenda descobriu em si um novo dom e habilidades herdadas de sua mãe, que serviram de portas para uma nova futura profissão,

[...] uma coisa que nossa família sempre teve, a gente herdou da minha mãe, um talento para o desenho. Então eu sempre desenhei bem, do colégio, desde o jardim da infância, eu sempre [...] tirava 7, 10, 7, 10, em tudo né. E, e a Glaci, a Gladis e eu desenhávamos bem. Então com aquela miséria começou a pintar, um colega meu do Julinho me disse: “Olha, a Revista do Ensino está precisando de desenhista, para a Revista do Ensino”, então eu fui lá e comecei a fazer gravuras, fotografias, de parques históricos e não sei o que mais, o Cabral descobrindo o Brasil, aquelas três, MARGS e não sei o que mais [...] então eu fazia [...], na minha cabeça dava, né. Hoje em dia se olho, até tenho guardado no baú, assim, uns exemplares dessa Revista do Ensino, que era do Estado, uma revista da Secretaria de Educação, e as moças assim, senhoras que, patrocinavam, que organizavam essa revista do ensino, um dia, uma lá me disse: “Glenda, porque tu não faz um concurso para o Estado? E vai sair um concurso de auxiliar de administração é pouca coisa, tal de coisa, mas

pelo menos tu tem uma renda fixa. Tu continua a trabalhar para nós”. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

O concurso para auxiliar de administração consistia em três áreas: português, matemática e datilografia. Destacando-se sempre como uma ótima aluna, Glenda não teve problemas com a prova, porém havia uma única exceção: a datilografia,

Português e matemática eu tirava de letra, porque era boa aluna do Bom Conselho, tal de coisa, mas datilografia [risos]. [...] Mas eu fiz o concurso, tirei não foi zero, mas foi quase zero [risos] em datilografia [risos]. Porque era, tu imagina uma sala de aula do colégio Júlio de Castilhos com 50 máquinas Remington, REMINGTON, aquelas que, [...] daquele tamanho. Tu tinha do lado um papel em branco, no outro o texto. E aí quando apitasse a campainha da sala de aula, tu tinha que botar o papel [risos], o papel na máquina e datilografar. Eu me atrapalhei com aquela máquina, com não sei o que mais, enfiei um pedaço, saiu um pedacinho só, eu escrevi uma linha [risos], uma linha e meia e meu papel terminou. Eu tirei a nota mais baixa que tinha, mas não era eliminatório. Porque o português e a matemática que tinham o valor, esse eu tirei de letra. Então, lá pelas tantas, foi chamada para ser datilógrafa. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Ainda na época do colégio, um dos seus professores no Júlio de Castilhos chegou a manifestar sua decepção ao dom do desenho negligenciado por Glenda e suas irmãs. Isto levou Glenda a prestar vestibular e fazer o primeiro semestre em Artes Plásticas, mas logo desistiu e realizou um novo concurso, desta vez para Arquitetura.

Ao iniciar seus estudos em Arquitetura, pediu para ser realocada de área, “[...] eu pedi lá na Secretaria da Administração se eu não podia ir para a Secretaria de Obras do Estado, porque eu estava fazendo arquitetura, eu queria ficar perto dos arquitetos, dos engenheiros”. Já realocada na Secretaria de Obras Públicas do Estado, Glenda se sentiu realizada, mas havia o problema da datilografia que a perseguia, “o único problema foi que o diretor de obras para onde fui designada, ele disse: ‘Ai, Dona Glenda, a senhora pode bater um ofício aqui’, eu digo, não faz mal se eu demorar um pouco? [risos]”. Com o auxílio de seus novos colegas, aos poucos Glenda foi se habituando ao seu novo emprego e aprendendo mais sobre sua nova profissão e como diz, catando milho, foi conseguindo superar suas dificuldades.

Com todos na sua família já trabalhando, as coisas aos poucos começaram a melhorar. Suas irmãs já trabalhavam na área da Medicina e Glenda atuava como arquiteta no Estado, trabalhando na Secretaria de Obras Públicas. Posteriormente,

recebeu um convite para ministrar aulas de desenho na Faculdade de Arquitetura na UFRGS, num primeiro momento, Glenda se sentiu intimidada, afinal, era um dos períodos mais conturbados e sombrios no Brasil, a Ditadura Civil-Militar.

Como boa geminiana, nunca se permitiu ter um posicionamento aberto sobre política, mas sabia dos riscos caso fosse taxada como uma comunista. Glenda nos relata, que seu terapeuta lhe acalmou com um conselho, já que não precisaria discutir política em sala de aula, iria se abster em mostrar e narrar a História e, caso, conseguisse contagiar nem que fosse um aluno, este poderia por si mesmo formar seu próprio argumento político. Desta forma, com muita coragem, prestou o concurso e iniciou suas atividades na UFRGS e como seu trabalho junto à Secretaria de Obras Públicas do Estado eram no turno da tarde, conseguia lecionar pelo turno da manhã e no turno da noite. Não que fosse um problema, afinal, como estudante, já tinha a mesma rotina de atividades, trabalhando pela tarde e com aulas manhã e noite.

Para Glenda, trabalhar durante a Ditadura era um desafio aterrorizante, "[...] a gente tinha que cuidar o que dizia", apesar do ambiente acadêmico ser mais neutro e contrário a Ditadura, havia apoiadores entre estudantes, alunos e funcionários,

[...] não era escondido, mas tu tinha que ter muito cuidado com o que tu falava, com que tu não falava, com quem tu falava, o que tu falava, com quem tu falava. Porque, tinha colegas de aula que eram, que eram, vamos dizer, não digo em delatores ou coisa parecida, mas eram simpáticos à Ditadura. E a maioria, claro que não. Mas sempre tinha que ter esse cuidado. Então era uma coisa muito cautelosa [...]
(Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Glenda encontrava nas viagens um momento de alegria em meio ao caos político. Das muitas viagens que realizou, Glenda se recorda do encontro da União Internacional dos Arquitetos (UIA)¹⁴ de 1969, realizado em Buenos Aires, que tinha como temática a "Arquitetura como um Fator Social". Apesar de estar afastada dos horrores da Ditadura no Brasil, encontrava-se no meio de outro conflito político, a ditadura Argentina,

[...] E também tinha um problema de lá, tinha perseguição. Aqui tinha perseguição, no Uruguai tinha também. Eu tive um colega que eu acertei muito bem com ele, gostava muito dele, tal e coisa, que

¹⁴ UIA. **Buenos Aires 1969**: The Architect as a Social Factor, 15 Jun 1969 - 18 Jun 1969. Disponível em: <https://www.uia-architectes.org/webApi/en/congress/buenos-aires-1969.html>. Acesso 27 ago. 2021.

desapareceu. Desapareceu. Nunca mais eu ouvi falar. Cheguei a perguntar, ninguém sabia mais dele. Então, as pessoas foram mortas por aquelas ditaduras, então uma coisa muito cruel, uma coisa terrível. E uma cultura assim que se ressentiu dessa perseguição. Não sei qual foi o pior, se foi o Brasil, Uruguai ou Argentina. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Glenda relata que teve alunos que perderam seus familiares, enquanto nos noticiários era relatado diversos casos de desaparecimentos de pessoas. Glenda se ressentente, pois como afirma, “[...] da diferença de quando eu era aluno, era tudo normal e aquela, gozação, aquelas reuniões dançantes, os bailes, não sei o que mais, que era uma vida normal de jovem [...]”, o que drasticamente mudou quando começou a lecionar, “[...] depois como professora vendo os alunos passarem por uma coisa que era perigosa”. Orgulha-se em ter dado o seu melhor, fazer boas amizades com seus alunos e segurar, nem que fosse um pouco, a angústia sofrida por eles durante esse período sombrio da história.

Para Glenda, sua paixão pela História foi seu diferencial na conquista dos alunos em sala de aula, “[...] eu levei esse gosto pela história, para a história nossa, para a história da Arquitetura, da Engenharia e sei lá o quê, junto com a história geral.” Se recorda que um colega, com um certo desdém, informou que o conhecimento em história geral não era necessário para ministrar a disciplina de história da arquitetura, algo que Glenda refuta veementemente,

[...] tu não dá história da arquitetura sem saber história. [...] não vou dizer que a voluta era desse tamanho na Idade Média [...] não dá para mudar só a fórmula das coisas, não dá. Tem que ter o porque que muda, porque se transforma os materiais, as formas de construir e tal coisa, isso aí é a graça, vamos dizer, da história tu dar um porquê das coisas. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Da sua paixão em viagens, procurava conhecer os lugares e os atrativos que conhecia dos livros, “[...] eu viajei muito, o que deu para viajar eu viajava muito também para a Europa, principalmente França, Portugal, Espanha. Para fotografar, vamos dizer, todas aquelas coisas que eu conhecia da própria história da arquitetura, do gótico, do românico, as transformações das igrejas, dos palácios, das cidades, [...]”. Glenda adorava conhecer novos lugares, culturas, adquirir conhecimento e consequentemente, compartilhar isso em suas aulas,

[...] eu sempre gostei muito, viajava bastante né, pela Secretaria. Conheci muito, não digo o Estado inteiro, mas quase inteiro. Então as regiões, as Missões, a fronteira, [...] a fronteira com Uruguai, com a Argentina, meu Deus do céu, a fronteira então. A minha tese de mestrado foi a organização espacial da fronteira, das fronteiras de Argentina, Uruguai e Brasil, no caso do Rio Grande do Sul, né. Que é uma história interessantíssima, de como a Argentina ficou Argentina e o Uruguai ficou aquele pedacinho entre a Argentina e o Brasil, eu queria descobrir como aconteceu aquilo. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Enquanto realizava seu mestrado e doutorado, Glenda não resistia em passar nas livrarias. Assim como relata Benjamin (1987, p. 232) sobre o colecionador que vem ao socorro de um livro, no desejo de possuir e agregá-lo em sua estante, Glenda não resistia em suas viagens sem adquirir e levar consigo mais livros, “[...] aquelas livrarias de Buenos Aires [...] Asunción [...] as livrarias dessas cidades são assim: tu entra ali, tu não quer sair mais”. E não demorou muito para se deixar apaixonar pela cultura argentina e o tango,

[...] E até hoje lá em casa, as irmãs, a gente gosta muito de tango, tem paixão por tango e a música folclórica, a música folclórica argentina é maravilhosa, eu adoro. Quando eu fui pela primeira vez no Congresso de Arquitetura em Buenos Aires, então eles reuniram um evento, tal que coisa, então teve grupos de música, música regional argentina, maravilhosa. Eu até hoje me arrepio, tenho os discos até hoje, que eu trouxe de lá. Mas uma coisa que a gente não conhecia que tem a ver conosco, mas tem uma especificidade portenha, muito característica da Argentina. Límpida. A música folclórica argentina e o Uruguai também, maravilhosa. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Glenda também atuou brevemente junto à Metroplan, mas, segundo ela, foi uma experiência muito rápida e limitada, principalmente pelos contratos, uma vez que abrangiam exclusivamente a Região Metropolitana, logo, suas atividades se limitavam muito em participações de congressos e eventos. Segundo Glenda, a Metroplan tinha seu próprio sistema de planejamento urbano e regional, por isso, atuava mais no interior do Estado, como a Região Missioneira e fronteiras, como Argentina, Paraguai e Uruguai,

[...] A Metroplan foi muito rápido, vamos dizer, eu não cheguei a, vamos dizer, me entrosar muito. Trabalhava na Secretaria de Obras, no setor de planejamento urbano e regional. Então os contatos com a Metroplan, como é só na Região Metropolitana, eram menores, vamos

dizer, muitas vezes em congressos e coisas assim. [...] eu trabalhei mais com o interior do Estado, né, com todas as regiões do norte do Estado, as Missões, as Missões maravilhosas, a parte de fronteira, também que é muito linda, muito rica, né, Fronteiras com a Argentina, com o Uruguai, Paraguai inclusive. Então, o resto, vamos dizer, da Região Metropolitana, nunca entrei muito na Região Metropolitana. Claro que em congressos e coisas assim, a gente trocava figurinha nos institutos, nas coisas profissionais, no IAB, no sindicato, etc. A gente sempre trocava figurinha, vamos dizer, mas a atuação mesmo era interior do Estado, onde trabalhava, na Secretaria de Obras e na faculdade, né. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Glenda, que também lecionou na Uniritter, relata em seu depoimento a diferença em voltar para a sala de aula após o período da Ditadura, porém, o que mais lhe marcou, foi a diferença presente no aluno de uma instituição privada quando comparado a outro de uma instituição pública,

[...] não tenho palavras para descrever o que é tu estar numa universidade pública, não paga, onde tu pode exigir do aluno que ele seja aluno, que ele leia, que ele aprenda, que mostra que aprendeu, com uma universidade particular que vai pelo dinheiro e que o aluno vem tirar, tô pagando isso, tu tem que fazer isso. O aluno quer mandar no professor, quer [pausa], ah, foi um horror. Eu aguentei, acho que aguentei um semestre na Ritter ou um ano? Eu acho que fiquei um ano, por causa dos alunos [...]. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Para Glenda, são esses estudantes os responsáveis pela defesa do patrimônio amanhã. Como ela mesmo argumenta, os movimentos de sindicatos e órgãos de defesa do patrimônio, vem perdendo terreno frente aos avanços da destruição de prédios e patrimônios históricos. Um dos seus maiores temores é com o fim da arquitetura luso-brasileira no Estado, presentes em cidades como Pelotas e Rio Grande,

[...] Então eu vejo, não sei, não sei direito, pena até de ir a Pelotas, por exemplo, porque sou apaixonado por Pelotas. Pelotas tem um patrimônio histórico, Rio Grande também, maravilhoso. São construções de altíssima qualidade para a época que foram construídas, com materiais que são duráveis ou eram duráveis, não sei como está hoje. Então é lamentável tu ver desaparecer toda uma história urbana que foi núcleo de regiões no Estado [...] (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Glenda, que sempre foi defensora do patrimônio cultural, esteve à frente da preservação do patrimônio histórico da cidade de Triunfo. Ainda como estudante de Arquitetura, foi à cidade em uma visita com sua mãe para conhecer a cidade onde sua avó viveu. Vendo os casarões ali presentes tão bem conservados, já que na época o acesso ainda era marítimo com a Capital, temia que as obras do complexo do Pólo Petroquímico viessem a destruir aquele patrimônio único. Retornando para a Secretaria de Obras, Glenda informou então ao seu chefe, sobre a situação ali presente. Eles conseguem então o contato com o grupo que estava fazendo o projeto do Pólo Petroquímico, onde, após apresentar os relatos sobre a preservação do local, Glenda ficou responsável pelo Plano de Diretrizes para a Preservação do Patrimônio Histórico de Triunfo,

[...] em Triunfo, um casarão que a gente estava querendo preservar, aliás, a cidade inteira na época, a gente conseguiu que fosse preservado, não sei como está hoje. A gente conseguiu tombar Triunfo, porque Triunfo mantinha um casario do século XVIII, mil setecentos e pouco, que estava perfeito. Eu entrei num telhado daqueles do século XVIII, que o madeiramento estava inteiro. Não tinha um cupim, não tinha nada, ele estava inteiríssimo. Então do século XVIII, no século passado, agora, no começo do século, sei lá quando eu fui a Triunfo, quando eu fui e fiz o trabalho para Triunfo. Então coisas que não merecem ser destruídas. Porque naquela época, que eu fiz esse trabalho, não existia ainda a ponte que ligava a região de Porto Alegre com o interior do Estado. Que era através de barcas que tu atravessava o Guaíba, né. Depois fizeram a ponte, já começaram [pausa]. Mas naquela época, era [pausa], acho que pela própria dificuldade da travessia, não tinha o Pólo Petroquímico ainda, então a cidade estava preservada e as casas estavam inteiras. As esquadrias, o madeiramento, o telhado, estavam perfeitos. Então é uma coisa fantástica do século XVIII. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Sobre a atual gestão pública, Glenda manifesta uma profunda tristeza para com o cuidado e zelo dos patrimônios históricos. Para Ricoeur (2007, p. 416), o malefício da patrimonialização está em reduzir o lugar de memória ao sítio topográfico, que acaba sendo muitas vezes negligenciado e, para Glenda, lamentável que o patrimônio histórico do Estado e seus recursos sejam administrados por políticos sem nenhuma expertise no assunto,

[...] Então é lamentável, não foi só eu, uma turma de arquitetos, engenheiros da década de 60-70, sei lá, que a gente trabalhou muito para a preservação de obras de arte em termos de arquitetura, de

urbanismo, que estão sendo simplesmente ignoradas. Porque essas pessoas não têm a mínima cultura, vamos combinar que a nossa classe política, me desculpe um que outro, que tem alguma coisa que preste, mas a maioria não sabe nada de coisa alguma. Começar no nosso caso, do atual, por essa pessoa terrível, que está na presidência da república, que é um ignorante. Ignorante total e absoluto. Não tem a mínima ideia do que se trata o país, a história do país ele não sabe nada. Então, uma coisa lamentável. Eu sinto até, numa idade que não posso mais sair para a rua, para abrir a boca [risos], botar um cartaz, tal que coisa, porque [pausa], e depois as entidades também me dói muito, que as entidades profissionais que no tempo que eu era mais moça e trabalhava, vamos dizer na universidade ou no Estado, os profissionais se reuniram para preservar coisas da nossa história de cidades, do Estado e do país também. Quer dizer, órgãos como o IPHAN ou nossos [pausa], ai meu Deus do céu, às vezes me foge [pausa], entidades profissionais, né, IAB, sindicatos, etc. Nós nos reuníamos, os sindicatos, o IAB, no caso de arquitetura, para preservar coisas de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul, tal de coisa, e tínhamos uma recepção, vamos dizer, uma recepção não, uma qualidade de engenheiros, de arquitetos e pesquisadores, que se reuniam para preservar coisas importantes para nossa história. E hoje em dia, não tem mais nada, não tem mais nada. Com esses governos, que são ignorantes e estão por aí. (Trecho da entrevista concedida em 09 de agosto de 2021).

Apesar de não sair mais de casa, salvo em raras ocasiões, Glenda ainda se interessa e acompanha assuntos ligados à arquitetura, como no caso das obras do Pontal do Estaleiro e da Orla de Porto Alegre. Glenda relata ser desanimador que um discurso tão antigo, com mais de 10 anos, ressurgisse dos dias de hoje. Ainda naquele tempo, ela já era totalmente contrária sobre tal intervenção arquitetônica na cidade. Glenda argumenta que, “[...] os edifícios vão fazer um paredão para a cidade, então a ventilação de Porto Alegre vai ficar prejudicada e a Orla vai ficar uma porcaria.”

Para Glenda, faltam aos gestores a mínima noção de espaço urbano. Onde consigam perceber a necessidade de se criar na Cidade espaços agradáveis que permitam a vivência e circulação de pessoas, espaços que propiciem reunião, permitindo que seja usufruído com segurança por famílias e crianças, mas que também tenha a mobilidade necessária, não só de automóveis, mas bicicletas e outros meios de locomoção.

Quadro 5 – Quadro sinóptico dos pontos da entrevista realizada com Glenda, em 09/08/2021.

TRAJETÓRIA SOCIAL	Era para ter nascido Glauco
	“Meu pai teve só o primário, [...] ele lia muito. A livraria que tinha lá em casa era bem consistente, vamos dizer, ele gostava muito de policiais, mas sempre bons autores. E a minha mãe fez curso até de para ser professora, no fim casou, teve nós três, somos três irmãos e meu pai ganhou muito dinheiro com o couro na época da Guerra, então nós morávamos numa casa bem boa, na Venâncio Aires, ali atrás do Colégio Militar com um baita de um pátio, bichos, galinhas, cachorros, gatos, então foi uma infância bem legal assim. Só que eu, como eu era a terceira, eu era para ter nascido Glauco, porque nós temos a Gladis, a Glaci era para vir o Glauco. Aí vem eu. Aí saiu uma Glenda [risos]. Entre assim meio decepcionando o pedaço [risos]. Mas tudo bem.”
	Passava as férias lendo em casa
	“[...] tinha o Tesouro da Juventude, era uma coleção que tinha, meu pai tinha, meu pai não, minha irmã tinha. Mas minha dinda já tinha, a gente conhecia essa coleção. E teve uma outra de clássicos, então o pai gostava muito de ler e aquilo começou a [pausa], eu passava as férias, por exemplo, do colégio, passava lendo em casa. Então gostava muito de ler. Os policiais, policiais da Editora Globo, da época, eram muito, eram gente muito boa, né. Então o pai gostava muito dos policiais, eu lia muito aqueles policiais e tal, e aí eu peguei esse gosto por literatura.
	O pai tocava violino e a mãe tocava piano, sempre dava briga
	“E depois que o pai perdeu tudo, perdeu a casa, tal que coisa, tem o piano, que até hoje, esse aqui ficou comigo, o piano da minha mãe. E o pai tocava violino e a mãe tocava piano, sempre dava briga porque um dizia que o outro tinha errado o acorde, porque não é esse o acorde [risos]”
	Tá bom esse acorde hein
	“[...] cheguei a estudar dois ou três anos de piano no Colégio Americano, mas eu era criança ainda, tinha uns 8 anos, então toco aqui assim, cachorro vai, cachorro vem, assim de ouvido, né. De partitura mesmo, eu sei a Valsa do Adeus [risos], que eu ficava brava porque com a mãe, porque a mãe tocava a Valsa do Adeus blá, blam, blam, blam. Rápido demais. Eu ficava brava com ela, até que eu peguei a partitura e tirei eu mesmo a Valsa do Adeus [risos]. Então a única música que eu toco por partitura, o resto, é tudo de ouvido [risos]. [...] às vezes eu ouvia muito rádio, gostava de música e eu me lembro que uma música, agora me esqueci do nome, que eu ouvia, achava lindo, lindo, lindo, até que eu consegui tirar no piano, marcar os acordes

	<p>direitinho, com ela até conseguir então alguma coisa. Até meu pai um dia passou assim, eu estava tocando piano, 'Hã, tá bom esse acorde hein', porque se, eu digo, se o pai disse que tava bom meu acorde. Meu pai me elogiou meus acordes, olha tô, tô bem na foto [risos]."</p>
	<p>E eu gostava muito do pai</p>
	<p>"É, e ele morreu cedo, né. Uma coisa muito desagradável, uma coisa. E eu gostava muito do pai, meu pai era uma pessoa, ele cantava, tocava, tocava gaita, violino, era músico e ele gostava, por isso que ia nos bailes e coisas assim, ele cantava, ele tinha um grupo de músicos que faziam essas festas, e ali iam as cervejinhas junto, né. E a cervejinha foi que pegou o coração dele e ele faleceu. Então, então quer dizer, foi uma família meio, meio [pausa], fora assim da, da como, pelo menos a gente conseguiu sobreviver e uma das coisas que minha mãe sempre dizia é que o que tá na tua cabeça ninguém tira. Podem te tirar a roupa, te tirar os sapatos, tirar tudo, agora o que tu tem na cabeça, não. Então minha mãe sempre teve o cuidado de vamos dizer, de fazer com que a gente estudasse. Então foi mais ou menos isso que nos salvou."</p>
	<p>A sola dos pés fazendo cócegas na calçada</p>
	<p>"[...] era uma miséria desgraçada. Não tinha dinheiro, não tinha nem para sapatos. Eu estava com a sola dos pés assim, fazendo cócegas na calçada."</p>
<p>ETHOS</p>	<p>Matemática assim, nunca, nunca foi meu forte</p>
	<p>"O que faz o arquiteto, toda a parte técnica, por exemplo, de cálculo, não sei o que mais, matemática assim, nunca, nunca foi meu forte. Projeto sim, projeto de casas, e de [pausa], e eu me dediquei muito quando eu fiz o pós graduação em Urbanismo. Aí me achei um pouco mais, porque, porque eu fechei o meu trabalho na Secretaria de Obras, tal de coisa, com, então, passei, fiz o curso de extensão de Urbanismo, depois fiz o doutorado foi em História, o mestrado é que foi em Urbanismo. Não, foi História Urbana, agora não me lembro mais. Sei que fiz mestrado na PUC e o douto-, não, fiz o mestrado na UFRGS e o doutorado na PUC. Doutorado foi em História, né. Aí eu juntei né, História, Urbanismo, aí é o que eu gosto, é o que gostei, trabalhei muito na Secretaria de Obras foi no planejamento urbano dos municípios do Rio Grande do Sul."</p>
	<p>Era uma coisa muito cautelosa</p>
	<p>"Foi muito terrível. Tem colegas que conheci lá, que nunca mais ouvi falar. Não procurou, não achou, ninguém sabe, ninguém viu.[...] Sumiram.[...] A gente tinha que cuidar do que dizia, do que fazia e tal. Mas eu acredito que dentro da faculdade de</p>

	<p>Arquitetura, havia uma comunidade, vamos dizer, entre alunos e professores e muito pouca gente, tinha gente a favor da Ditadura. Tinha gente, isso aí, isso aí não é. [...] Não era escondido, mas tu tinha que ter muito cuidado com o que tu falava, com que tu não falava, com quem tu falava, o que tu falava, com quem tu falava. Porque [pausa], tinha colegas de aula que eram, que eram [pausa], vamos dizer, não digo em delatores ou coisa parecida, mas eram simpáticos à Ditadura. E a maioria, claro que não. Mas sempre tinha que ter esse cuidado. Então era uma coisa muito cautelosa.”</p>
	<p>Sempre fui fissurada em História</p>
	<p>“Ah sim, porque né, eu sempre fui fissurada em História. Então eu levei esse gosto pela história para a história nossa, para a história da [pausa], da Arquitetura, da Engenharia e sei lá o quê, junto com a história geral. Porque tu não dá história da arquitetura sem saber história. Eu me lembro que teve um colega que: “Ai Glenda, tu não precisa saber história para dar história da arquitetura”, eu digo, não vou dizer que a voluta era desse tamanho, na Idade Média, depois [pausa], então eu, não dá para mudar só a fórmula das coisas, não dá. Tem que ter o porque que muda, porque se transforma os materiais, as formas de construir e tal coisa, isso aí é a graça, vamos dizer, da história tu dar um [pausa], um porquê das coisas, então. E eu viajei muito, o que deu para viajar eu viajava muito também para a Europa, principalmente França, Portugal, a Espanha [pausa]. Para fotografar, vamos dizer, todas aquelas coisas que eu conhecia da própria história da arquitetura, do gótico, do românico, do [pausa], as transformações das igrejas, dos palácios, das cidades, então isso.”</p>
	<p>Tu acredita em Deus na hora</p>
	<p>“Eu tenho até hoje a coleção de slides e de fotos que eu tirei da Europa que [pausa], e é uma maravilha, que tu ir lá e conhecer ao vivo e a cores, aquilo que tu dava para teus alunos, né? Eu nunca vou esquecer, por exemplo, que eu viajei para a Europa com uma colega e não fomos conhecer a Notre Dame, a Notre Dame estava tendo uma missa para uns jovens [pausa], padres que tinham sido mortos no norte da África, era uma missa assim, com um coral de de padres, maravilhoso, tinha um pôr-do-Sol aqui à direita e entrava aqueles raios de luzes coloridas dos vitrais e aqueles, eu disse para minha [pausa], eu me arrepio até hoje, eu digo assim: ‘Meu Deus do céu, tu imagina isso daqui na Idade Média, século XI a Notre Dame’, não sei se era Notre Dame, era Notre Dame, tu acredita em Deus na hora, né. Porque vem aqueles raios coloridos, aqueles vitrais maravilhosos com imagens de Jesus e Cristo, aquelas luzes coloridas entrando pelos vitrais, tu acredita em Deus na hora, né? [risos] Não tem nem discussão [risos]. Não precisa nem convencer o cara. Então tu não [pausa], e eu digo que isso é o que vale uma viagem [pausa], para Paris! Eu fiz outras viagens</p>

	<p>também para as catedrais das [pausa], das cidades do entorno de Paris que tem maravilhas também em termos de igrejas românicas e góticas, né, que são lindíssimas. E estão de pé, até hoje! Século XII, século XII, né [risos].”</p>
	<p>Dos perigos da universidade particular</p>
	<p>“Ah, tinha. Muito diferença. Era outro tempo, muita diferença, porque [pausa], e eu não me dei bem, vamos dizer com a [pausa], universidade, a faculdade [pausa], paga, que não é do Estado, que não é da União. Porque tem toda uma [pausa], eu me lembro, eu nunca vou me esquecer, não foi para mim, mas foi para um colega meu, que uma aluna disse assim, um aluno do Ritter dos Reis, disse para ele: ‘Ai professor, eu pago 700 pila por mês e eu ainda tenho que ler livro?’, isso aí te dá um diagnóstico assim dos perigos da universidade particular. Porque tu vai no dinheiro, tu está comprando um diploma e não está se formando como pessoa, como profissional.”</p>
	<p>‘Ohh, meu Deus’. Fui citada!</p>
	<p>“[...] Eu fui por acaso, porque minha avó, minha avó era de Triunfo. Então eu digo: “Oh, vou conhecer.”, quando eu estava estudando, era estudante ainda, digo: “Mãe, vamos dar uma volta, vamos conhecer lá Triunfo que tem uma cidade, umas casas interessantes e tal”, fui lá e a partir disso aí eu comecei a fazer um trabalho em cima de preservação dessas cidades ao longo do Jacuí, que eram toda a [pausa], como vou dizer, a economia e toda a vida social do Rio Grande do Sul, atravessava por barcos também, né. [...] E eu ia para a Secretaria de Obras, falei com meu chefe que era o José Albano, na época, eu digo: “Albano, tu não pode imaginar, aquilo lá tem que fazer alguma coisa, porque vai ter o Pólo Petroquímico eles vão destruir tudo”. E aí, o seu José Albano, aiii, agora é José Albano mesmo o nome dele? Ele conseguiu com o grupo que estava fazendo o projeto do Pólo Petroquímico, conseguiu falar com o diretor da [pausa], não sei se era o diretor ou gerente das obras, que a gente tivesse uma entrevista que a gente pudesse falar sobre a preservação do patrimônio. E ele que era uma rica de uma pessoa, agora me esqueci do nome, ficou meu amigo inclusive. Inclusive esqueci do nome, desculpa meu amigo. Mas ele diz: “Não, tu não quer fazer isso para nós?”. Eu digo, eu faço. Então o Triunfo ficou para mim organizar o plano de Triunfo com preservação dos casarões coloniais que ainda tinham. Então, foi bem legal, porque não só a, como é, o pessoal da, empresa essa, como é, Pólo Petroquímico, como pessoal da cidade me assumiu, assumiu de preservar. [...] Madeira de qualidade e de preservação, né. Nunca vou me esquecer, eu entrei naquele telhado com os olhos deste tamanho, digo uhuuu, tudo com barata, aranha, não tinha nada. Tinham umas sujeirinhas, claro, aranhinhas sempre teve, mas a madeira estava perfeita, perfeita, perfeita. Então tu vê o seguinte, eram portugueses, não</p>

	<p>eram nem brasileiros ainda. Portugueses que sabiam tratar de madeira, ter o tratamento necessário e absoluto para a madeira funcionar por séculos. Então isso é uma coisa fantástica, eu acho. [...] Então eu fiz um plano de preservação do patrimônio histórico de Triunfo, tal de coisa, foi feito, foi entregue e tal. E foi muito gratificante que uns 2-3 anos depois, agora não me lembro que [pausa], mas foi depois que eu já tinha terminado todo o trabalho, que eu ouvi na televisão o prefeito de Triunfo: ‘É, porque Triunfo é isso e aquilo, e nós temos a preservação do patrimônio histórico e a Dra. Glenda’, e eu: ‘Ohh, meu Deus’. Fui citada. Coisa mais querida. Se eu tivesse presente, acho que eu dava um beijo no prefeito [risos]. Então fiquei muito faceira, vamos dizer que, parece que a população [pausa], porque se a população não assume a preservação do casario e daquele espaço, lá. [pausa] Tem uma praça linda, uns casarões ao longo da praça, um lugar bellissimo que na beira do rio, é muito bonito Triunfo. Faço questão de fazer a [pausa], como vou dizer, a propaganda de visitarem, porque vale a pena. [...] E um dos prédios, que eu me lembre, se não me engano, virou museu. Porque muita coisa se recolheu de [pausa], casarões que caíram, de não [pausa], tipos de tijolos, madeiramento como era. O madeiramento do século XVIII estava intacto! Entrei nos telhados em vários casarões daqueles, a madeira perfeita, uma madeira que os portugueses, vamos combinar, que eram portugueses ainda não eram brasileiros, que preservaram com a madeira tratada como deveria ser, né.”</p>
<p>VISÃO DE MUNDO</p>	<p>Nossa história está sendo destruída</p> <p>“Ah, eu vejo, eu sofro com isso inclusive, que é uma coisa muito [pausa], lamentável. Porque tem um patrimônio histórico aqui no Rio Grande do Sul e no Brasil inteiro, que as pessoas que estão nos cargos de [pausa], governador, presidente, sei lá, ninguém sabe nada de coisa nenhuma. Então a nossa história está sendo destruída, porque nada como espaços que viveram coisas do passado, que são inclusive, muitos deles são verdadeiras obras de arte, né, são paulatinamente sendo destruídos ou deixados apodrecer na cidade na [pausa], principalmente nos centros históricos das cidades que são os núcleos primeiros das cidades, né. Então é lamentável, [pausa], não foi só eu, uma turma de arquitetos, engenheiros da década de 60-70, sei lá, que a gente trabalhou muito para a preservação de obras de arte em termos de arquitetura, de urbanismo, que estão sendo simplesmente ignoradas. Porque essas pessoas não têm a mínima cultura, vamos combinar que a nossa classe política, me desculpe um que outro, que tem alguma coisa que preste, mas a maioria não sabe nada de coisa alguma. Começar no nosso caso, do atual, por essa pessoa terrível, que está na presidência da república, que é um ignorante. Ignorante total e absoluto. Não tem a mínima ideia do que se trata o país, a história do país ele não sabe nada. Então, uma coisa lamentável. Eu sinto até, numa idade que não posso mais sair para a rua, para abrir a boca [risos], botar um cartaz, tal que coisa, porque [pausa], e</p>

	<p>depois as entidades também me dói muito, que as entidades profissionais que [pausa], no tempo que eu era mais moça e trabalhava, vamos dizer na universidade ou no Estado, os profissionais se reuniram para preservar coisas da nossa história de cidades, do Estado e do país também. Quer dizer, órgãos como o IPHAN ou nossos [pausa], ai meu Deus do céu, às vezes me foge [pausa], entidades profissionais, né, IAB, sindicatos, etc. Nós nos reuníamos, os sindicatos, o IAB, no caso de arquitetura, para preservar coisas de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul, tal de coisa, e tínhamos uma recepção, vamos dizer, uma recepção não, uma qualidade de engenheiros, de arquitetos e [pausa], pesquisadores, que se reuniam para preservar coisas importantes para nossa história. E hoje em dia, não tem mais nada, não tem mais nada. Com esses governos, que são ignorantes e estão por aí.”</p>
	<p>Lamentável tu ver desaparecer toda uma história</p>
	<p>“Pelotas tem um patrimônio histórico, Rio Grande também, maravilhoso. São construções de altíssima qualidade para a época que foram construídas, com materiais que são duráveis ou eram duráveis, não sei como está hoje. Então é lamentável tu ver desaparecer toda uma história urbana que foi núcleo de regiões no Estado [...]”</p>
	<p>Gente que não tem a mínima noção de espaço urbano</p>
	<p>“Eu vejo, como vou dizer, que as entidades e as pessoas cuidavam de preservar o patrimônio, estão todas desvinculadas estão cada uma por um [pausa], então é, Sindicato dos Arquitetos, várias outras entidades, inclusive a OAB [pausa], OAB foi muito parceira, vamos dizer, em várias preservações que a gente conseguiu em Porto Alegre. Por exemplo, agora estão [pausa], projetando, projetando não, vão construir acho, aqueles edifícios naquela, naquele grande [pausa] Na Orla do Guaíba, uma coisa que lutei para ser contra, porque aquilo ali, bah, os edifícios vão fazer um paredão para a cidade. Então a ventilação de Porto Alegre vai ficar prejudicada e a Orla vai ficar uma porcaria. Porque aqueles edifícios são de quinta categoria, uma coisa horrível, feia tipo V.N.H do século passado, então é lamentável. Gente que não tem a mínima noção de espaço urbano. Afável ou agradável para a população. Não tem a mínima noção que a cidade precisa ter um espaço agradável, um espaço de vivência, de pessoas, de reunião, de família, de crianças, de bicicletas, de carro, que tenha domingos, feriados, locais abertos, na beira do rio. Ah, ninguém está mais nem aí para isso. Ninguém faz nada. É uma coisa lamentável.”</p>

4.6 FRAGMENTOS DE MEMÓRIA NO ACERVO

Um exercício natural ao manusear os livros em uma biblioteca é se perguntar como é que esse livro veio parar aqui? Afinal, a quem pertenceu este livro? Qual sua importância?

No caso da Biblioteca Enilda Ribeiro do IAB, dificilmente essas perguntas podem ser respondidas no simples olhar de estantes. Como não haviam termos de doações, muitos livros doados eram anexados ao restante da coleção, perdendo parte dessas informações ao serem adicionados ao restante do acervo.

Um dos exemplos desta perda informacional, são as obras pertencentes ao ex-Presidente do IAB-RS Francisco Danilo Landó. Alguns livros que possuem uma vertente de assuntos voltados para a psicologia do sujeito e administração, geraram uma dúvida durante a organização deste acervo. Como obras tão específicas, ali se encontravam? Muitos livros nem tinham uma identificação de propriedade, mas ao perceber outras obras semelhantes, foi possível agrupar e descobrir que eram deste arquiteto. Não que necessariamente fosse seu estilo literário, mas características de uso, marcações e a semelhança da grafia de sua assinatura com anotações presentes em outras obras, foi onde se identificou a origem destes livros.

Na organização e arranjo do acervo, foram definidas políticas e o termo de doação, para o controle de doações e registro dessas informações. Uma das primeiras doações a serem identificadas neste processo de registro de doações, foi a coleção bibliográfica doada pela professora Glenda para o IAB-RS.

A doação dos livros da Glenda (Figura 8), ocorreu em dois momentos, o primeiro contato foi realizado em janeiro de 2021, com a participação da professora e doutora Jeniffer Alves Cuty e o professor e doutor César Bastos de Mattos Vieira, onde foram doados 129 livros.

A segunda parte da doação foi realizada em outubro de 2021, com a diretora administrativa adjunta do conselho dirigente do IAB-RS e vice-diretora executiva do Centro de Memória do IAB-RS Tamáris Pivatto, o professor e doutor César Bastos de Mattos Vieira e o aluno de graduação em Biblioteconomia Osmar Weyh, onde foram doadas mais 31 caixas de livros, com aproximadamente 1.598 livros, que foram anexados ao acervo da Biblioteca Enilda Ribeiro no IAB-RS.

Figura 8: Doação dos livros: professora Glenda e Tamáris

Fonte: Weyh (2021)

Ao organizar a primeira parte da doação (Tabela 6), percebemos a presença de exemplares em diferentes idiomas, adquiridos pela professora Glenda em suas viagens pela França, Portugal e países da América Platina, predominantemente em idioma francês e espanhol. Glenda fez muito uso destes livros em suas pesquisas e para o aporte de suas aulas, onde fazia a tradução de trechos, para dispor aos seus alunos.

Quadro 6 – Quadro de assuntos coleção Glenda

Temas	Qtde de títulos
Arte	23
Artigos de arquitetura	2
Biografias	4
Catálogos de eventos	1
Catálogos de referência	2
Comunicação	3
Engenharia	1
Ensino e aprendizagem	1

História da arquitetura	34
História do Brasil	2
História do RS	14
História Internacional	34
Legislação	1
Literatura brasileira	3
Museus	1
Planejamento urbano	2
Sociologia	1
TOTAL	129

Fonte: Weyh (2021)

Sobre a temática dos livros, predominam os assuntos sobre artes e história da arquitetura. Mas ao analisar superficialmente a coleção (Apêndice D), identificamos livros que abordam sobre planejamento urbano, área na qual Porto Alegre é pioneira no país; livros sobre a história geral, com destaque para o período medieval, principalmente sobre Portugal e Colônias, além de obras sobre a formação da região jesuítica no Sul do Estado.

Apesar das obras existentes na biblioteca Enilda Ribeiro abrangerem um escopo maior de assuntos, com livros que tratam sobre valorização do patrimônio, do planejamento urbano e participações em eventos da área, o acervo doado por Glenda, faz uma cobertura com visão mais artística e histórica da arquitetura, área de atuação como docente, que oferecem um panorama histórico para a compreensão dos estilos, materiais e inspirações que influenciaram os arquitetos de época. Os acervos literários acabam se complementando.

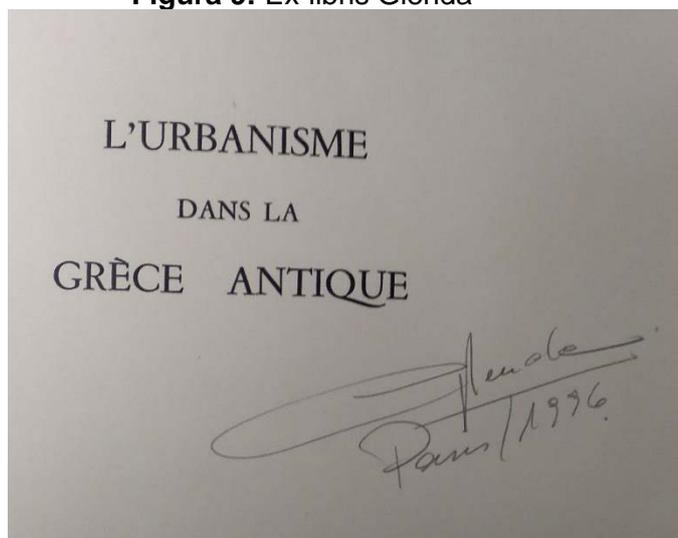
Como arquiteta, era previsível que os livros doados pela Glenda tivessem um diálogo com as obras já existentes no acervo do IAB-RS, os livros da Glenda se direcionam para pesquisas e estudos, temática presente no acervo geral do IAB-RS, mas que não apresenta tanta especificidade e volume de livros.

Percebemos que os fragmentos de memória presentes nos acervos, auxiliam para formular questionamentos e trazem consigo importantes informações sobre o acervo, bem como, nos auxiliam em novas informações. Eles permitem associações ou ideias, provocando, como afirma Ricoeur (2007, p. 25), um curto circuito na memória e na imaginação, evocando memórias ou se fixando como novas memórias, para um conhecimento sobre determinado fato.

Sozinhos, isolados, esses fragmentos podem não exprimir nada, pois necessitam sempre de uma associação com o próprio sujeito e um contexto. Um cartão postal ou uma moeda são apenas objetos, possuem sua função original, mas agregados em si a um fragmento de memória, remetem a um passado e diferentes histórias, permitem associações infinitas, quando dispostos dentro de um contexto ou de uma narrativa.

Percebemos isso nos livros doados pela professora Glenda. Quer seja por um estilo próprio ou sua forma de controle, existem diversos tipos de marcações nos livros. Assim como um Ex-libris, Glenda ao adquirir um exemplar, deixava sua assinatura e data de aquisição (Figura 9), uma marca pessoal e temporal, que permite construir narrativas de estudo posteriores, onde seja possível cruzar informações da aquisição de obras com a temática de estudos ou assuntos que ela estava realizando naquele período de tempo.

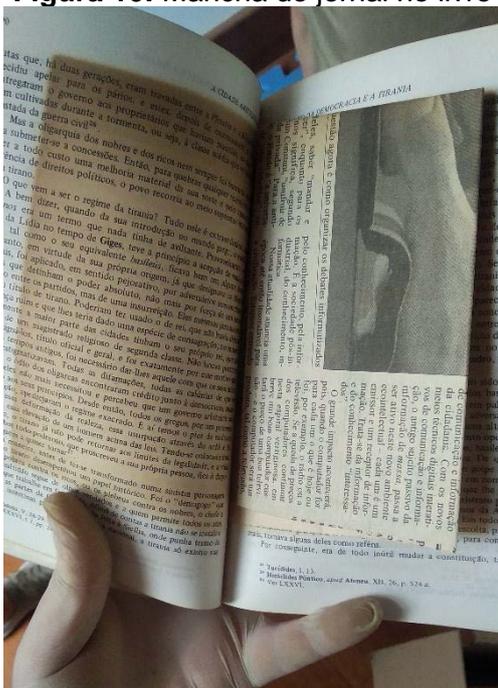
Figura 9: Ex-libris Glenda



Fonte: Weyh (2021)

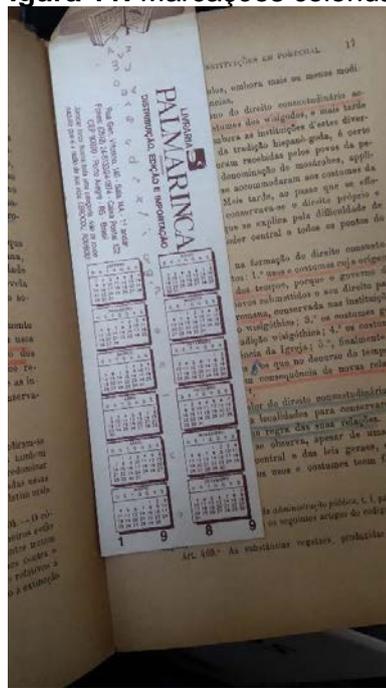
Outra característica, são as diversas peculiaridades presentes nos livros (Figura 10-13). Elas incluem, marcações pelo texto; uso de vários tipos de marcadores de página, alguns sendo de sebos onde a obra foi adquirida, outros improvisados, como cartões postais, recortes de jornal e tiras de folhas para impressoras matriciais e o encapamento de livros, um cuidado especial para a proteção do livro.

Figura 10: Mancha do jornal no livro



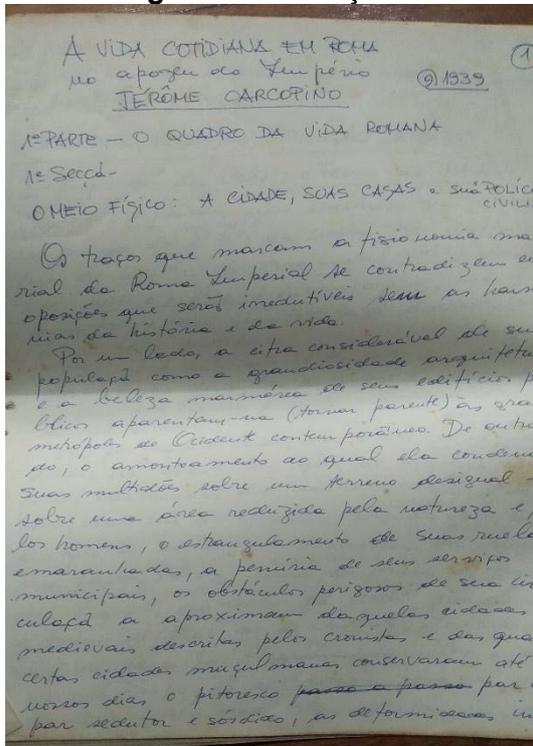
Fonte: Weyh (2021)

Figura 11: Marcações coloridas



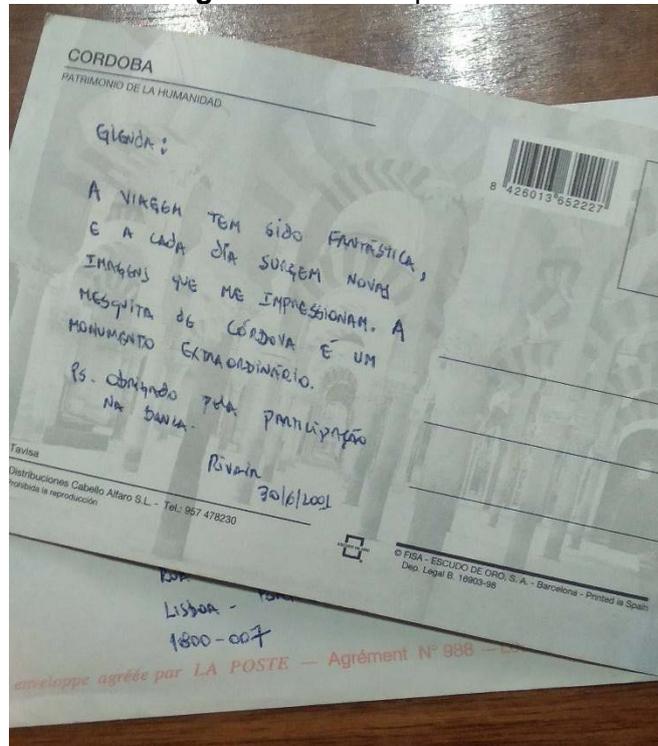
Fonte: Weyh (2021)

Figura 12: Anotações



Fonte: Weyh (2021)

Figura 13: Cartão postal



Fonte: Weyh (2021)

Apesar destes cuidados com os livros, podemos perceber na Figura 10, que o marcador improvisado de um recorte de jornal, transferiu a coloração para a página do livro, ocasionada pela acidez do papel do jornal. Outros danos comuns pela ação do tempo, como mofo e poeira, são facilmente identificados nos cortes superior e dianteiro, devido ao tempo exposto nas estantes.

Ainda não foi possível identificar a totalidade de livros presentes nesta doação, mas ao manusear estes livros, permitimos descobrir diferentes peculiaridades sobre o estilo literário e preferências de pesquisa de Glenda. Narrativas sobre suas viagens, vida acadêmica, interesses de estudos, preferências literárias, pessoas e lugares, são facilmente perceptíveis, indo muito além das informações ou temas contidos e abordados pelos livros.

Para tanto, nestes casos será realizado um tratamento arquivístico próprio, identificando essas obras e os fragmentos de memória ali presentes, a fim que se evite a perda informacional e se mantenha sua organicidade. Em geral, no processamento técnico é extremamente comum a perda destas informações, pois o tratamento em bibliotecas visa sistematizar item a item da coleção, identificando suas características informacionais, diferentemente do arquivo, que busca manter o conjunto de itens e informações ali presentes.

Vemos grandes potencialidades de estudos e pesquisas futuras essa coleção, bem como, a contribuição dela para com o acervo da biblioteca e ao público que dela irá usufruir no futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar a questão inicial desta pesquisa, que é verificar como se originou e está sendo estruturada a biblioteca do IAB-RS, bem como quais as possibilidades de valoração da coleção Glenda Pereira Cruz para este acervo, devemos ter ideia que uma biblioteca ou arranjo de acervo, começa antes de tudo com o propósito da Instituição, responsável pela salvaguarda do acervo. Conhecer primeiramente a instituição, sua razão de ser e, principalmente, qual é o público que visa atingir, são as questões fundamentais para iniciar um processo de organização de acervo, visando otimizar o espaço para se tornar uma biblioteca.

Dos objetivos desta pesquisa, conseguimos identificar não somente um pouco sobre a memória da biblioteca do IAB-RS, como percebemos, que além de um forte posicionamento político engajamento social, muito pouco ainda é documentado e registrado pelo Instituto, mas que podem estar presentes nas obras e nas narrativas das pessoas que por ali passaram, permitindo novas pesquisas nestes acervos. O IAB-RS tem um potencial enorme de público, os estudantes de Arquitetura, futuros profissionais e pesquisadores da área.

Vemos a importância das narrativas das interlocutoras, não somente o anseio do retorno desta biblioteca, mas sua paixão pelos livros e o posicionamento do IAB-RS como um local de cultura e conhecimento, além é claro, da valorização do livro e do seu aporte para pesquisas. As falas auxiliaram na compreensão da coleção e da formação do próprio IAB-RS, são informações que auxiliam tanto na organização e catalogação, como na construção de políticas específicas para doações, definindo uma pré-seleção de livros que a biblioteca está disposta a incorporar no acervo ou que venha adquirir. As narrativas e os fragmentos presentes nos livros, permitem não somente pesquisas, mas auxiliam tanto na compreensão de valorização do livro, como na memória do acervo e do local onde ele está situado.

Conhecer a professora Glenda e, principalmente, ter a oportunidade de ouvir sobre suas memórias, além do manuseio de seus livros, que, mesmo não sendo possível a análise com mais afinco, auxiliou-nos a compreender melhor como esse acervo pode vir a ser consultado dentro do IAB-RS, seus assuntos, idiomas, além da melhor representatividade de classificação e organização.

Como Ponto de Cultura, o IAB-RS já oferece ao público um espaço para a mediação da cultura, mas seu acervo, que carecia de cuidados, ainda permanecia

fechado ao público. A precarização das estantes e o acúmulo em local não adequado, contribuíram para uma depreciação do acervo e perda do controle das obras disponíveis, causando a dificuldade de acesso de pesquisadores para estes materiais.

Os livros organizados agora em um espaço adequado e futuramente catalogados, irão contribuir significativamente não só para a valorização da trajetória do IAB-RS, mas no auxílio aos pesquisadores e na fruição literária das pessoas que por ali passam e utilizam este espaço. Vemos pelas narrativas, que o instituto já abrigou uma biblioteca, já existe essa essência no acervo, podendo assim, a biblioteca contribuir futuramente em eventos diversos, retomando assim, os lançamentos de livros, a presença de autores literários, saraus, entre outros.

Vemos que a inexistência de um controle de doação de acervo ou de registro das obras, dificulta severamente a pesquisa sobre o pertencimento ou o levantamento de informações de como este livro foi incorporado ao acervo. A simples organização é somente uma das várias atividades a serem implementadas, entre elas a política da biblioteca, que define padrões para otimizar e proporcionar a melhor experiência de atendimento para com seu público.

Esse primeiro movimento, auxiliou-nos na compreensão do que já está disponível no acervo, sendo possível identificar que muitas das obras são doações espontâneas do público, que nem sempre abrangem os assuntos abordados pela biblioteca, a presença de um acervo considerável de periódicos, obras repetidas, desatualizadas ou danificadas, necessitam de atenção e cuidados de manuseio, que encarecem muito a gestão destes espaços.

Muito da descrição das obras para o processamento técnico restringe-se somente aos dados presentes no livro e à proximidade do catalogador com o assunto da obra. Nem sempre, portanto, é possível o diálogo com o escritor ou da pessoa que doou o livro e, mesmo que o processo de indexação de assuntos esteja voltado para quem futuramente fará uso, o ato de catalogar tem em si muito da personalidade do catalogador e do olhar naquele momento ou instante, o que torna difícil este exercício de afastamento pessoal para pensar na pessoa que de fato fará uso da informação, o público que frequenta a biblioteca. Por isso é interessante que o trabalho também seja realizado com mais olhares e, principalmente, com um profissional da área, se possível, auxiliando na compreensão dos assuntos e na identificação das obras relevantes.

Assim como em muitas áreas, a arquitetura tem diversas discussões sobre o protagonismo feminino e seu reconhecimento dentro da profissão. Em um Estado com fortes raízes culturais, discursos machistas são muito comuns. Porém, vemos que a realidade dentro da profissão é outra, existe esse estigma de ser uma profissão mais predominantemente masculina, em parte pela proximidade com as Engenheiras, mas a Arquitetura possui diversas representações femininas, que se destacam em muitos projetos e atividades.

Quer seja em qual posição que ocupem, diretoria, na coordenação de centros culturais e de memória, na gestão ou no ensino, vemos que a presença feminina são a maioria dos profissionais arquitetos e urbanistas, com versatilidade de atuação nas mais diferentes áreas. Cabe, assim como esta pesquisa, repensar estudos sobre essas protagonistas e dar oportunidade de voz e talvez, como repensar a arquitetura sob esse olhar feminino.

A atenção e o cuidado destes profissionais, seria uma nova forma de pensar sobre o coletivo? Como seria a cidade mais inclusiva para mulheres? Um dos estudos possíveis, seria esse protagonismo feminino frente a valorização do acervo cultural e na gestão do IAB-RS, que de 1948 até os dias atuais, teve somente três diretoras em sua gestão. Porém, quais as contribuições e legados deixados por elas? O que esse acervo fala ou se tem registrado sobre suas gestões?

Ainda sobre acervos, o IAB-RS ao assumir para si a salvaguarda destes acervos e o compromisso em ofertar uma biblioteca especializada em arquitetura e urbanismo, se aproxima do estudante e do pesquisador, nichos de público que ainda se tornam potencialidades a serem atendidas. A biblioteca, como centro da informação, tem os suportes necessários para a pesquisa e disseminação da informação, auxiliando o IAB-RS em cursos de especialização da área, permitindo que seu acervo aprofunde o conhecimento pelo público participante e ofereça os suportes necessários para pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ACERVOS IAB-RS. **Centro de Memória do IAB-RS**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/acervosiabrs/centro-de-memoria-do-iab-rs/>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- ARAÚJO, Letícia Oliveira de; LIMA, Gillian Leandro Queiroga. Uma proposta de arranjo documental para o acervo pessoal de Pedro Moacir Maia. **Informação em Pauta**, v. 5, n. 2, p. 178-200, 2020. DOI: 10.36517/2525-3468.ip.v5i2.2020.60816.178-200. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/60816>. Acesso em: 21 maio 2021.
- ASHWORTH, Wilfred. **Manual de bibliotecas especializadas e de serviços informativos**. Lisboa: Calouste Gilbenkian, 1967.
- BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BARBOSA, Cátia Rodrigues; CARMO, Monica Elisque. Centro de memória ferroviária. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 9, n. 1, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/151684>. Acesso em: 21 maio 2021.
- BARATTO, Romullo. **200 anos de ensino de arquitetura no Brasil**. Rio de Janeiro: Archdaily, 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/793358/200-anos-de-ensino-de-arquitetura-no-brasil>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987a. Obras Escolhidas. v. 1.
- _____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.
- _____. **Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1987b. Obras Escolhidas. v. 2.
- BICCA, Paulo. Arquiteto Theo Wiederspahn: um eclético no sul do Brasil. **Letras de Hoje**, v. 45, n. 4, p. 48-53, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/8553>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. *E-book* (165 p.).
- CAMPOS, Arnaldo. **Breve História do Livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

CARNEIRO, Marcelo Carbone. Considerações sobre a ideia de tempo em St. Agostinho, Hume e Kant, **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 8, n. 15, p. 221-32, mar/ago 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v8n15/a03v8n15.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.

CEZARINO, Maria A. da Nóbrega. Bibliotecas especializadas, centros de documentação, centro de análise da informação: apenas uma questão de terminologia?. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 7, n. 2, 1978. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/77414>. Acesso em: 13 jun. 2021.

CUTY, Jeniffer Alves. **A gente sempre pensou em termos de planejamento**: a cultura da preservação nas políticas urbanas em Porto Alegre. Orientador: Eber Pires Marzulo. 2012. 294 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de Pós- Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/60602>. Acesso em: 07 out. 2021.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ESPAÇO. Porto Alegre: Visual & Design, n. 1, abr. 2014. Mensal. Disponível em: https://issuu.com/iab-rs/docs/espaco_iabrs_01_/61. Acesso em: 25 ago. 2021.

FALEIRO, Felipe. Curtumes: uma história em constante construção. **Jornal do Comércio**. Porto Alegre, set. 2020. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/cadernos/empresas_e_negocios/2020/09/757841-curtumes-uma-historia-em-constante-construcao.html. Acesso em: 07 set. 2021.

FIGUEIREDO, Nice. Serviços oferecidos por bibliotecas especializadas: uma revisão de literatura. **Revista de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 3/4, p. 155-168. jul./dez. 1978. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/282>. Acesso em: 13 jun. 2021.

FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. Memória e informação. *In*. Estabel, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva (Org.). **Biblioteca**: conhecimentos e práticas. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 113-123.

GALERIA ESPAÇO IAB (Porto Alegre). **Histórico**. Disponível em: <http://galeriaespacoiab.blogspot.com/p/historico-da-galeria.html>. Acesso em: 25 ago. 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DE CULTURA. PORTELLA, Maria Emilia. **Solar do IAB-RS é o novo ponto de cultura de Porto Alegre**. 2015. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/solar-do-iab-rs-e-o-novo-ponto-de-cultura-de-porto-alegre>. Acesso em: 21 out. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Rio de Janeiro, Vértice, 1990.

IAB-RS (Porto Alegre). **IAB-RS**: Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.iab-rs.org.br/empresa/iab-rs.aspx>. Acesso em: 12 abr. 2021.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos Históricos**. São Paulo, v. 3, n. 6, p. 89-112. Mai/Ago. 1989. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200006. Acesso em: 30 jul. 2015.

LOSS, Miriam Moema. **Valoração de acervo bibliográfico**: estudo de preservação do patrimônio histórico, cultural e científico de uma biblioteca universitária. Orientadora: Jeniffer Alves Cuty. 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/198704>. Acesso em: 21 maio 2021.

MANGUEL, Alberto. **Encaixotando minha biblioteca**: uma elegia e dez digressões. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. *E-book* (154 p.).

MARQUES, Mariana Refosco. **Valoração de acervo histórico**: coleção Sarmiento Leite. Orientadora: Marlise Maria Giovanaz. 2019. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/199600>. Acesso em: 21 maio 2021.

MARQUES, Sergio Moacir. **A revisão do movimento moderno?** : Arquitetura no Rio Grande do Sul dos anos 80. Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2002.

_____. **Fayet, Araújo & Moojen**: arquitetura moderna brasileira no Sul - 1950 / 1970. 2009. Orientador: Carlos Eduardo Dias Comas. 746 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura - PROPAR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/65665>. Acesso em: 29 jun. 2021.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: História do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Ática, 1996.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Identidade Cultural e Arqueologia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 33-36. 1984. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=\\Acervo01\drive_n\Trbs\RevI PHAN\RevIPHAN.docpro&pesq=identidade%20cultural%20e%20patrimonio%20arqu eologico. Acesso em: 21 out. 2020.

MELLO, Bruno Cesar Eufrasio de (Org.). **Sindicato dos Arquitetos no Rio Grande do Sul: memórias de quatro décadas (1973-2013)**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2014. Disponível em: <http://saergs.org.br/wp-content/uploads/2015/06/LIVRO.-SAERGS-40anos.pdf>. Acesso em: 01 out. 2021.

MILANESI, Luis. **O que é Biblioteca?**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MIZOGUCHI, Ivan. **A formação do arquiteto**. Porto Alegre: Corag/CAU-RS, 2016. E-book. Disponível em: <https://www.caurg.gov.br/wp-content/uploads/2017/07/A-Formacao-do-Arquiteto.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

NOGUEIRA, Fernanda; GRACIOSO, Luciana. **Identificação e Caracterização dos Lugares de Memória Institucionais das Universidades Federais Brasileiras**. 2019 [Preprint]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10760/38602>. Acesso em: 21 maio 2021.

NORA, Pierre. Between memory and history: les lieux de mémoire. **Representations**, n^o. 26, p. 7-24, 1989. Berkeley: University of California Press. Traduzido por Marc Roudebush. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2928520>. Acesso em: 03 nov. 2020.

_____. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Tradução de Yara Aun Khoury. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 03 nov. 2020.

_____. Mémoire collective. In: Le Goff, J. et alli (orgs). La nouvelle histoire. Paris: Retz, 1978.

NUNES, Livia Fernanda Ribeiro. **Os 5 professores comunistas**: Demétrio Ribeiro, Edgar A. Graeff, Edvaldo P. Paiva, Enilda Ribeiro, Nelson Souza. Orientador: Fernando de Freitas Fuão. 2016. 252 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura na área de concentração de Teoria História e Crítica da Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/158420>. Acesso em: 25 maio 2021.

OLIVEIRA, Priscila Chagas. Fragmentos do pretérito: Reflexões Acerca Da Memória Individual e Coletiva. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 5, n. 9, p. 224-236, 30 abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17192>. Acesso em: 21 out. 2020.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **DataGramaZero**, v. 5, n. 5, p. 1-13, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5664>. Acesso em: 08 nov. 2020.

PASSOS, Rafael (Coord.); ORTÁCIO, Sabrina (Org.). **IAB-RS 70 anos: 1948 - 2018**. Porto Alegre: IAB-RS, [2019?].

PEREIRA, Fabíola Mattos; RIBEIRO, Diego. O processo de constituição de um acervo escolar e a biografia dos objetos: entre o visível e o invisível. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 22-40, nov. 2015. Anual. Disponível em: https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/11/03_Artigo02.pdf. Acesso em: 06 out. 2020.

PERES, Kellen Santanna. **Obras raras nas instituições de ensino superior: conceito, conservação e preservação da memória institucional**. Orientador: Rene Faustino Gabriel Junior. 2018. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/182036>. Acesso em: 21 maio 2021.

PONTUAL, Helena Daltro. **Niemeyer engajou-se na política e foi amigo de Prestes e Fidel**. 05 dez. 2012. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2012/12/05/niemeyer-engajou-se-na-politica-e-foi-amigo-de-prestes-e-fidel>. Acesso em: 26 jul. 2021.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Josiel Machado. O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 2, n. 8, p.175-189, 2012. Semestral. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237/235>. Acesso em: 08 nov. 2020.

SANTOS, Roberta Barbosa dos. **Entre silêncios e murmúrios: a biblioteca escolar no Colégio Farroupilha (Porto Alegre/RS, 1949-2000)**. Orientadora: Dóris Bittencourt Almeida. 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/139110>. Acesso em: 21 maio 2021.

SNBP. SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. **Tipos de bibliotecas**. . [2021?]. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/tiposdebibliotecas/>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SILVA, Magali Lippert da; COUTINHO, Kátia Soares; LOURENÇO, Katiane Crescente. Bibliotecas: reunindo e disseminando a informação. In: ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva (Org.). **Formação do Técnico em Biblioteconomia: educação profissional e tecnológica na modalidade EAD**. Porto Alegre: Evangraf, 2016.

SÜFFERT, Cainã Gomes. **Traços de memória e de documentos: uma trajetória dos 25 anos iniciais do Curso de Biblioteconomia na UFRGS.** Orientadora: Marlise Maria Giovanaz. 2017. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/175264>. Acesso em: 21 maio 2021.

TARGINO, Maria das Graças. **Bibliotecas Universitárias e especializadas de São Luís.** Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 16, n. 1, p.19-32, jan./jun. 1988.

THIOLLENT, Michel J. M. **Crítica Metodológica, Investigação Social & Enquête Operária.** São Paulo: Polis, 1987.

TOLOTTI FILHO, José Luiz. **Ecletismo e reciclagem: o edifício do MARGS, do Memorial do RS, e do Santander Cultural.** Orientadora: Carlos Eduardo Dias Comas. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/26716>. Acesso em: 27 jul. 2021.

TORINO, Isabel Halfen da Costa. A memória social e a construção da identidade Cultural: diálogos na contemporaneidade. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, dez. 2013. Mensal. Documento eletrônico. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/26/memoria-social.html>. Acesso em: 21 out. 2020.

VELTHEM, Lucia Hussak van; KUKAWKA, Katia; JOANNY, Lydie. Museus, coleções etnográficas e a busca do diálogo intercultural. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 3, p. 735-748, set.-dez. [online]. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981.81222017000300004>. Acesso em: 10 nov. 2020.

VIANA, Carlos Augusto Pereira. **Antônio Girão Barroso: Uma Biografia Fragmentada e Dispersa de um Poeta e Educador.** 2017. 167 f. Dissertação (Doutorado em Educação Instituição de Ensino) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Biblioteca Depositária: Universidade Federal Do Ceará/Centro De Humanidades. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/24236>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

APÊNDICE A: RELATÓRIO DA BUSCA BIBLIOGRÁFICA NAS FONTES DE INFORMAÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Nome da fonte	Campo(s) de Busca	Palavras ou frases empregadas na busca	Delimitadores	Nº de registros recuperados	Nº de registros úteis
Brapci ¹⁵	título, palavra-chave e resumo	memória and acervo and biblio* and preservação	Últimos 5 anos	8	2
Lisa ¹⁶	título, palavra-chave e resumo	Memor* AND preservation AND Libraries	-	61	0
E-Lis ¹⁷	título, palavra-chave e resumo	Memor* AND preservation AND Libraries	Últimos 5 anos	83	1
Banco de Teses e Dissertações da CAPES ¹⁸	título, palavra-chave e resumo	memória and acervo and biblio* and preservação	Últimos 5 anos 40 primeiros registros	249.230	4
Lume ¹⁹	título, palavra-chave e resumo	memória AND acervo AND biblioteca	Últimos 5 anos	1.541	5
Vitruvius ²⁰	título, palavra-chave e resumo	memória AND acervo AND biblioteca	Últimos 5 anos	25	0
			Total	250.948	12

¹⁵ Brapci. Disponível em: <https://brapci.inf.br/>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

¹⁶ Lisa. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

¹⁷ E-Lis. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/cgi/search/advanced>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

¹⁸ Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

¹⁹ Lume. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

²⁰ Vitruvius. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/pesquisa>. Acesso em: 21 de maio de 2021.

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro ter sido informado(a) e concordo em participar como interlocutor(a) do estudo abaixo descrito.

A participação é livre e o(a) interlocutor(a) tem o direito de solicitar quaisquer informações a respeito a qualquer momento, sem que isso acarrete prejuízo direto ou indireto a este indivíduo.

A pesquisa é de baixo risco para o(a) interlocutor(a) pois será coletada apenas a sua opinião e seu ponto de vista em relação ao acervo, assegurando sua confidencialidade. Ainda que de baixo risco, o interlocutor(a) poderá estar exposto a algum destes riscos: cansaço, exposição de sua identidade a partir das características da sua atuação, desconforto por estar sendo gravado.

A pesquisa “Memórias Femininas: a formação da biblioteca do IAB-RS e a coleção da arquiteta Glenda Pereira da Cruz” tem por objetivo primário: identificar a formação da biblioteca do IAB-RS e a valorização da coleção Glenda Pereira Cruz, através de narrativas e memória de interlocutoras que participaram da formação da BiCAER.

Os objetivos específicos são: - Identificar os valores e interesses Institucionais; - Analisar ethos, visão de mundo e trajetória social dos interlocutores; - Analisar o processo e os princípios que determinaram ou influenciaram na formação do acervo doado; - Identificar obras mais significativas e fragmentos de memória presentes na coleção Glenda Pereira Cruz.

A participação do(a) interlocutor(a) se dará através de uma entrevista não diretiva e aberta, que será gravada (em áudio/vídeo) para posterior transcrição e análise de dados. Os relatos transcritos serão restituídos aos/às interlocutores(as), se solicitado, e mantidos sob a guarda do pesquisador, como responsável, por um prazo de cinco (5) anos. A duração aproximada da entrevista será de 40 (quarenta) minutos. O(A) interlocutor(a) terá o direito de requisitar a transcrição da entrevista caso deseje retirar seu consentimento para a mesma.

Os dados coletados através da sua participação serão utilizados única e exclusivamente para fins acadêmicos, assegurando a preservação da sua identidade. Aos depoimentos serão atribuídos cognomes. Os dados serão armazenados por cinco (5) anos a contar a partir da data de defesa da dissertação, conforme Resolução 510/2016²¹. Informações.

Informações a respeito do estudo podem ser solicitadas a qualquer momento por meio do pesquisador, Osmar Weyh, sob a matrícula 233274 da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Endereço eletrônico: osmarweyh@gmail.com. Telefone: +55 51 9972.4962.

Este estudo está sendo desenvolvido, sob a orientação da professora Doutora Jeniffer Alves Cuty.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do responsável pela pesquisa: _____

Porto Alegre, ____ de _____ de 2021.

²¹ COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UFRGS. **Resolução 510/2016**. Disponível em: http://www.ufrgs.br/cep/resolucoes/resolucao-510-de-07-de-abril-de-2016-2013-ciencias-sociais-e-humanas/at_download/file. Acesso em: 08 jun. 2021.

APÊNDICE C: GRANDES TEMAS DA BIBLIOTECA IAB-RS

Temas	Qtde. de títulos
Administração	33
Administração pública	32
Anuários e catálogos de arquitetos	25
Arquitetura hospitalar	10
Arquitetura internacional	42
Arquitetura social	28
Arte, cinema e música	55
Artigos de arquitetura	88
Atuação profissional	55
Biografias	63
BNH (Banco Nacional da Habitação)	19
Catálogos de eventos	129
Coleção IAB	53
Coleção UIA	14
Comunicação	5
Construção e Engenharia	40
Coréia do Norte	37
Cultura afro	6
Design	10
Dicionários	8
Direitos Humanos	11
Economia	28
Ensino e aprendizagem	35
Estatística	2
Estilos arquitetônicos	13
Filosofia	13
Guias turísticos	10
História da arquitetura	28
História do Brasil	20
História do RS	37
História internacional	8
Legislação	57
Literatura	54
Manuais e guias técnicos	47
Materiais	13
Meio ambiente	14
Moradia	3
Museus	23
Paisagismo	10
Patrimônio Cultural	86
Planejamento urbano	121
Política	32
Política urbana	38
Porto Alegre	129
Rio Grande do Sul	57
Sociologia	19
Sustentabilidade	10
Técnica da arquitetura	25
Teoria da arquitetura	41
TOTAL	1731

APÊNDICE D: TEMAS COLEÇÃO GLENDA PEREIRA DA CRUZ

Temas	Qtde. de títulos
Acessibilidade	1
Arquitetura RS	13
Arte, cinema e música	130
Artigos de arquitetura	11
Biografias	26
Catálogos de eventos	1
Catálogos de referência	3
Comunicação (Jornalismo)	3
Construção e Engenharia	7
Design	4
Dicionários	18
Ensino e aprendizagem	10
Filosofia	6
História da arquitetura	236
História do Brasil	171
História do RS	167
História internacional	615
Legislação	1
Literatura	52
Missões	29
Mitologia	8
Museus	1
Paisagismo	6
Patrimônio Cultural	19
Planejamento urbano	25
Porto Alegre	27
Psicologia	13
Sociologia	9
Técnica da arquitetura	5
Teoria da arquitetura	25
Urbanismo	85
TOTAL	1727